



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

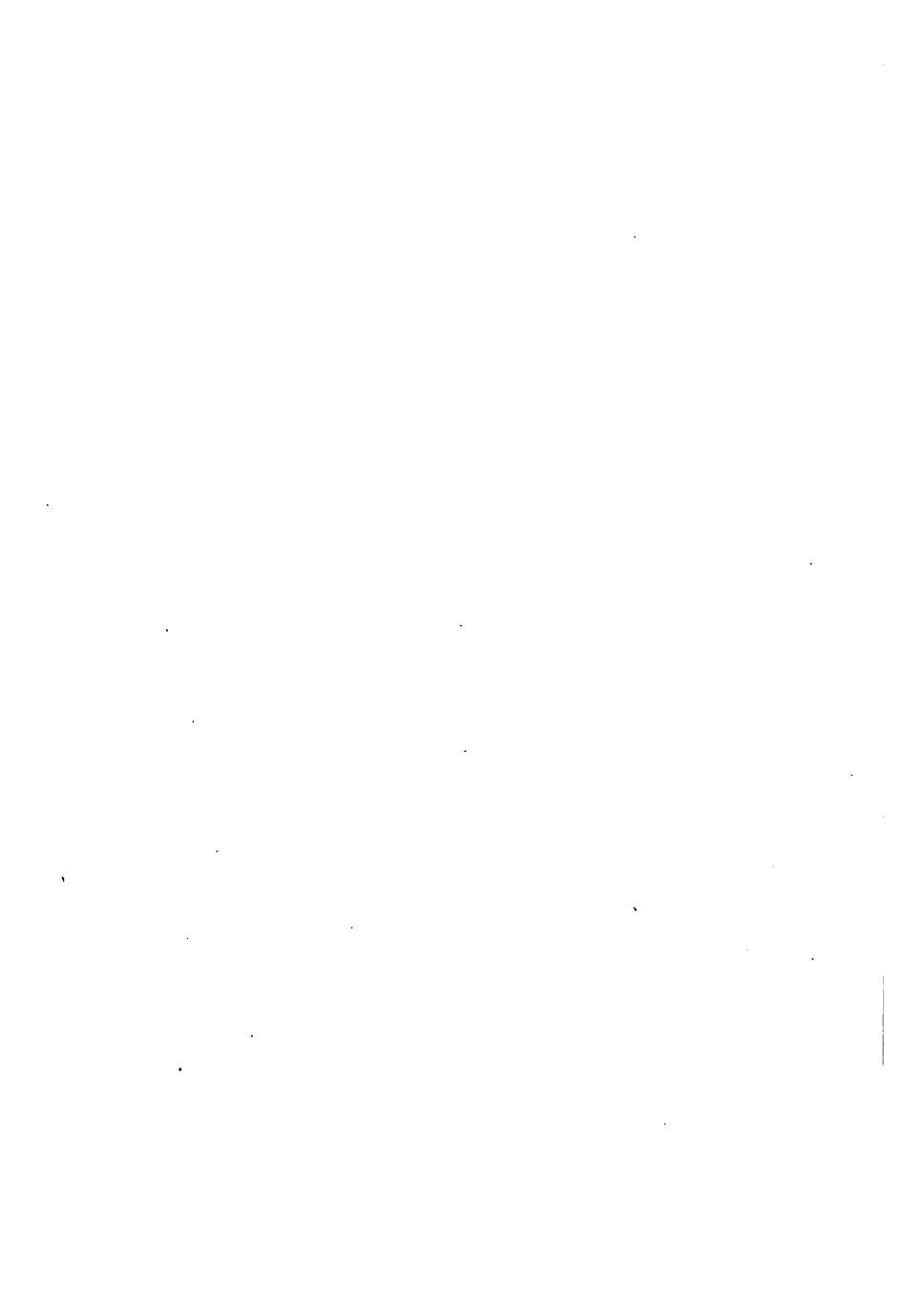
Pedimos que você:

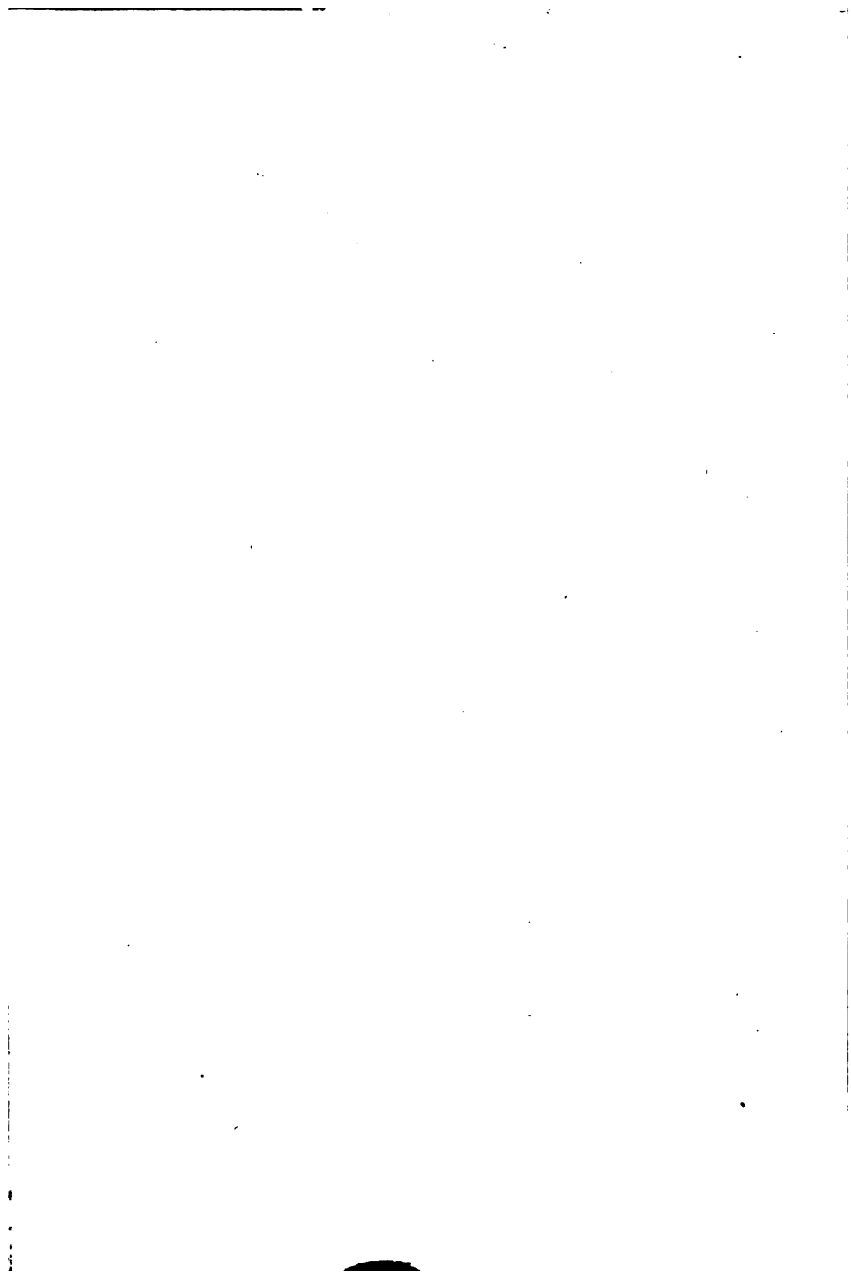
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>







BIBLIOTHECA  
DE  
CLASSICOS PORTUGUEZES

---

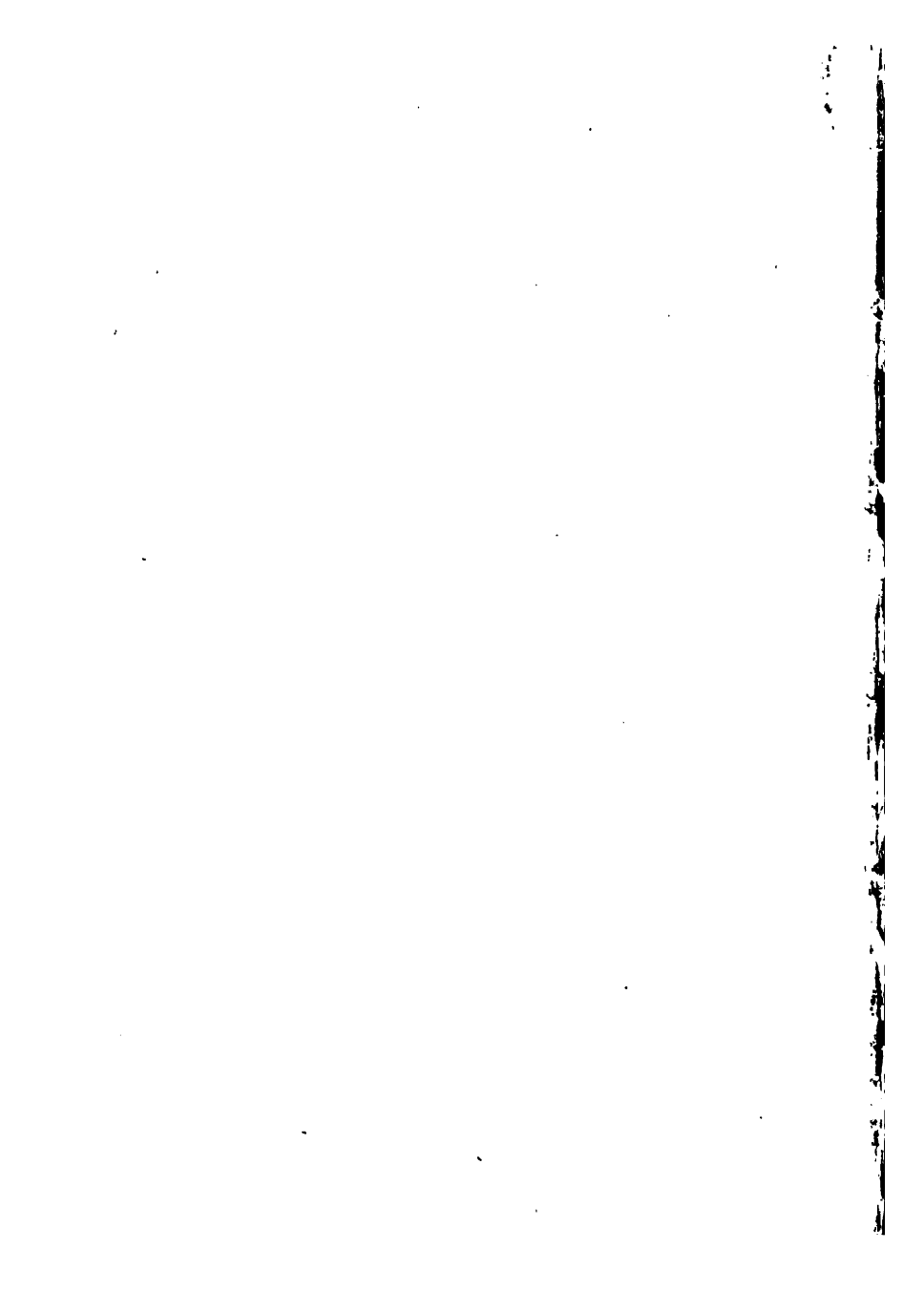
Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

---

Proprietario e fundador

*MELLO D'AZEVEDO*



BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES  
DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*  
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

---

CHRONICA  
DE  
EL-REI D. JOÃO I

POR  
*Fernão Lopes*

---

---

VOL. VI

---

---

ESCRITORIO.  
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147  
LISBOA  
—  
1898

DP

585

L8E

1897

v 6



Gen Lib  
Gen Lib  
V. Reichenow  
11-5-70  
853,634-196  
012002

## CAPITULO CXXI

*Como el-rei de Castella se mandou escusar ao duque  
que não o podia vêr por sua doença.*

**P**ASSOU este anno de quatrocentos e vinte e seis, e veiu a era de vinte sete na qual el-rei partiu de Medina d'el Campo, para ir a terra de Toledo, que era comarca mais quente, e alli se tratou que el-rei se visse com o duque entre Bayona e Fonte Rabia, e partiu el-rei de Alcalá de Henares e a duqueza sua prima com elle, e vieram-se ambos á cidade de Burgos para fazerem prestes as cousas que cumpriam para taes vistas, e estando el-rei em Burgos na quaresma, adoeceu, e depois que se sentiu melhor partiu d'alli pera Victoria, por encaminhar para Fonte Rabia, e d'alli de Burgos se partiu a duqueza sua prima para Bayona de Inglaterra, onde estava o duque seu marido.

El-rei chegando a Victoria, tornou-lhe a dôr que lhe viera em Burgos, e os fisicos lhe disseram que não partisse d'alli, porque a terra que havia de andar era trabalhosa de maus caminhos.

Entonce enviou el-rei ao duque o bispo de Osma e Pero Lopes de Ayala, e Frei Fernando de Ilhes-cas, seu confessor, por os quaes lhe fez saber como chegara a Victoria, vinte e quatro leguas de Bayona, por o ir vêr como o tinha accordado, e que como alli fôra, que se não sentira bem em tanto que lhe aconselhavam os fisicos que se não pozesse em trabalho de tal caminho, e que lhe rogava o quizesse haver por escusado.

Os embaixadores chegaram a elle, e contaram-lhe sua necessidade qual era, e o duque não se contentou das razões que lhe diziam, nem queria crêr as escusações que lhe fallaram, e razoou com elles muitas cousas, as quaes entendia de fallar com el-rei, especialmente dizendo que pois el-rei de Castella e el-rei de Inglaterra não haviam guerra, salvo por aquella demanda que era finda, em que se elle chamava rei de Castella, por razão da duqueza sua mulher filha d'el-rei D. Pedro, que lhe parecia que devia de ser amigo com el-rei de Inglaterra, e que se lhe d'esto prouvesse, que elle tinha poder bastante d'el-rei de Inglaterra, seu sobrinho e senhor, para o fazer compridamente.

Os embaixadores disseram a esto que o começo da guerra que entre estes reinos houvera, fôra por azo da ajuda que el-rei D. Duarte seu padre, e o principe de Galles seu irmão, fizeram a el-rei D. Pedro contra el-rei D. Henrique, padre de el rei D. João seu senhor, por o qual a el-rei D. Henrique conviera fazer liga mui bastante com el-rei D. Carlos de França, que de presente reinava, e que depois d'esto elle casara com a infante Dona Constança, e se chamara rei de Castella, trazendo armas direitas do reino, e como quer que este debate

já era cessado, que a amisade e liga de França ficava em sua força e virtude, em tanto que el-rei seu senhor o não poderia ajudar contra elle, salvo guardada aquella amizade assim como diziam, mórmente que n'aquella entrada, que elle fizera com el-rei de Portugal, em sua terra, el-rei de França lhe enviara o duque de Borbom seu tio com duas mil lanças de mui boa gente, afóra outros senhores e capitães que de seu grado vieram ao servir n'aquella guerra, assim que por nenhuma guisa elle não se partiria d'aquella amizade.

O duque disse que lhe prouvera muito se podera ser, mas pois assim era, que fizessem outra cousa que seria serviço de Deus e proveito dos reinos, s. que os mercadores e romeiros de Castella e de Inglaterra fossem seguros por mar e por terra, especialmente os que quizessem vir a Santiago.

Os mensageiros disseram que a razão era boa, mas que pensavam que el-rei seu senhor o não podesse fazer segundo o trauto entre elle e el rei de França posto, ca grandes senhores com muitas gentes podiam ser taes romeiros, que era duvidosa cousa, porém que elles o diriam a el-rei seu senhor, e elle lhe enviaria depois a resposta, e estiveram entonce com o duque alguns dias ante que partisse, e espedidos d'elles tornaram-se pera onde el-rei estava.

## CAPITULO CXXII

*Como el-rei juntou aquelle ouro que devia de pagar ao duque.*

**R**AZÃO tem de cuidar qualquer avisado que por esta historia lêr, pois el-rei de Castella não tinha d'onde pagar soldo ás gentes estrangeiras que pelas fronteiras puzera, nem as duas mil lanças que el rei de França mandou em ajuda, d'onde haveria seiscentos mil francos que ao duque havia de dar?

O que sobre esto aconteceu, aveiu d'esta guisa: Tanto que el-rei soube que o duque de Lencastro era n'aquelle logar de Bayona, e que havia lá de enviar seus embaixadores, sabendo bem que firmariam o trauto, fez logo côrtes na villa de Briviesca, onde vieram os procuradores das villas e cidades do reino, nos quaes foi fallado que maneira se havia de ter em juntar tão grande quantia como aquella que o duque havia d'haver, e como quer que alguns o contrario dissessem, emfim accordaram que el-rei lançasse peita por todo o reino, porque não fosse escusado clérigo nem leigo, nem fidalgo, nem outra pessoa de qualquer estado e condição que fosse, e os que esto conselhavam, diziam que pois el-rei livraria o reino de tão gran demanda e sujeição, que todos deviam ajudar a pagar em tal peita, e por tal ordenança fizeram cartas e enviaram por todo o reino, da qual cousa foram mui queixosos os fidalgos e donas e donzellas, e feito

grande movimento entre elles, de guisa que se não cobrava dinheiro, el-rei vendo aquello houve de buscar outra maneira que foi esta :

El-rei D. Henrique quando comprou de Mosem Beltrão a cidade de Soria, e as villas de Dalmaçam, Atença e Deça, e outros logares que lhe havia dados lançou uma peita, que chamam — emprestido —, dizendo em suas cartas que lh'o mandaria descontar em suas rendas que d'elles havia d'haver, e foi feito repartimento d'esto por todos os logares a cada um certa quantia, de guisa que ajuntou então quinze contos de maravedis, e mais, que fez pagamento da compra d'aquelles logares; entonce fez el-rei outra tal maneira de pedido, em que não pagaram donas, nem fidalgos, nem outra cleresia, e por tal emprestido juntou el-rei tanta quantia por que pagou os seiscentos mil francos aos tempos que teudo era, e quitou seus arrefens.

### CAPITULO CXXIII

*Começo de resposta á dispensação, que dissemos que  
aquelle historiador fallara.*

Pois que já tornamos de Bayona de Inglaterra, acabados os feitos do duque, convém que respondamos, ante que contemos outra cousa, aquella malfadada razão, em que poz boca aquelle historiador, que dissemos, notado por mal dizer, que o papa não dispensara com el-rei que casar podesse, nem lhe fôra trazida tal letra, e que ficaram ao duque de mandar por ella.

Ora fundamento d'esta razão seja que se poucos homens são que não tenham inimigos e contrarios, ou a que todos bem queiram, bem se pode esto dizer d'el-rei D. João, que não sómente dos castellãos a elle visinhos, mas de seus naturaes portuguezes, tantos inimigos e contrarios tinha, os quaes, não com zêlo de bondade, mas prenhes de mau fallar, pariram dizendo duas falsas razões.

A primeira, que o papa Urbano não quizera dispensar com elle, a segunda, que Bonifacio, que depois viera, dispensara com certas condições, assim que não foram ligeiros os erros que de taes historias nasceram, mas porque a breve escriptura não pode declarar as longas duvidas, nem poucas palavras muito concluir em soma, a nós convem por resposta d'esto por meudo contar duas principaes cousas, a uma, cuja foi a dispensação e com que condições, a outra, qual foi a causa de sua tardança, onde já ouvistes como os povos e prelados do reino, tanto que o Mestre foi alçado por rei, supplicaram ao papa Urbano que os demovera ao eleger em principe e senhor e poer n'aquelle Real estado, e que porquanto pera haver o reino e lícitamente poder casar, convinha ser dispensado com elle, que pediam a Sua Santidade que o quizesse fazer, e haver por bem feito quanto em ello haviam obrado, e como depois o bispo d'Evora e Gonçalo Gomes da Silva, que havia mais de um anno que com esta supplicação em duas galés partiram para a Côrte, mandaram recado a el-rei quando tratavam seus feitos com o duque, dizendo como chegaram a Genoa, onde acharam o Padre Santo; e que apresentada ante elle a supplicação que de seus feitos levavam, que elle em todas as cousas por sua parte pedidas, benignamente

dispensara, e que o rol era já assignado, e trabalhavam de tirar as lettras.

E em andando elles em este cuidado por a dar a execução, foram embargados por um Mestre Henrique, inglez, que entonce estava em Côrte, o qual fingendo-se grande servidor e amigo do duque, sem saber elle nem sua mulher d'esto parte, falsamente informou ao Papa, dizendo que o reino de Portugal pertencia á duquesa D. Constança, e des-ahi ao duque de Lencastro, por ser seu marido.

O Papa ouvindo suas razões, porque el-rei de Inglaterra, sobrinho d'este duque, era um dos notaveis senhores que lhe entonce obedeciam, des-ahi porque alguns affirmavam muito que el-rei de Inglaterra queria tratar que el-rei de Castella se decesse da tenção que tinha, e viesse á obediencia da Igreja, mandou assim estar quedas as lettras, até que fosse sabido em certo como era o que lhe fallara aquelle Mestre Henrique.

Soube el-rei esto, a que o mandaram dizer, e teve d'ello gran queixume e sentido, cuidando que por parte do duque lhe fôra posto tal embargo, não sabendo em ello que cuidar, e enviou a elle sobre este recado por um Doutor de seu Conselho, mostrando-lhe uma carta de crença, o qual lhe respondeu por outra, de que leixando o ditado porque o já tendes ouvido, dizia d'esta guisa:

«Fazemos-vos saber que Gil Docem, de vosso conselho, veiu a nós e deu-nos uma vossa carta de crença, e disse-nos da vossa parte algumas cousas, e especialmente em como vossos embaixadores, que enviastes á Côrte de Roma, foram embargados de vossos negocios que enviarades de livrar com o Papa, por um Mestre Henrique, inglez, dizendo que o di-

reito do reino de Portugal pertencia a minha mulher, e a nós em seu nome, e entendemos todo o que nos sobre esto enviastes dizer, mui nobre e poderoso rei, vós sêde certo que esto nunca foi fallado por nós, nem por nosso mandado, nem da dita rainha, nem nos prouve, nem praz d'ello, antes sabei que assim por alguns vossos que mandaveis, como por outras pessoas que iam á Côrte, enviavamos de mandar afincadamente ao papa que por amor de nós deliverasse logo vossos negocios assim como se fossem nossos, ca temos que os nossos feitos e os vossos, que todos eram uns, segundo as maneiras que entre nós e vós eram, e que esto lhe teriamos em graça especial, e por esto não deveis de cuidar que por nós nem por a dita rainha fosse mandado, nem consentido cousa porque a vossos negocios viesse embargo, e devei-l'o haver por certo por algumas razões, especialmente se nós em ello houvessemos fallado, como tratariamos nós casamento da nossa mui amada filha Filippa comvosco? Ca a nós cumpria muito, segundo nosso estado, que ella houvesse honra e estado, segundo o linhagem d'onde é. Outrosim porque vós entendaes que nós havemos em nosso carregio vossos negocios e em nosso coração, assim como nossos mesmos, ordenamos d'enviar á côrte de Roma o nosso bem amado Mestre Guilherme, Doutor em Leis, chanceller do nosso sello da Puridade, pera que em nosso nome informe o Papa da nossa vontade nos feitos que tangem a vossa honra e deliveramento de vossos negocios. Data, etc.»

Assim que esto foi o começo da tardança, porque a s lettras logo não vieram.

## CAPITULO CXXIV

*Como morreu o Papa Urbano e el-rei mandou seus embaixadores a Bonifacio.*

**H**AVENDO os embaixadores tão abertos azos, por este negocio se prolongar muito, partiram-se da côrte e chegaram a Portugal, contando todo o que se passara e como leixavam o rol assignado, e certas razões de sua detença.

El-rei sem poer mais detença ordenou de mandar logo lá outra vez, e tornaram á côrte aquelle D. João, bispo d'Evora, e em lugar de Gonçalo Gomes, foi João Affonso, priol d'Alcaçova de Santarem, bacharel em direito, filho do honrado cavalleiro Affonso Estevens de Azambuja, e foram estes mensageiros ao Papa, e requerendo-lhe por vezes que mandasse fazer as lettras como no rol era conteudo, já por elle assignado, elle dava a ello suas coloradas escusas, levando-os de dia em dia, de que elles não eram bem contentes, em tanto que fallando-lhes uma vez ácerca d'esto, presente alguns cardeaes, e vendo como se ia prolongando muito além do razoado, disse aquelle João Affonso, que ia com o bispo, que pois a Sua Santidade não era aprazível de lhe logo mandar fazer taes lettras e punha em ello tão longo trespazo, que a elles cumpria mais tornarem-se sem resposta, que estarem alli perdendo o tempo.

O Papa disse que não havia porque se agravarem, ca elle havia el-rei de Portugal por absolto, e com

elle despensado cumpridamente em todas as cousas que lhe mandara pedir, posto que as lettras tão cedo feitas não fossem.

João Affonso respondeu a esto algumas razões, de que ao Papa desaprouve, e assim como queixoso fallou contra elle, dizendo:

— Tu te podes ir quando quizeres, mas se te fores, tu irás e tornarás.» —

E accordaram elles, vendo sua vontade, de se partirem sem mais tardança, e vindo seu caminho pera virem embarcar em Frandes, foram presos em Allemanha e reteudos sem porque, salvo por os espreitarem, e houveram-se de render por dois mil florins de Camara.

Fizeram-n'o saber a el-rei, que sem mais porlonga mandou fazer d'elles caimbo, e entregues em Mediomburgo, foram soltos e tornados ao reino.

E ordenando el-rei mandar lá outra vez por dar fim a esta cousa que lhe tanto convinha, este Papa Urbano morreu havendo já doze annos que regia a Igreja, e passava de dois que assignara o rol d'aquesta dispensação, e dos quinze dias de outubro que se elle assim finou em Roma até os dezoito seguintes, foram os cardeaes occupados em sua sepultura, e estar no conclave para eleger, e aos dois dias de novembro foi eleito Papa outro, que chamaram Bonifacio Nono, que succedeu em seu lugar.

E el-rei como d'esto soube certas novas, não embargando a supplicação que pelos embaixadores primeiros mandara, e o assignamento do Papa Urbano que de sua dispensação leixara feito, ordenou logo de mandar em Côrte com outra supplicação de novo feita assim como a primeira.

Os do conselho, que eram lettrados, disseram que

tal cousa era escusada, ca pois o Papa Urbano com elle dispensara e o rol era já assignado por que as lettras fossem feitas, que não havia mister mais, salvo requerer que as fizessem, e esto era regra geral na Chancellaria do Papa, e cousa mandada e posta em uzo por todos os Summos Pontifices, que a graça feita pelo Santo Padre, posto que não fosse escripta em sua forma ou fosse feita, e não bullada, que não espirava porém por morte d'elle, mas ficava em sua força dès aquelle tempo que elle a outorgara, e não do tempo que fosse feita ou lhe puzesssm o sêllo, assim que a graça era do papa finado, e a bulla do que succedia, e porém não havia por que mais supplicar outra vez.

El-rei não embargando esto e outras cousas que lhe razoaram, por mór cautella e avondamento mandou fazer uma tal como a primeira, em que elle e os povos supplicavam aquello que já ouvistes que na outra ia, pedindo a Sua Santidade que em todo misericordiosamente quizesse dispensar, e enviou-a lá por embaixadores: aquelle João Affonso, que era já bispo de Silves, e um honrado fidalgo João Rodrigues de Sá, que ante d'esto por vezes nomeámos, os quaes partiram em duas galés, e seguindo seu caminho, chegaram á Côrte e dada ao Papa a supplicação que assim levavam, elle a houve por sobeja, e benignamente respondendo disse: — que pois seu antecessor havia outorgado tal graça e o rol assignado, segundo elle sabia, que era de presente entonce, que escusado era de supplicar mais sobr'ello senão sómente requerer as lettras; — e tendo-lh'o elles em grande mercê, na melhor maneira que o dizer souberam, pediram mais a Sua Santidade, que de como o papa Urbano havia dis-

pensado com elle, tanto que sua supplicação lhe fôra mostrada, posto que de alguns impedimentos houvessem torva por que as letras não foram tiradas, que desse d'ello testemunho em sua bulla, para demover das gentes alguma errada tenção que muitos contra esto tinham.

O Papa disse que lhe prazia muito, e que todo o que perante elle passara notificaria aos povos do reino, e mais outra lettra em que abastosamente se contivesse todo aquello que elles desejavam.

As letras feitas, partiram-se da Côrte e chegaram a Portugal, e vistas por el-rei e os de seu conselho por quanto a publica voz e fama não directamente contada, muitas vezes empece á verdade, e por cesar de todo qualquer razão que a esto fosse contraria, mandou el-rei as publicassem na igreja cathedral de Lisboa por tirar suspeita do que alguns ignorantes fallavam, dizendo que pois seus embaixadores tantas vezes iam e vinham, que o papa Urbano não quizera dispensar com elle.

A esta cidade, que é cabeça do reino, foram as letras enviadas, e feito geral chamamento de todos os cidadãos e ainda donas, e outro muito povo, que pera ouvir esto eram presentes, e os grandes padres e senhores D. João, bispo d'essa cidade, e D. João, bispo do Porto, e os honrados Daião e Cabido d'essa igreja; isso mesmo de pessoas leigas estavam ali os prudentes e os discretos barões Lourenço Annes Fogaça, Chanceller-mór d'el-rei, e Martim Affonso Valente e Lourenço Estevens da Azambuja, e outros cavalleiros e outras muitas pessoas, assim ecclesiasticas como seculares, que não faz mingua serem nomeadas. E um domingo, que eram nove dias de julho, percebido pera esto um grande lettrado mes-

tre em theologia, mui famoso prégador da ordem de S. Francisco, chamado Frei Rodrigo de Cintra, todos attento em manso silencio para ouvir, foi por elle feito um sermão assaz solemne, a tal acto pertencente, e acabada sua prégação, foram vistas umas lettras apostolicas, de toda suspeição carecentes, as quaes em alta e entendida voz de cima do pulpito publicadas, a primeira continha este theor :

### CAPITULO CXXV

*Do theor da primeira lettra que na Sé foi publicada*

#### BULLA DA DISPENSAÇÃO

**B**ONIFACIO, bispo servo dos servos de Deus ; a todos aquelles que estas lettras virem e esguardar quizerem, saude e apostolica benção. Porque de boa razão pertence á honestidade, convem que as graças procedidas do Romano Pontifice, posto que as lettras sobre estas taes cousas acontecesse não serem feitas que consigam seu effeito, e venham em publico conhecimento, porém a todos geralmente notificamos, e a vossa noticia, por as presentes fazemos certos que nos passados dias, por parte dos amados filhos prelados e nobres barões, e povos dos reinos de Portugal e do Algarve, a Urbano Sexto de boa memoria, nosso predecessor, e pelo honrado Irmão Bispo de Evora e por alguns outros embaixadores, fosse significado que elles por certas razões e cuidantes cousas, mórmente porque

João Henriques, occupador dos reinos de Castella e de Leão, estes reinos de Portugal e do Algarve se esforçava subjugar e estruir, sendo carecentes de rei que os defender podesse, que elle saudavelmente provendo á honra e estado dos ditos reinos, e contrariar aos maus desejos d'esse João Henriques esforçado perseguidor d'elles e da Santa Igreja esposa de Jesu Christo: O muito amado nosso filho Johanne, filho natural de Pedro, varão de boa memoria, a aquelle tempo Mestre da Cavallaria da Ordem de Aviz, todos de um coração e vontade o pediu, e tomaram em rei dos ditos reinos assentando-o na séde real e vestindo-o nas reaes vestiduras, guardando com elle todas as honras e solemnidades devidas e acostumadas. O qual Johanne por este modo rei, o recebimento, e assumção d'elle feita, e as outras cousas como dito é, por grande necessidade e claro proveito d'esses reinos pelo dito João Henriques destruidos e occupados, acceitara e consentira, leixando o habito da dita Ordem, e vestiduras reaes trazendo, como de feito trazia ; e por defensão d'esses reinos em actos de armas se misturára, nos quaes, incendios, homicidios de pessoas assim ecclesiasticas como seculares, e outros muitos damnos se seguiram, e por tanto por esses prelados e nobres e povo, e a esse Urbano predecessor nosso, por seus embaixadores humildemente foi supplicado que pensadas estas cousas por intrinseca caridade, este Johanne rei, a aquelle tempo Mestre da dita Ordem, por Apostolical auctoridade tivesse por bem absolver do laço da culpa e excommunhão, que por occasião de qualquer d'ellas lhe acontecesse d'incorrer. Des-ahi porque em outro tempo, quando Fernando, rei d'esses reinos, irmão d'este D. João rei, se ajuntara a Roberto

filho de perdição, que por excommungado atrevimento se chamou, como se presume de chamar, Clemente Setimó, não curando dos processos contra elle, e o dito João Henriques fôra presente nas bodas d'esse João Henriques com uma filha d'esse dito D. Fernando rei quando ambos casaram, favorecendo esse Anti-papa e João Henriques, trazendo publicamente vestiduras de sirgo tecidas com ouro, e outras vãs e deshonestas cousas, em que se misturando apostatasse sua Ordem, e de toda a mezcla de infamia e inhabilidade em que se per qualquer modo incorresse, tivesse, por bem de o remover, ainda com este Johanne rei não embargando as cousas já ditas, e o defeito de sua nascença, sendo gerado d'aquelle Pedro Rei e de uma mulher não sua, posto que foram ambos casados, e posto que o dito rei fosse professo da Ordem e Cavallaria de Aviz, da qual os professos em seus estados, e observancia regular dos monges de Cistel devem ser conformes e por nenhuma guisa casar, que elle podesse haver esta dignidade, nome e honra de rei, e reter e possuir, e casar licitamente; e se por ventura com a muito amada em Christo nossa filha rainha d'esses reinos houvesse casado, como ordenara de casar esse Johanne Rei, e Filippa rainha, sem embargo d'impedimento qualquer de parentesco ou das cousas susoditas, licitamente podessem ficar no dito casamento e a geração já concebida, ou que de tal matrimonio nascesse, por auctoridade apostolica declarasse ser legitima. A qual cousa esse Urbano nosso predecessor em presença de alguns cardeaes seus irmãos, do numero dos quaes nós a aquelle tempo eramos presente, a esse Johanne Bispo, como em cima é já conteudo, humildosamente supplicante

respondeu, e em publico disse e affirmou que elle, consideradas todas as cousas susoditas, e outras certas e razoaveis a esto moventes seu coração, esse Johanne Rei, a aquelle tempo Mestre da dita Ordem, absolvera e habilitara ainda com elle, e com a dita Filippa dispensara, e o isentara e absolvera da obrigação da dita Ordem e todas as outras cousas, e cada uma d'ellas, como lhe supplicado fôra, assim como cousa necessaria, concedera e outorgara a ainda em outro dia a esse Johanne Bispo supplicante, nós, e outros cardeaes presentes, publicamente respondeu e affirmou que elle havia esse Johanne Rei sobre as cousas ante ditas, por absolto e com elle dispensado, como já dito é. Ora como é verdade que sobre esto veio a morte ao dito Urbano nosso predecessor e as letras apostolicas sobre as taes cousas não foram feitas; porém nós querendo prover á honra e estado d'esse Johanne Rei e Filippa Rainha sua mulher, e todos os moradores d'esses reinos, posto que taes letras sobre estas cousas não fossem feitas vivendo nosso predecessor, esse rei e rainha, e os supplicantes já ditos não careçam de seu effeito. E pois que se todo assim passou, á vossa noticia por remembrança para sempre por estas presentes o fazemos certo. Porém nós por mór cautella e segurança, e ainda por mór firmeza, esse Johanne Rei de novo absolvemos, e toda magoa de infamia e inhabilidade de todo lhe tiramos, e com elle sobre as cousas assim ditas, e com a dita Felippa rainha dispensamos que lícitamente fiquem no casamento feito entre elles, e a geração concebida do dito matrimonio e a que se conceber, declaramos ser legitimas, e todas as cousas susoditas a nosso predecessor supplicadas haver feito, cumprido e outorgado,

assim como dito é. E se por ventura em estas presentes alguma cousa desfallecer, nós todo defeito e magua supprimos como se mais comprijamente contem em outras nossas lettras, que sobre esto mandámos fazer, a nenhum ergo homem de todo em todo convenha esta lettra de nosso demonstramento, redução e absolvição, habilitação e dispensação, concedimento e supplicação de nossa vontade quebrar, ou por sandeu atrevimento fallar o contrario. E se por ventura algum esto presumisse tentar, saiba que na ira e maldição do todo poderoso Deus e dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo incorrerá. Data, etc.

## CAPITULO CXXVI

*Da publicação da segunda lettra que os mensageiros trouxeram da Côrte.*

**A**CABADA de lêr esta lettra, e ouvida com muita lédice, fizeram calar todo aquelle povo por bem escutar como da primeira, então publicaram outra d'esse mesmo Bonifacio Papa, cujo traslado se segue:

### *Segundo Breve do Papa Bonifacio*

Bonifacio, Bispo servo dos servos de Deus, ao muito amado em Christo filho esclarecido rei D. João de Portugal e do Algarve, saude e apostolica benção. Por disposição da Divinal clemencia por que os reis

reinam e os principes se assenhoream, sem nosso merecimento, somos postos assim como um claro lume sobre as gentes dos christãos, e porém às vezes é necessario d'alguns reinos e senhorios dispoer por paz e justiça dos povos, e exalçar os que conhecemos que são dignos e pertencentes pera reger e governar as gentes d'elles moradores, e postos em tal dignidade, os devemos n'ella conservar e fazer fortes, por tal, que julguem os povos em egualança, e encaminhem as nações d'elles, como pertence ao senhorio que tomaram, e poderio que lhes do céu é dado, para castigo dos maus, e gloria e louvor dos bons, de guisa que sua vontade seja sempre em execução de justiça, e seu pensamento na direita lei e guarda da santa paz. Assim é que na filial petição, que o honrado bispo de Silves e amado João Roiz de Sá, teus embaixadores, e dos prelados e povos d'esses reinos, a nós sobre esto enviados, certamente se continha, que sendo esses reinos nos dias passados, por morte d'el-rei D. Fernando, orphãos e vagos de real dignidade chegado seu postrimento dia sem filho legitimo que os de herdar houvesse, os ditos prelados e povos d'elles vendo como João Henriques, tédor dos reinos de Castella e de Leão seu injusto perseguidor e inimigo de Deus, e de sua esposa a Igreja de Roma, e de Urbano de boa memoria, nosso predecessor Papa Sexto, o qual por scismatico hereje por sentença condemnou ser punido, porque ao filho de perdição Roberto Cardeal, então chamado dos doze apostolos, e agora por sacrilega ousadia Clemente Setimo, presumio de se nomear, e presume, sem curar dos processos de nosso predecessor contra elle e seus sequazes feitos, e como emadendo mala males, e esse dito João Henriques con-

strangeu a lhe obedecer as gentes a elle sujeitas, e de todo em todo esses reinos de Portugal e do Algarve se esforçava occupar e possuir, a cujos perversos commettimentos e esforços, os ditos povos e prelados proveitosamente resistir não eram bastantes, pois de rei e defensor pertencente de todo careciam, e receando que elles e os ditos reinos ao depois viessem a poder e tyrania do dito João Henriques e obediencia d'esse Anti-papa, em prejuizo grande de suas almas e pessoas. E por tanto querendo d'elles prover assi mesmos em honra e salvação dos ditos reinos, e contrariar a seus damnos assi mesmos, e honra e perigos, lhe conveiu e foi forçado eleger tal homem por seu rei e senhor, que soubesse e podesse saudavelmente os ditos reinos reger e governar, e com grande ardidez amparar e defender das forçosas mãos do dito João Henriques, e recobrar os logares que já eram de todo perdidos, e que entonce ade-reçando os olhos de seu entendimento, e suas certas considerações a ti não legitimo filho de Pedro, Rei de boa memoria, de Portugal e do Algarve, e irmão do dito rei D. Fernando postrimeiro rei d'esses reinos, professo que então eras da Ordem de Calatrava, no bispado d'Evora, da Ordem e Regra de Cistel, Mestre da Casa de Aviz, por singular devoção e especial amor que em ti viam acerca de nosso predecessor e da Santa Igreja de Roma, des-ahi pureza de fé, e bondade d'armas, pela qual tu e teu christianissimo linhagem com muito loavor haverdes esclarecido conheceram, e conhecem por deliberado conselho e madura concordança, todos de um coração, nenhum d'esto desviando, por divinal inspiração, como se piedosamente crê, guardadas as ceremonias e devidas solemnidades, canoni-

camente te elegeram e te tomaram por rei dos ditos reinos, assentando-te em real assentamento, vestido de reaes vestiduras, guardando todas as outras cousas em semelhante auto acostumadas, e tu considerando as ditas cousas, por paz e saude, e bens d'esses reinos, cubiçando aproveitar mais, que senharear, na dita eleição consentiste acceitando o nome de real dignidade, leixando o regular habito, não em desprezamento da dita Ordem, nem poderio das nossas claves, mas esperando na benignidade da Sé Apostolica que haverias sobre esta dispensação, e dê's então tiveste e posuistes, como ainda tens e governas esses reinos como rei, e com a muito amada em Christo Filippa, filha do nobre barão Johanne, duque de Lencastro, enobrecida rainha d'esses reinos, por palavras de presente e acabado matrimonio casaste. havendo d'ella geração, e se agora leixasses a honra, dignidade e nome de rei, e desamparasses os ditos reinos, sendo quite e apartado d'ella, poder-se iam seguir d'esto grandes danos e escandalos, porém por tua parte, e d'estes prelados e povos já ditos, humildosamente nos foi supplicado que de benignidade apostolical tivessemos por bem a ti prover sobre esto de beneficio d'asolvimento, e de conveniente graça e dispensação, e nós, que de todos os fieis christãos, segundo obrigados somos, paz das almas e corpos desejamos, cobiçando saudavelmente a honra de teu estado, e d'esses reinos prover, e aos ditos escandalos, quanto com direito podemos resistir; e querendo temporar o rigor dos Santos Canones por uma piedosa dispensação, assim como os Papas nossos predecessores por divinal poder dotados, virtuosamente costumaram, movendo-os a ello justas e evidentes cau-

sas, maiormente acerca das pessoas esplandecentes por linhagem e alteza de honroso estado, desahi, confiando que tu com ajuda do mui alto Deus por tua prudencia e valentia d'armas livraste os ditos reinos das mãos d'esse João Henriques, tendo-os pela maior parte occupados, cobrando os logares que em seu poder tinha, os quaes se alegram por serem tornados a sua antiga liberdade, e d'esse perseguidor de Deus e nosso, e da sua Santa Igreja, victoria e triumpho e perduravel graça perpetraste, havendo sobre esto com nossos irmãos assaz de fallamentos de solemne deliberação ás tuas supplicações inclinados, e esguardando a gran devoção que a nós, e á dita Igreja sempre tiveste, de conselho d'elles todos, á tua pessoa, e a teu preclaro e real linhagem e aos herdeiros de ti lidimamente descendentes determinamos de honrar, e por especiaes graças e favores, quaes a ti convenham proseguir, e por tanto a louvor do Poderoso Deus Padre, Filho e Espirito Santo, e da sempre Virgem gloriosa Maria, e dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo, honra e bom estado da Santa Sagrada Igreja nossa esposa, sendo em esta parte inclinado ás tuas petições, e dos nobres e prelados, e povos d'esses reinos, por nossa apostolical auctoridade e theor d'estas presentes te absolvemos de todas as sentenças de excommunhões, e d'outras quaesquer penas por homem ou por direito pronunciados, posto que taes sentenças sejam por apostolicos escriptos decernidas, se por ventura por as ditas razões em alguma d'ellas incorreste, as quaes queremos aqui haver por sufficientemente expressas. E ainda te absolvemos e livramos de toda a obrigação e ligamento de voto de obediencia, castidade e pobreza, e da profissão e observancia re-

gular, em que á dita Ordem por qualquer modo teudo e obrigado fosses, posto que de guardar todos ou cada um d'elles juramento fizesses, e isso mesmo de todo perjurio, e magua d'infamia e inhabilidade, que por as ditas razões ou outras algumas tivesses. E mais te legitimamos e restituimos a legitimo nascimento, e te habilitamos dispensando contigo que, não embargando as ditas cousas e o falimento de tua nascença, sendo gerado do dito rei D. Pedro e de uma mulher que por matrimonio não era a elle conjuncta, posto que este teu padre e madre cada um fosse casado no tempo do concebimento e nascença, e posto ainda que no tempo da tua eleição, e acceitação e consentimento fosses professo d'essa ordem e Mestre da dita casa, e ligado por sentenças e penas, e inhabilitado por magua d'infamia, e depois casaste com essa rainha Felippa. E posto que outrosim em alguma maneira obedecesses e désses conselho, ajuda ou favor a Roberto Anti-papa e João Henriques sobreditos; e não embargando quaesquer constituições, assim apostolicas, como leis imperiaes, estatutos e costumes, por algum modo a esto contradizentes, outorgamos que a eleição, assumpção, acceitação, consentimento de todas as cousas que se de esto seguiram, compridamente valham e sejam firmes para sempre, e tu possas ter e possuir os ditos reinos e dignidade, e nome e honra de rei, e de novo possas ser elegido a quaesquer outros reinos, dignidades, honras e senhórios, e os possas acceitar e em elles consentir, e tomar e possuir, trespassar a teus herdeiros lidimos e descendentes assim nados como por nascer, e outros collateraes, e outros quaesquer estranhos por testamento ou ab-intestadò, e que possas viver

e estar no dito casamento feito com essa rainha Felippa; e se acontecesse fazer Deus alguma cousa de sua pessoa, que possas licitamente, cada vez que tal caso vier, com quaesquer outras mulheres, não tendo embargos de lidimos impedimentos, casar e em tal casamento livremente viver, como homem de todo isento e livre, e limpo de qualquer magua, supprindo por nossa pastoral auctoridade e apostolico poderio todo fallimento, se algum por ventura anteveiu assim da tua parte, como dos prelados e cleresia, e fidalgos e povos em todo o que dito é. E portanto não se atreva alguém por algum modo esta carta de nossa absolvição, isenção e livridão, restituição, habilitação, dispensação, concessão, supprimento, quebrantar ou por sandia ousança contradizer; e se algum esto tentar contradizer presumir, saiba que na ira do todo poderoso Deus e dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo incorrerá. Data, etc.

As letras publicadas no modo que dissemos, foi feito um grande rumor entre a multidão d'aquelle povo, fallando n'aquella errada opinião que ante d'esto muitos affirmavam, e cessada sua falla de todo, aquelle Lourenço Annes Fogaça, por parte d'el-rei seu senhor, e o honrado João Domingues, thesoureiro d'essa egreja, por parte do Cabido d'ella, e Fernão d'Alvares, procurador da cidade, em nome de todos os moradores, pediram a João Rodrigues, publico notorio, que presente estava, que lhe desse os treslados, de guisa que o direito quer, e assim lhe foram dados.

Ora esguardem vossas ensinanças por esto que tendes ouvido, como aquelle historiador depois de tantos annos foi ousado dizer taes razões, por fortificar sua diffamação, as quaes por serem de todo

nenhumas, carecem d'haver fé, porque onde a verdade é certa e clara, qualquer cousa que se em contrario diz, bem procede de fantastico sizo com preversa e maliciosa vontade.

## CAPITULO CXXVII

*Como el-rei mandou que se partissem as cousas que a sua frota tomasse.*

**A**CABADOS os feitos do duque, des-ahi ouvido esto que contámos, leixando o damno que as galés á vinda, tornando, vieram fazendo pela costa da Galliza, aos feitos d'el-rei convem tornar nosso fallamento, e logo primeiro do que ordenou sobre a tomada que suas galés fizeram de barcas e naus, e outros navios, que era aquello que o capitão e gentes da frota deviam d'haver, mandando que a nau, ou barca, entrada por força, que todas as cousas que sobre tilha eram achadas, que fossem d'aquelles que as tomavam, salvo ouro, prata e aljofar e pedras e trenas, e ouro fiado e seda, e pannos d'ouro e de sirga, e peças de panno inteiras, que estas fossem d'el-rei, e todo o ouro que achassem sobre escotilha com o corpo do navio, e apparelhos e homens. E de navios pequenos de vinte cinco toneis a fundo, que não fossem aquilhados, nem guindavam, que tal navio fosse do patrão da galé que o tomasse, e os alcaides houvessem uma corda e uma ancora, e os haveres e homens fossem d'el-rei.

Outrosim da pilhagem que tomassem em terra, ou prisioneiros, fossem d'aquelles que os tomassem, salvo prisioneiro de quinhentas dobras para cima, que tal como este, se el-rei o quizesse tomar, que desse por elle mil dobras, porque tanto achou que os reis antigos davam por elle, e estes prisioneiros e pilhagem, se a tomassem homens d'armas e bésteiros, houvessem a terça parte os patrões, e do que filhassem os galeotes, houvessem o terço os alcaides, e do que os arraes e marinheiros percalçassem, que nenhum não houvesse d'elle o terço, mas fosse todo seu; e que as armas dos patrões das galés, ou de mestres de nau ou de baixéis, ou de homens d'armas ou bésteiros, ou marinheiros, fossem dos patrões, ou de quem quer que as tomasse, e tomando-as outrem, que houvessem a terça parte os patrões ou alcaides, assim como já dissemos nas outras cousas, e que esto se não entendesse nas armas dos armazens dos corpos dos navios, que estas fossem d'el-rei, e que as armas e baixella de prata, e roupas talhadas do patrão da galé que fosse tomada, houvesse o patrão que com ella aferrasse, e a outra prata ou ouro que achassem, que não fosse baixella, houvesse el-rei, e se algum subisse ao masto e visse algum navio, ou qualquer que por outra guisa o visse, houvesse uma dobra, se fosse tomado, e toda a galé ou galés que tomassem outras galés ou remos, e armas e gentes, fossem d'el-rei, salvo um bastardo, e uma ancora e um cabre, que fosse dos alcaides da galé que a outra tomasse, e que as cousas de que os patrões e alcaides houvessem d'haver o terço, se terçassem por esta guisa, fazendo trez quinhões, e de todos os tomadores escolhessem um primeiro, e os patrões e alcaides haverem outro, e o ter-

ceiro que ficasse, haverem-n'o os tomadores, e d'estas ccusas que assim fossem tomadas, o almirante nem capitão não houvessem quintò nem outro direito, salvo do que el-rei levasse para si, e acontecendo que alguns dos patrões tomassem navios dos que houvessem d'haver pera si, não fossem ousados de tomar os homens que nas frotas iam, e mandal-os tornarem elles pera d'onde partiram.

E esta ordenança se guardou d'ali em diante, assim n'aquellas que se logo tornaram de Bayona, como nas cinco com que Affonso Furtado se partio d'aquelle logar pera Inglaterra por servir a el-rei, como d'antes fôra concordado, andando por lá espaço de quinze mezes.

## CAPITULO CXXVIII

*Que maneira el-rei mandou que se tivesse nos feitos que foram trautados perante os officiaes d'el-rei de Castella.*

**E**sto assim ordenado, determinou el-rei outra contenda que era entre muitos do reino, nos logares que por Castella tiveram voz, mórmente na villa de Santarem, onde elle e seus officiaes e regimentos de casa, mais que em outro logar esteve, dizendo se as sentenças e demandas que por seus desembargadores foram livres, assim as que eram postas já em fim, como aquellas que o ainda não eram, se tinham força e deviam valer como os direitos querem e outorgam?

E isso mesmo quaesquer escripturas feitas pelos tabelliães d'esses logares.

E aquelles em cujo favor e proveito as taes sentenças foram pronunciadas, razoando em esto diziam que taes escripturas e sentenças deviam valer, e eram boas, pois foram dadas por portuguezes, homens lettrados, officiaes que foram d'el-rei D. Fernando, posto que se el-rei de Castella chamasse rei d'estes reinos, e estivessem da sua mão essas villas e logares, e outras taes razões.

Outros, cujos taes bens foram, assim moveis, como raiz, e em cujo prejuizo essas sentenças e escripturas foram dadas e concertadas, diziam que se queriam poer contra ellas e reduziria ser nenhuma, porquanto o dito rei de Castella não havia, nem poder haver senhorio nenhum nos reinos de Portugal, posto que de algumas villas se assenhoreasse.

E sobre esta razão e duvida escreveram a el-rei que maneira mandava em ello ter; e el-rei, ouvido sob'r'ello conselho, escreveu a esses concelhos d'esta guisa:

— Que visto como estes reinos por herança de seus avós, e seu padre el-rei D. Pedro, e el-rei D. Fernando, seu irmão, ficaram livres e isentos, fazendo muito por não serem sujeitos a outro senhorio, e elle, por as razões que todos sabiam, houvera o regimento e senhorio d'elles, outorgado pelos fidalgos e prelados, e pelos honrados, verdadeiros e leaes moradores da cidade de Lisboa e d'outras villas e cidades do reino, confirmado pelo papa Urbano Sexto, cujo filho verdadeiro obediente era, sem havendo el-rei de Castella, nem podendo haver nenhum direito nem jurisdicção em elles, como se mostrou pelo Senhor Deus e sua preciosa Madre, de-

pois que começara fazer guerra contra estes reinos, mórmente na batalha que com elle houvera, de que lhe Deus dera victoria contra elle, e porém por tirar d'entre elles omizios e contendas que se por esta razão seguir podiam, mandava que todas as demandas e sentenças e execuções feitas por elles, assim as que foram findas, como algumas que inda duravam, e isso mesmo quaesquer escripturas de contractos e obrigações, e outra qualquer guisa que fosse ante pessoas, assim ecclesiasticas como segrares, que se trataram e ordenaram depois que se el-rei de Castella chamou rei de Portugal, que todas fossem nenhuma e tornadas ao primeiro estado, como ante que el-rei de Castella viesse, e as findas, que depois começaram, havia por nenhuma, e por as começadas não fossem mais por diante, posto que essas partes renunciassem leis e privilegios para taes escripturas serem valiosas, tornando cada um demandar de novo qualquer direito que contra outro entendesse.

## CAPITULO CXXIX

*Como el-rei poz contia aos fidalgos, e d'outras cousas que ordenou.*

JÁ ouvistes em cima, no capitulo onde isto fallámos, como el-rei pelo afinamento da guerra em que fôra posto depois que começou a reger e reinar, não tivera geito de ordenar contias aos vassallos, nem os tomar, como outros reis faziam,

mas cada um servia com aquelles que podia servir, assim homens d'armas como de pé, e pera todos havia soldo.

Entonce ordenou el-rei de poer contia aos fidalgos, não como os outros reis, segundo disse nos que andavam ao pae e ao filho, como lhe nascia, mas a lança do corpo do fidalgo de mais pequeno estado, escripta no livro d'el-rei, mandou que houvesse mil libras, e aquelle que o acompañasse, havia setecentas, e assim poz aos fidalgos poucas ou muitas, segundo que cada um era, e não que o houvesse o filho como nascesse, salvo depois que houvesse idade que podesse servir, e entonce lhe assentariam sua contia segundo aquella que o pae havia, porém sempre mais pequena; e aquellas mil libras de contia n'aquelle tempo que as el-rei poz, eram vinte dobras castelhanas, valendo entonce a dobra cincoenta libras da moeda dos reales de dez soldos, que entonce corria.

Des-ahi ordenou terras á rainha e moradias ás mulheres de sua casa, do que cada uma houvesse cada mez, e mandou que Beatriz Gonçalves que dera por aia á rainha, porque não sabia os cùstumes da terra, ca d'outra guisa escusado fôra, que houvesse cada mez oitocentas libras, que eram dezeseis dobras castellãs, e a Dona Beatriz de Castro, que era a mais filha d'algo que as outras donzellas, poz mil libras, que eram vinte dobras, e a Tareja Vasques Coutinha, sua camareira-mór, dozentas, e a todas as outras cento e cincoenta, e ás mulheres da camara sessenta.

Dos Mestrados, isso mesmo no de Avíz, que elle reteve, que não era dado, teve esta maneira: elle tinha dito a Mem Rodrigues de Vasconcellos que o

mestrado de Aviz lhe aprazia que houvesse, e que entendia que o haveria; e Fernão Rodrigues de Siqueira, commendador-mór d'essa Ordem esperava de o haver; Fernão d'Alvares d'Almeida, vedor da sua casa, commendador de Jeromenha que era Craveiro, tinha essa esperança.

El-rei vendo a tenção d'elles e o bom serviço que lhe feito tinham, e como não podia comprazer a todos, por se sahir de tal encargo quanto a Deus e quanto ao mundo, disse aos dois que houvessem eleição de sua Ordem, e qual d'elles elegessem, que aquelle o fosse, e houve-o Fernão Rodrigues por mais vozes, e Mem Rodrigues ficou anojado pelas razões que el-rei dissera; e tendo el-rei d'esto sentido, cuidou de lhe fazer haver o Mestrado de Santiago, que era de mór honra e renda, e havendo já os Freires d'essa Ordem elegido por seu Mestre um filho de D. Nuno Freire, Mestre que fôra da Ordem de Christus, a que chamavam Ruy Freire, soube-o el-rei, e escreveu aos Freires que tal eleição não havia por boa, e que elegessem Mem Rodrigues, e elles fizeram-n'o assim, e confirmou-o o Papa, e deram entonce a Ruy Freire a renda de Palmella e da Arruda, além do que tinha, e assim foram dados mestres a estes Mestrados.

## CAPITULO CXXX

*Como se veiu pera el-rei D. Pedro de Castro, e D. Pedro da Guerra e o infante D. Diniz, que andavam em Castella.*

Nós não achamos nenhum dos auctores, que da vinda d'estes homens faça menção, que diga o que os moveu pera se virem de Castella pera Portugal, salvo quando dizem, que D. Pedro de Castro, quando elle e João Affonso de Beça fugiram em Torres Vedras, como tendes ouvido, que se lançou entonce em Castella, e que el-rei lhe deu a villa de Salvaterra, que é em Galliza, acerca do Minho, e tendo-a assim, que mandou dizer a el-rei de Portugal que lhe daria aquelle logar e se viria pera elle, se sua mercê fosse, e que a el-rei prougue d'ello, e se veiu pera elle; e assim se veiu em esta sazão D. Pedro da Guerra, filho bastardo do Infante D. João, e el-rei o recebeu bem, mostrando-lhe bom gazalhado, e fazendo-lhe mercês, e andava por morador na côrte.

Em esto disseram a el-rei que se vinha o infante D. Diniz a Portugal pera elle, e era assim de feito, e el-rei mandou-lhe correger onde pouzasse, e sahiu a recebel-o bem meia legua, e elle não trazia consigo mais que cinco ou seis não bem corregidos, e provou de lhe beijar a mão a el-rei, e elle não lh'a queria dar; des-ahi beijou-lh'a, e alli no Porto lhe fez el-rei muita honra e mercê, partindo grandemente com elle, e encaminhou de o mandar pera Ingla-

terra, por se não levantar no reino algum escandalo por seu azo, e posto no mar, e indo sua viagem, houve conselho que se tornasse, dizendo que por ventura o mandavam lá por o matar, e outras taes razões; e tornando-se foi tomado e preso dos Bretões e posto em terra; e sabendo que era irmão d'el-rei de Portugal, pediam por elle cem mil francos; e elle escreveu a el-rei sobre esto, que houvesse sobre sua prisão algum remedio. El-rei disse que pois elle não curara de ir pera onde elle o encaminhava, que não curava de sua prisão; e os Bretões vendo que se não empachava d'elle nenhum, por escusar custa sem nenhum proveito, soltaram-n'o, e tornou-se pera Castella.

### CAPITULO CXXXI

*Como el-rei mandou pagar o que fôra tomado nas naus de Genoa, e se foi a Braga fazer córtes.*

**E**STANDO el-rei n'aquella cidade, chegou um embaixador de Antonieto Adorno, duque de Genoa, e dos honrados quinze velhos, Regedores d'aquella Communidade, que havia nome Ambrosio de Marines, que propoz ante el-rei, dizendo que bem sabia sua mercê os haveres, que por seus mandados foram tomados nas naus de Genoa ante o porto de Lisboa, segundo cont mos no começo d'estes feitos, e que requerido por vezes por esto sempre a elle dera graciosa resposta, mandando prover as mercadorias que filhadas foram, e que sommado todo

acharam que montaram em ellas pouco mais de sessenta mil dobras, as quaes lhe pediam por mercê lhe mandasse pagar.

El-rei disse que lhe prazia muito, havendo d'ellas bom desembargo e de todas o melhor pagamento, deu d'ellas sua quitação, e foi-se.

Entonce ordenou el-rei de partir pera Braga pera fazer hi côrtes, e mandou chamar por serem presentes as pessoas que cumpriam virem a ellas, entre as quaes foi o Condestabre, e os fidalgos lhe rogaram muito que refertasse por elles cousas algumas que lhe cumpriam, e elle se escusou quanto podia, porém por seu grande afincamento houve de o fazer, e perante elles disse a el-rei o que por honra de todos entendia, segundo com elle fallaram, da qual cousa elle mostrou desprazimento, segundo a resposta que a ello deu; e como quer que todos ahi estivessem, não foi nenhum que ajudasse o conde áquelle que por elles propozera; por a qual razão elle depois nunca geralmente por seus feitos mais quiz fallar, dizendo que era verdadeiro exemplo aquello que costuma de se dizer: quem serve o commum, não serve nenhum.

O Conde estando assim n'estas côrtes, veio-lhe recado que sua mulher era morta na cidade do Porto, onde estava, e partiu logo pera lá muito acompanhado, como entender podeis, onde lhe fez taes exequias como a seu estado cumpria; e mandou a sua filha, que era bem moça, pera Eyria Gonçalves, sua avó, que estava em Lisboa; e des-ahi tornou se a Braga, e d'alli lhe foi commettido um casamento com D. Beatriz de Castro, filha do conde D. Alvaro Pires, uma donzella assaz formosa, e bem filha d'algo, do qual casamento a el-rei e á rainha

muito aprazia, e tanto foi d'ello aficado e posto em pensamento, que por se escusar pediu licença a el-rei, e se foi pera entre Tejo e Odiana, de cujos feitos diremos um pouco, e depois tornaremos a el-rei.

## CAPITULO CXXXII

*De uma entrada que os inimigos fizeram em Portugal e do roubo que levaram d'elle.*

PASSADO aquelle desbarado que ouvistes d'aquella gran batalha, que se por parte dos castelãos perdeu, de que el-rei e todo seu reino houve grande tristeza e dôr, não podiam as gentes estar que não departissem em tão maus aquécimentos como lhe vinham uns após outros, não sómente os senhores e fidalgos, mas bons escudeiros e outra meã gente, em tanto que de praça ousadamente diziam que a boa ventura bem se mostrava de todo ponto ser contra elles, perdendo tantas companhias como eram mortas, assim em vencimento de pelegas como outras cajoens, depois que a guerra fôra começada.

E assim era verdade, que muitos da sua parte haviam menos, não sómente do commum povo, mas ainda de fidalgos e bons capitães que lhe gran minguia faziam, cá fora aquelles que emmentados foram, onde fallamos d'aquella batalha, outros mais morreram hi, que poderam ser nomeados: assim como D. Pedro Buyl e um seu filho, e Pero Gonçalves de Porras e dois seus filhos, e Ruy de Toar, irmão

do almirante, o commendador mór de Calatrava, e Gomes Gotterres de Sandoval e Alvaro Nunes Cabeça de Vacca, e Lopo Fernan les de Padilha, e João Fernandes de Moxica, e Pero Soares de Toledo, e Fernão Rodrigues, e Alvaro Rodrigues de Escovar e Lopo Rodrigues Daça, e Ruy Ninho e Lopo Ninho e João Ninho, todos tres irmãos, Garcia Gonçalves e Lopo Gonçalves de Queiroz, ambos irmãos, Sancho Fernandes de Toar e Monseur Arnão, e Lemosim Gascões e outros que os authores não escreveram; assim que contando esto de muitas maneiras, lhe fazia dar desvairadas sentenças, de geito que alguns d'elles com ousada presumpção, especialmente estrangeiros, disseram que era mui bem que sem outro capitão que com elles fosse, senão por si sós, em boa companhia fizessem uma entrada em Portugal em despreso do Condestabre, com muita sua honra e a seu salvo.

E esta falla e ajuntamento foi feito em Xerez de Badalhouce, oito leguas de Olivença, de boas trezentas lanças com homens de pé e besteiros, e a mór parte d'elles eram gascões, e o conselho entre elles feito, foi este: que pois o Condestabre era em Extremoz, sete leguas do Extremo, sem gentes comsigo, assim como só que bem poderiam entrar no reino e andar por elle dois e tres dias correndo a terra á sua vontade, e apanhando o roubo quanto achar podesse ante que o Condestabre a esto acudisse, posto que o soubesse primeiro que partissem, que ante se iriam á pressa em salvo com toda a presa que houvessem fihada, e assim tomariam alguma vingança de quanto damno lhes feito tinham.

O accordo feito, cavalgaram todos, e entraram no reino arredados d'onde o Conde estava, e andaram

todos correndo ajuntando gran roubo de bestas, gados e homens e mulheres, e d'outras muitas cousas que achavam; des-ahi tornaram com sua cavalgada por irem dormir a um logar pobrado do senhorio de Castella, que chamavam Villa Nova del Fresno, duas leguas de Portugal.

### CAPITULO CXXXIII

*Como o Conde transnoutou sobre os gascões, e os desbaratou e lhes tomou o roubo.*

**A**VINDA do conde a Extremoz e a estada sem gentes, como n'este capitulo faz menção, é bem que digamos aqui logo, por todo saberdes como haveio: onde assim foi que estando o Conde em Evora depois que chegou de Braga, tendo suas frontarias postas na ordenança que cumpriam, soube de certo como o Mestre de Santiago de Castella, com muitas companhas comsigo, queriam entrar em Portugal e fazer todo o damno que podesse, e logo se foi a Extremoz com esses poucos que de cote comsigo trazia, por ajuntar a si as gentes das fronteiras e lhe ir ter ao caminho, e embargar sua vinda, e percebendo-se pera esto, soube-o o Mestre lá onde estava, e mudou-se do que fazer queria e desfez a assuada, do que o Conde foi muito anojado, e fez tornar os que já eram com elle pera as fronteiras onde estavam; e querendo-se tornar pera aquella cidade de onde partira, veiu-lhe recado das villas de Beja e de Serpa, que eram d'ali dezeseis leguas, que

o conde de Niebla, segundo diziam, com setecentas lanças, e homens de pé e besteiros queria entrar pera roubar aquella terra, e que lhe pediam por mercê que lhes acorresse antes que tal entrada fizessem; o Conde partiu logo com esses poucos que tinha, porque já as mais das gentes eram em suas fronteiras, como dissemos, e ordenou de ir pelo Extremo por vêr mais certas novas e vêr os logares fronteiros como estavam apercebidos do que mister fazia, des-ahi se soubesse que já eram entrados de os atalhar com as gentes fronteiras que se vieram pera elle, e com esta tenção partiu de Extremoz, e atravessando a serra de Ossa, pousou essa noute em uma ribeira, onde dormiu com esses que levava, e outro dia partiu por esses mattos, terra erma e sem povoação, e chegou ao Redondo, e des-ahi a Monsaraz, e á tarde lhe veiu recado certo que esse dia pela manhã trezentas lanças de gascões, e com elles alguns castellãos, chegaram á Vidigueira, logar descercado de uns cento e cincoenta visinhos, e o roubaram de todo, e isso mesmo Villa de Frades, levando captivos todos os homens e mulheres, e moços e gados, e quanto acharam, e que iam com todo pera Villa Nova del Fresno, que eram quatro leguas d'aquelle logar onde elle estava, e estas eram as gentes que os de Serpa e de Beja ouviram dizer que haviam de entrar.

O Conde não poudo estoouvir longamente, tomando d'ello tamanho sentido que maior ser não podia, e como quer que elle comsigo não tívesse senão muito poucos, não quiz aguardar mais gente, mas logo á pressa, assim como poudo, com estes de Monsaraz, outros por derredor, que seriam por todos até oitenta lanças e uns cento e cincoenta homens de pé, partiu a, serão, e andou toda a noite, e ante que chegasse a Vil

Nova, um bom espaço do logar, mandou saber diante se aquellas gentes se velavam e roldavam, onde assim jaziam com seu roubo, e trouveram-lhe recado que todos jaziam folgando e dormindo; entonce lhe cresceu muito mór vontade de chegar a elles, e fallou com todos que com elle iam a maneira que haviam de ter, repartindo cada um d'esses melhores que hi eram quantos levasse comsigo.

Este logar de Villa Nova não tem outra cerca, senão uma forte e alta torre, que se chama Castello de menagem, e o mais todo é arrabalde, que estava bem abarreirado e apalancado, e os gascões todos com seu roubo dentro, e d'elles em uma egreja que hi ha.

O Condestabre andou com os seus na ordenança que dissera, e chegou ao logar querendo amanhecer, leixando as bestas tão afastadas que não podessem ser sentidos; porém quando chegou já o muitos sentiram, mas porque a vinda foi supitamente, e uns dormiam com pesado somno, outros cuidavam no que lhe montaria á sua parte, não tiveram geito de se armar como a sua defensão cumpria, ca o dar das trombetas e brados das gentes, chamando todos Portugal, Portugal, faziam tal som nas orelhas d'elles, que lhes parecia trovão que cahia do céu, e os inimigos por isso assim espantados, como melhor poderam, acudiram á pressa ás barreiras defendendo-as como bons homens, as quaes por força foram logo entradas, sendo o Conde um dos primeiros que entrou por um portal por junto d'aquella torre, e de cima lhe lançaram um canto, de que Deus o quiz guardar na mula em que ia, que lhe não fez cousa que o torvasse de não ir por diante.

Todos os portuguezes dentro no palanque acha-

vam assás com quem se dar boas lançadas e pedradas, de que eram bem servidos de toda a parte, e indo o Conde por uma rua com cinco homens d'armas ante si, vieram dez gascões com lanças compridas nas mãos, o Conde como os viu, desceu-se da mula pé terra, e com aquelles cinco que levava, se deram as lançadas sem mais gente, até que vieram outros dos seus por que se partiu aquelle trabalho, o qual durando por algum espaço, por todos pelejarem já dentro das barreiras, prouve a Deus que os inimigos foram desbaratados, de guisa que de mortos e presos mui poucos escaparam, que se acolheram á torre, e foram hi tomadas mui boas armas e cavallos, e ouro e prata, e azemolas e outras cousas de que se prestaram, e todo o Conde mandou repartir por suas gentes, como havia em costume, que não tomou pera si nenhuma cousa; e os prisioneiros que os gascões levavam, homens e mulheres e moços pequenos, com seus gados e bestas e algos, todos foram livres e entregue a cada um quanto do seu foi achado; des-ahi mandou-os pera onde eram, e aos do logar não fez nenhum nojo, e tornou a visitar os logares por que se movera partir de Extremoz.

D'esta cavalgada foram novas a el rei seu senhor, a que muito prouve de as ouvir, e quanto elle com ellas houve de lédice, tanto tomaram de nojo e tristeza alguns taes que ao Conde haviam inveja, e murmurando affirmavam ante d'estas novas, que o Conde fôra desbaratado dos castellãos, dizendo que lhe haviam de quebrar o orgulho e faller a boa andança, e outras semelhantes razões, de que entonce cessaram.

## CAPITULO CXXXIV

*Como el-rei foi cercar Melgaço.*

**T**ORNANDO a el-rei, que ficou em Braga assaz fadigado da guerra em que era, pero fosse tempo de inverno, não deu vagar porém a seu trabalho, e ordenou de ir sobre Melgaço, cinco leguas acima de Tuy, e meia legua do rio Minho, villa cercada sem arrabalde, de bom muro e forte castello, do senhorio de seu reino, que lhe tinham os inimigos tomada.

A este lugar chegou el-rei com sua hoste, e era no mez de janeiro, na qual ia D. Pedro de Castro e o Priol do Esprital, e João Fernandes Pacheco e outros capitães e senhores, e seriam por todos umas mil e quinhentas lanças, e muita gente de pé. E os que dentro estavam por defensão do lugar, eram Alvaro Paes de Souto Maior, e Diogo Preto Eximeno, e em sua companhia até trezentos homens d'armas e outros muitos peões escudados.

E logo como el-rei chegou foram armadas as tendas e pousado o arraial, não porém longe da villa, e sem dar mais espaço, começaram de dentro d'atirar os trons e escaramuçar com os de fóra, e não se fez damno de nenhuma parte a outra, nem com os trons que lançaram.

No seguinte dia escaramuçaram, e deram uma seta da a Pero Lourenço de Tavora, e da villa morreram alguns. e foram outros feridos; e pero este dia lançassem nove pedras de trons aos do arraial, não lhe



fizeram nojo, e nos dois dias depois este, lançaram vinte pedras sem outra escaramuça, que não fizeram damno. À sexta-feira não lançaram trons, mas foi uma escaramuça, em que mataram um do arraial e foram feridos muitos de uma parte e da outra, e ao sabbado lançaram trez trons e um de noite, sem fazer nojo. Ao domingo foi feita uma escaramuça entre os da villa e os de D. Pedro de Castro, e mataram dos de D. Pedro um homem d'armas e dois de pé, e d'outros, por todos até seis, e da villa foram alguns feridos, e nenhum morto; nos dois dias seguintes deitaram oito trons que não fizeram damno.

## CAPITULO CXXXV

*Da bastida e escalas que el-rei mandou fazer.*

**H**AVENDO nove dias que el-rei jazia sobre este lugar, tendo já os da villa lançadas sessenta pedras de trons que não fizeram porém damno, mandou el-rei armar um engenho em cima da ponte da villa, e logo esta quarta-feira lançou cinco pedras, e tres foram dentro no logar e duas deram no muro, e responderam-lhe de dentro com doze pedras de trons, que nenhum damno fizeram. A' quinta feira lançou o engenho vinte e cinco pedras, das quaes deram dezeseis no muro, e duas em dois caramanchões, que foram logo derribados, e as sete cahiram na villa, que fizeram gran perda em casas que derribaram e destruíram; com esto não quedavam de der-

ribar, e acarretar a madeira que el-rei mandava fazer pera fazer duas escalas e uma bastida pera mover todo juntamente e pousar sobre o muro, e como foi lavrada fizeram as rodas do carro pera a bastida, em que havia em grosso por testa dois palmos, e de roda a roda em ancho treze covados, e ao longo, de padral a padral, que ia por cima d'ellas, havia vinte e seis covados, e em alto, d'onde se começava por cima dos carros, havia treze braças e meia. Em ella havia trez sobrados pera irem homens d'armas e bésteiros juntos ou apartados, como vissem que cumpria, o qual sobrado primeiro ia madeirado de pontões mui grossos, estrados de mui grossos caniços pera andarem por cima; e havia d'arredor cento e trinta e seis pontões, e a parte de traz ficava aberta, em que iam escadas d'alçapão por que haviam de subir; e por esta guisa o segundo sobrado que havia de redor cento e vinte e quatro pontões, e o terceiro cento e trinta escadas d'alçapão de um a outro, e em cima d'este sobrado outro pequeno com cento e vinte oito meios pontões de redor, em que iam trez mil pedras de mão, que mandaram apanhar as regateiras, e no segundo sobrado quinze trebolhas grandes cheias de vinagre, pera deitar ao fogo se lh'o lançassem, e esta bastida levava diante seis grandes caniços forrados de carqueja, e vinte e quatro couros de bois, verdes, pregados sobre ella por guarda do fogo e dos trões.

Mandou mais fazer duas escalas, que levava cada uma quatro rodas e os eixos de ferro bem grossos, e sobre ellas seis traves altas como esteios, acompanhadas d'outros paus pera se manterem, não todos de uma altura, segundo cumpriam, e em cada uma duas poles de guindar, que guindavam doze

---

cabres grossos de linho can'tene; e trez debadouras de traz pera guindarem, e dois grandes cabrestantes, como de naus, e iam cada uma escala pregadas de taboas grossas sobre quatro paus compridos como pontões, em que havia de longo quarenta e oito covados, e em ancho nove, e cincoenta degraus de meios pontões e caniços, e couros de vacca, verdes, nos logares onde cumpria, para irem cada um da parte da bastida.

E todo esto foi feito em quinze dias, e não quedavam em tanto de fazer caminhos e calçada, por onde haviam de ir a bastida e escadas.

## CAPITULO CXXXVI

*Como el-rei cobrou a villa por preitezia.*

**E**m quanto se estas obras faziam, não cessavam os da villa em lançar trons ao arraial, e do arraial á villa ped'as d'engenho; e vendo os do logar aquelles artificios feitos, e receando-se de receber d'elles damno, mandaram dizer a João Fernandes Pacheco que lhe fosse fallar, e el rei o mandou lá, e chegou á barbacá, e Alvaro Paes ao muro, e fallaram por espaço e não se accordaram: e em esse dia escaramuçaram duas mulheres bravas, uma da villa, e outra do arraial, andaram ambas aos cabellos, e venceu a do arraial, e des-ahi cada dia tiravam os trons e engenho uns aos outros, e o engenho fazia muito mal na villa, e os trons não impéciam em nada.

E em esto chegou a rainha a Monsão, tres leguas de Melgaço, e vinham com ella o Doutor João das Regras, e João Affonso de Santarem e outros cavalleiros; e depois se veiu a rainha ao mosteiro de Feães, uma legua de Melgaço.

E isso mesmo chegou ao arraial o conde D. Gonçalo e João Rodrigues Pereira, e escaramuçaram os do conde com os da villa, e foram feridos d'ambas as partes, e nenhum morto.

E veiu recado a el-rei que a villa de Salvaterra, que lhe dera D. Pedro, que a deram um tabellião e dois homens d'armas a Paio Sorodea; e el-rei mandou logo lá o Priol com muita gente, mas não aproveitou nada; e querendo el-rei mover seus artificios pera combater o logar, fez saber á rainha que viesse vêr o dia do combate, e veiu e esteve alli.

E em uma segunda feira, depois de comer, tres dias do mez de março, mandou el-rei que abalasse a bastida com seus corregimentos contra a villa, como tinha ordenado, e moveu com mui gran força de gente; pero foi bem dezoito braças, desahi moveu uma ala, e depois a outra, e estiveram ambas defronte do muro, arredada uma da outra, e tiraram-lhe sete trons, que não fizeram damno.

Depois moveu outra vez, e foi bem rijamente, e chegaram-se tanto á villa que punham um pé dentro no muro e outro na escala, e subio muita companhia, e o Priol primeiro que todos, e mandou el-rei que atirassem afora.

Entonce se fez prestes pera mandar combater, e mandou dez homens d'armas que subissem no mais alto sobrado, onde iam as pedras de mão, e moveu tudo juntamente, as escalas pera pousar e a bastida em que iam os homens d'armas e bésteiros; e da

bastida sahiam homens com grossos paus, que acostavam ao muro, e puzeram muitos d'elles, e ficavam de fundo amparados, e pero de cima d'elles lhe lançavam pedras grandes e fogo, não lhes impécia nada, e tiraram de fundo alguns cantos, afora outra pedra, de guisa que os de dentro entenderam que não havia em elles conselho, posto que trabalhassem por se defender; e fizeram saber a el-rei que lhes fizesse fallar, e foi lá o Priol e fallou com elles, e el-rei não queria consentir em nenhuma avença, cousa que aos outros logares fazia de boamente quando lh'a commettiam. Mas todavia tomal-os por força, por se vingar d'algumas desmesuradas palavras que contra elle diziam por vezes; e sobre esto havia referta se o faria ou não, João Rodrigues de Sá disse que lhe parecia que era bem, pois lhe moviam preitezia de a fazer, porque tomando-os por força, lhe podiam matar uma tal pessoa, que elle não quereria depois por quantos no logar jaziam.

El-rei disse com queixume: — «Quem medo houver não vá na escala.»

— Eu, senhor, disse João Rodrigues, não sei se dizeis vós isso por mim, mas cuido que nunca me vós a mim por tal conhecestes.

— Nem eu, disse el-rei, não o digo por vós, mas digo-o, porque os hei já por tomados.

Os que roubar desejavam, da gente meuda e meã, queriam que o tomasse por força, outros muitos tinham com João Rodrigues.

Emfim consentiu el-rei na preitezia, e tornou lá o Priol, o qual, leixadas algumas razões, que mingua não fazem de escrever, foi d'aquesta guisa:

Que dessem a villa e o castello a el-rei, e que sahisses em gibões sem outra cousa, havendo já cin-

coenta e tres dias que el-rei jazia sobre elles, e tendo lançadas da villa ao arraial cento e vinte pedras de trons, que nenhum nojo fizeram, e do arraial á villa trezentas e trinta e seis, que damnaram gran parte d'ella.

E preitejada por esta maneira, foi fama pelo arraial que todos haviam de sahir em gibões, e com senhas varas na mão; e os cachopos todos, sem lh'o nenhum mandar, apanharam varas, cada um seu feixe, e tinham-n'as prestes á porta da villa por onde haviam de sahir.

Em esto sahiu um mancebo pouco mais de vinte annos, e chegou onde el-rei estava, e fincou os joelhos ante elle e disse d'esta maneira:

— «Senhor, eu sou escudeiro fidalgo que vim a este logar por serviço d'el-rei meu senhor, cujo vassallo sou, e por minha desventura, sendo estas as primeiras armas que eu tomei pera o servir, parece-me que é forçado que as perca, segundo a preitezia, que ouço dizer que entre vós e os da villa tendes trautado, que é cousa de que tomo tão grão nojo, que maior ser não póde, não por a perda das armas, que sua valia não é tamanha, mas porque me parece que já com outras não poderei haver nenhum bom aquecimento, se estas de tal guisa perdesse; porém vos peço, senhor, por mercê, que m'as mandeis dar, que póde ser que inda vos eu com ellas faça tal serviço, guardando a honra d'el-rei meu senhor, e a minha lealdade, que vós as hajaes em mim por bem empregadas.»

El-rei disse que lhe prazia muito e que mandava lh'as dessem, se achadas fossem, ou das outras, umas quaes elle escolhesse, e que viesse, e assim foi feito.

## CAPITULO CXXXVIII

*Como el-rei cobrou o logar por preitezia*

**M**ANDOU el-rei armar os engenhos e concertar seus artificios pera tomar a villa por força, e em esto disseram-lhe que os de Olivença e de Badalhouce queriam vir dar na guarda da herua, entre ambos os logares, onde iam, e el-rei foi lá com parte da sua gente pera pelejar com elles, e não quizeram vir, e d'alli se partiram alguns e foram contra Badalhouce por escaramuçar com os inimigos, e na escaramuça foram mortos e feridos alguns da villa, e dos portuguezes morreu Antão Vasques, mui bom cavalleiro por seu corpo, de cuja morte a el-rei pesou muito, por ser notavel homem, e que o bem havia servido.

El-rei se tornou pera seu arraial, e Martim Affonso foi correr a Albuquerque, e ficou meia legua do logar em cilada, e mandou aos cavalgadores correr o logar a redor, que era tempo de vindima, e elles lhe trouveram novas que a essas horas entrara Garcia Gonçalves de Grijalva e seu irmão Fernão Garcia dentro no logar, e que com aquelles que traziam, e com as gentes que estavam na villa, seriam até dozentas e vinte lanças, e Martim Affonso tinha setenta, e dando Garcia Gonçalves nos cavalgadores, e correndo com elles, sahiu Martim Affonso da cilada, e Garcia Gonçalves deu logo volta, e foram logo mortos e presos gran parte d'elles, e sahiu Affonso Peres Sarazinho de travessa, e encontrou Mar-

tim Affonso e deu com elle em terra, e foi ferido em uma mão, e por este azo escapou Garcia Gonçalves de ser morto ou preso. Porém Martim Affonso trouve cavalgada de prisioneiros e um sobrinho de Garcia Gonçalves, e tornou-se ao arraial.

Em esto el-rei combateu o logar tendo já a cava atopida, e indo certos homens na escala, a mandou poer em uma torre começada de derribar dos engenhos, e a escala pera pousar aconteceu que quebrou, e foram muitos feridos, e prouve a Deus de nenhum não morrer.

El-rei houve grande nojo, por a detença de mandar fazer outra, em que pozeram quinze dias, e acabada e tornando a combater, pousou a escada em uma torre, e foi tomada a villa por força e posta a bandeira d'el-rei em a torre, e era esto em uma segunda feira, treze dias do mez d'outubro.

Os da villa acolheram-se todos ao castello; el-rei mandou fazer uma cava, e elles atulharam-n'a; desahi vendo que se não podiam defender, havendo já dezoito dias que a villa fôra entrada, a um domingo primeiro de novembro o alcaide se preitejou, que se el-rei de Castella não accorresse até trinta, dias que leixasse o castello, e poz em arrefens por segurança d'esto um seu filho, que chamavam Vasco Gil.

O accorro não veio, como elle cuidou, e entregou-se o castello, e o Conde poz em salvo Gil Vasques, com todos os seus que com elle eram, como no trauto fôra conteudo.

E deu el rei o castello a Martim Affonso, e partiū d'alli e veiu-se a Lisboa pera fazer côrtes, e o Conde foi ao campo onde fôra a batalha, e mandou hi edificar uma egreja á honra de Santa Maria e de

São Jorge, em aquelle logar onde estivera a sua bandeira o dia d'aquella victoria ; des-ahi mandou fazer o mosteiro de Santa Maria do Carmo dentro na cidade de Lisboa.

## CAPITULO CXXXIX

*Como el-rei casou algumas donzellas, e mandou queimar um seu camareiro.*

**A**s côrtes acabadas pera supportar a guerra, e partidos já alguns que depois d'esto eram escusados, el-rei com bom desejo e cuidado das mulheres de sua casa, assim de as guardar de sua queda, em que muitas sem empacho por seu mau sizo vem a cahir, como de crescentar em ellas, posto que pouco tempo houvesse que em casa da rainha andassem, cuidou de casar algumas d'ellas que lhe pera esto pareceram pertencentes, assim como Beringueira Pereira, e Beatriz Pereira e outras donas, e como era d'alta discrição e entendimento, bem cuidou que escusado era fallar a ellas de quem se contentariam pera lhes dar por maridos, sabendo que sem resguardo em similhante feito escolhiam ás vezes pera si o contrario d'aquello que é sua honra e proveito, a que se já outorgadas tem, e porém elle que lhe bem conhecia os padres e madres, pensou pera cada uma o marido igual a ella, e o que elle determinou de lhe dar, assim como pera Beringueira Pereira, Affonso Vasques Correia, e pera Beatriz Pereira, Martim Vasques de Rezende, e assim pera

as outras, e tendo-as assim casadas na vontade, trazendo já esto em cuidado, sem o dizendo a nenhum, feze-o saber um dia a todas por estas palavras :

— «Manda-vos el-rei dizer que vos façaes prestes pera desposar de manhã ;» — sem mais dizendo com quem, ca não era d'ello sabedor o que tal recado levava.

E depois que assim foi dito a ellas, similhanvelmente o mandou el-rei dizer a elles, assim que elles como ellas tiveram bem que cuidar aquella noite, não sabendo se lhe havia de cahir em sorte a quem seu coração tinha outorgado.

Em outro dia levou el-rei comsigo os noivos á camara da rainha, e alli disse a cada um aquella que recebesse, a cujo mandado não houve contradição, posto que não acertasse mais de uma a casar com quem tinha em sua vontade ; as outras, pero o calassem, bem deram depois a entender que de tal feito não eram contentes.

El-rei sabendo d'esto parte, disse que elle lhes dera maridos assaz convinhaveis pera ellas, de que seriam bem casadas e honradas, e com quem lhe faria muitas mercês, mas que pois assim era, que elle jurava e promettia que nunca mais d'alli em diante a nenhuma, por idade que houvesse, lhe ordenasse nenhum casamento, salvo se o ella ou seus parentes primeiro pedissem muito por mercê.

Estas foram as primeiras donzellas que el-rei D. João casou, e deu a cada uma em casamento, afora os apostamentos que houveram pera sua boda, cincoenta mil libras, que eram mil dobras cruzadas, valendo então a dobra cincoenta libras.

Outrosim tinha el-rei grão sentido na guarda das

mulheres de sua casa, que nenhum joguetasse com ellas, nem tivesse maneira pera que entre ellas podesse nascer suja fama, e não sómente os outros, mas ainda os esposados não queria el-rei que joguetassem com suas esposas, dizendo lh'o logo, e não docemente, em tanto que sua casa era castigada, de guisa que da conversação d'elles com ellas, el-rei não recebia nenhum nojo.

Ora assim foi que das donzellas formosas que no paço andavam, e de melhor gesto, e mais filha d'algo era uma, que não momeamos.

El-rei trazia um camareiro que chamavam Fernão d'Affonso, irmão de João Affonso de Santarem, de que em esta obra fazemos menção, homem de prol e bom corpo, e que el-rei amava muito, assim por o de seu irmão que o bem servia, como por suas manhas e conversação, de que el-rei era mui contente, em tanto que todos eram em conhecimento do grande amor que lhe el-rei mostrava.

Este chamou el-rei por vezes, dizendo que elle lhe encommendava e mandava que com nenhuma mulher tivesse geito de bemquerença, mórmente com esta, de que el-rei começava de ter má suspeita, e que fazendo d'esta guisa que lhe faria prazer e serviço, o qual o moveria a fazer muita mercê, e fazendo d'outra guisa, que fosse certo que se perderia com elle de tal maneira que lhe pezeria muito.

Fernão d'Affonso outorgava no que el-rei dizia, mostrando que nenhum desprazer lhe faria por cousa que avir podesse n'aquelle, nem em outro feito, e elle repetindo que se avisasse bem n'aquelle, fazia fim de suas fallas.

Pediu Fernão d'Affonso licença a el-rei pera ir de

pé a Santa Maria de Guadalupe, e os dias que entendeu que podia pôr na jornada de ida e vinda, aquelles jouve em casa d'aquella senhora, e um se-rão fingiu que vinha da romaria que não fizera, e el-rei entendeu aquelle jogo, e não lhe mostrou geito nem falla, como a homem que de tal logar viesse, e cresceu a fama muito, e el-rei lhe mandou que se fosse de sua casa e não parecesse mais ante, e elle em vez de se arredar do paço, foi-se metter em casa da mesma senhora e alli estava, e era esto no mez de maio, e el-rei que enculcas trazia sobre esto, mandou pela sesta que lh'o fossem chamar, e o mensageiro dizendo que não sabia onde fosse, disse el-rei que em casa d'ella o acharia, e foi chamado, e veiu ante elle, espando-se muito como fôra sabido que elle alli estava, e posto que de má vontade viesse, a gran fouteza que tinha no especial amor que lhe el-rei mostrava, lhe fazia ter semelhante excesso em pequena conta, e não como era. El-rei como foi na camara mandou chamar o corregedor Gil Eannes, logo ao qual como veiu, disse el-rei que tomasse Fernão d'Affonso e o levasse á cadeia.

Gil Eannes disse que assim o faria, e levava-o consigo indo departindo, crendo que fosse venial queixume, e não excesso de que o castigar queria, e descendo do paço e indo acerca da porta de Alfofa, deu aos pés trigosamente, e metteu-se em Santo Eloy, que é hi acerca, cerrando as portas sobre si, elle e alguns que com elle foram; e o corregedor ficou escarnecido, e foi esto logo dito a el rei, o qual de tal feito se teve por muito mais, e logo acceso em fogo de sanha por metade da sesta assim como estava, coberto de um mantão sem calças e

em fervilhas, de pé, desacompanhado, salvo de alguns moços da camara e dois ou trez escudeiros que se acertaram a taes horas de hi ser, se foi áquella egreja, levando já mais comsigo, que se pelo caminho a elle chegavam, e batendo á porta, não queriam abrir, e como souberam que era el-rei, Fernão d'Affonso se desceu do côro, e subiu á pressa em cima do altar mór, abraçando-se com a imagem de Nossa Senhora que em elle estava, e el-rei tanto que entrou e o viu estar, mandou que o tirassem d'alli, e não poudeser tirado que não dessem com a imagem em terra, que logo quebrou, a qual el-rei depois mandou concertar e deu um caliz e outras cousas, e Fernão d'Affonso foi levado de guisa que não fugisse. N'aquelle dia mandou fallar a aquella senhora se lhe prazia a ella dizer elle que era seu marido, por escapar da sanha d'el-rei, e ella disse que por qualquer guisa que elle entendesse de escapar de seu queixume, que assim o fizesse, elle começou de chamar seu marido, e ella sua mulher.

El-rei passado não mais de um dia, mandou que o levassem com justiça acompanhado e não de jogo, e com pregões como é costume, e levaram-n'o até o Rocio, onde estava um esteio posto, e muita lenha pera o queimar.

A el-rei o pediram muitos senhores e fidalgos, e isso mesmo a rainha, e a todos respondeu por asperas palavras que o não havia de fazer.

Em todo esto era tão grande o amor que Fernão d'Affonso entendia que lhe el-rei tinha, que ainda pensava que todo esto era fingido, e olhava pera as janellas do paço pera vêr se o mandaria el-rei levar; isso mesmo cuidavam todos que eram presentes. El-rei suspeitou porque se detinham, e mandou á

pressa que se despachassem, e deram-lhe o fogo, e assim morreu.

Aquella morte poz grande espanto em todos os da casa d'el-rei que esto viram, dando sobre ello desvairadas sentenças. E ella cuidou de ser morta, e trabalhou-se de saber d'el-rei que vontade era a sua, e el-rei disse que não queria elle outra vingança, senão ser ella do linhagem e estado que era, e vél-a barregã de Fernão d'Affonso.

Então a lançou de sua mercê, e foi-se pera Castella vivendo com encetada fama.

## CAPITULO CXL

*Como el-rei cercou Tuy e o tomou por preitezia.*

**P**ARTIU el-rei de Lisboa e foi entre Douro e Minho, e a Portugal eram vindos dias havia, pera tratar treguas da parte d'el-rei de Castella, um seu confessor da ordem de S. Francisco, que chamavam Fr. Fernando de Ilhescas, e Pero Sanches, Doutor em leis, e Antão Sanches, Doutor em degredos, e trataram alguma soffrensa de guerra por certos mezes, emquanto se concordavam outras cousas.

Em este comenos, acabado aquelle tempo, moveu-se el-rei a ir cercar Tuy, cidade de Galliza acerca do Minho, que faz extremo entre ambos os reinos, e chegou sobre o logar vinte e trez dias do mez d'agosto da era já nomeada de quatrocentos e vinte e sete, e a causa de se mover de ir sobre ella foi,

segundo contam, porquanto Paio Sorodea, que no logar estava por sua defensão, mandara dizer a el-rei em segredo que queria ser seu, e dar-lhe a cidade, e que fosse pera a receber.

El-rei crendo que fosse assim se moveu de ir a lá, cuidando de a cobrar d'esta guisa, e o gallego fazia-o com intenção de o colher dentro, segundo alguns affirmavam, e que d'esto era el-rei de Castella sabedor, e por seu consentimento se fazia todo, e esta tenção tem aquelle Doutor que dissemos n'aquelle trauto que compoz, que faz fim n'este capitulo n'aquelle logar onde diz «*Hoc tamen fraudulenter faciebat.*»

Ora el-rei vendo o engano que lhe fôra feito d'esta guisa, poz seu cerco sobre ella, e fez armar engenhos que lhe tirassem, e mandou poer um no rio, em cima de muita pedra, que mandou lançar por fundamento, e de todas as partes faziam gran destruição na cidade, salvo na sé, a que não tiravam, e alli se acolhiam as gentes que podiam, com seus algos comsigo, e fez uma bastida e uma grande escala, e mantas pera a combater, e mandou por a rainha ao Porto que viesse vêr como a combatia, e veiu e estava com el-rei no cerco; des-ahi faziam-se escaramuças entre os da villa e os do arraial, em que acontecia, como é de costume, haver mortos e feridos de uma parte e outra.

Em esto soavam novas, e affirmavam-n'as de certo, que el-rei de Castella ajuntava suas gentes pera vir descercar Tuy e pelejar com el-rei, e elle mandou logo chamar o Condestabre entre Tejo e Odianna, e alguns fidalgos da Extremadura, e isso mesmo o conselho de Lisboa, o qual muito prestes, e com elle o Doutor João das Regras que no mez passado el-rei casara em Coimbra com uma filha de Martim

Vasques da Cunha, armaram á pressa seis galés em que todos embarcaram por mingua de bestas; e em quatro dias chegaram a Tuy sem outro impedimento.

Ora estas novas não eram da guisa que contavam, mas el-rei de Castella estando junto com uma aldeia, que chamavam Soutos Alvos, trez leguas de Segovia, soube de certo como el-rei tinha cercada a sua cidade de Tuy, e houve conselho pera lhe accorrer; e porque elle não estava bem guisado de capitães e gente d'armas, por as perdas passadas que ouvistes, des-ahi por não dizerem que desamparava a cidade, e não punha em ella cobro, enviou D. Pedro Tenorio, arcebispo de Toledo, e o mestre de Alcantata, D. Martim Annes, que se juntassem com D. Garcia Manrique, arcebispo de Santiago, e fizessem sobre tal cerco o que entendessem por seu serviço; e d'esta ordenança nasceram as novas que el-rei de Castella vinha descercar aquella cidade, e não era assim.

E continuando el-rei o cerco e combates com seus artificios, viram-se os de dentro afincados, e moveram preitezia, a qual el-rei não queria, porém consentiu em ella, e deram-lhe a cidade, e Paio Soro-dea ficou por seu vasallo, mas, rota sua fé ante de quatro dias, escusamente fugiu pera el-rei de Castella, e el-rei deu a cidade a Gonçalo Vasques Coutinho, e partiu-se d'ahi.

## CAPITULO CXLI

*Como foram feitas treguas entre Portugal e Castella.*

**O**s embaixadores que já nomeámos fallaram a el-rei, estando em Braga, em feito d'avenças entre elle e el-rei de Castella, e elle dizendo que lhe prazia, escolheu por sua parte D. Fr. Alvaro Gonçalves, Priol do Esprital, e Lourenço Annes Fogaça, seu chanceller-mór, pera concordarem com elles amor e avença entre elle e el-rei de Castella, chamando-lhe el-rei em suas cartas o nosso adversario de Castella; e el-rei de Castella punha em seu ditado Rei de Castella e de Leão, e de Portugal e de Toledo, e dos outros costumados logares, trazendo as armas nas bandeiras e sêllo, todos miscrados, da guisa que no começo da guerra tomara.

Estes embaixadores e os que dissemos de Portugal se foram a Monsão, de riba do Minho, e alli acordaram e outorgaram boas, firmes e leaes treguas, assim por mar como por terra, entre os ditos senhores e seus alliados, s. el-rei de França e el-rei de Escocia da parte de Castella, e el-rei de Inglaterra alliado a Portugal, se em ellas quizesse ser, e esto por seis annos, compridos os tres que ante d'esto el-rei de Inglaterra e el-rei de França, por si e por seus alliados, haviam concordado, em que entrava el-rei de Castella e el-rei de Portugal, se em ellas quizessem ser, e por outros tres.

Além d'estes concertos, capitulos e condições, que escusados são d'escrever, salvo este: — *Que el-rei de Portugal leixasse a el-rei de Castella Tuy, que lhe havia tomado, e Salvaterra d'entre Douro e Minho; e el-rei de Castella a el-rei de Portugal Noudar e Olivença, e Mertola; e em riba de Côa Castel Rodrigo, e Castel Mendo e Castel Melhor, e que Miranda e o Sabugal, que el-rei de Castella mais tinha, ficasse em poder do Priol como fiel d'estes feitos.*

E assim outras taes condições, com que entonce foram firmadas aos vinte e nove dias de novembro de quatrocentos e vinte e sete annos.

E feito esto veiu-se el-rei a Santarem, e pariu hi a rainha o infante D. Affonso, que foi o primeiro filho que el-rei houve d'ella, e nasceu D. Affonso no mez de julho, e foi baptisado aos tres dias do mez d'outubro em Santa Maria d'Alcaçova, d'esse logar, e deu-lhe el-rei procuradores pera receber por elle menagens d'aquelles a que pertencem de as fazer, Nuno Alvares Pereira, seu Condestabre, e D. Lopo Dias de Sousa, mestre da cavallaria da ordem de Christus; des ahi veiu-se a Lisboa, onde fique folgando com seu primogenito filho, e nós partiremos com os embaixadores, por vêr se em Castella aconteceu depois tal cousa que nos convenha poer em remembrança.

## CAPITULO CXLII

*De algumas razões que el-rei disse em razão das côrtes que fizera.*

PASSANDO estas cousas que dissemos, entrou a era de quatrocentos e vinte e oito annos, na qual el-rei de Castella ordenou de fazer côrtes na villa de Guadalfajara, e que viessem a ellas os môres do reino e os procuradores de todos os concelhos, como de feito vieram, e sendo el-rei n'aquellas côrtes, d'alguns que em esto falavam, prasmando, e dizendo que as treguas que fizeram foram feitas com pouca sua honra; e especialmente dar tantos logares, como de Portugal tinha, por dois que lhe haviam tomado, e outras taes razões, respondeu el-rei de praça a esto que era fallado de parte, e disse:

— «Eu essas treguas que fiz, ainda que alguns digam que não foram feitas com minha honra e da casa de Castella, por tornar a meu adversario tantos logares, e elle a mim tão poucos, parece que o entendem mal, e não são d'elle em bom conhecimento, cá eu vos digo cá de os manter sentia tanto tal gasto e anojamento, cá se m'os debalde mandara pedir, e me não fôra um pouco d'empacho, eu lh'os dera antes de graça, cá fazer com elles tal despeza, qual fazia ao tempo de ora; além d'esto eu via os meus tão anojados d'esta guerra com taes perdas, e de tantas guisas, não sómente os fidalgos e meus vassallos, mas ainda os povos todos em dar

tantas peitas como davam pera o supportamento da guerra, des-ahi mingua de bons capitães e gentes d'armas; que esto me demoveu a fazer o que fiz. Mas espero em Deus que passado o tempo da tregua, que eu torne á guerra por minha honra e do reino como todos bem podem vêr, e portanto ordenei de fazer estas côrtes por notificar a todos qual em esto é minha tenção, e assim o disse já em ellas a todos, e o digo ainda agora de praça.»

E certamente tal era seu profiado desejo de buscar todas as maneiras como da passada deshonra podesse haver comprida vingança, e imaginou e fez uma divisa pera dar a certos cavalleiros, a qual era um collar feito como raio do sol, e em elle uma pomba branca por representação do Espirito Santo; e quando veiu o mez de julho, em dia de Santiago, na cidade de Segovia, na egreja cathedral d'ella, disse el-rei perante todos que elle ordenava de trazer esta divisa, a qual então mostrou, e um livro de certas condições que havia d'haver quem tal collar trouvesse, e tomou-o então de sobre o altar, e deu o a certos cavalleiros de sua casa.

E deu outra divisa que chamavam da Rosa, a alguns escudeiros com certas condições de provar seus corpos em feitos d'armas.

E todo esto era fundado sob tenção de os fazer ardidos, e attender por força aos medos onde quer que lhe aviessem, cá não embargandó o que lhe acontecera, ainda elle tinha outra vez vontade de vir contra o reino de Portugal, mas a morte que a poucos dias houve, lhe fez mudar seu proposito de todo.

## CAPITULO CXLIII

*Como el-rei de Castella descobriu aos do conselho que queria fazer do reino, por lhe dizerem o que lhes parecia.*

**E**L-REI depois da perda da batalha sempre deu seu coração a devairados pensamentos como poderia cobrar Portugal e haver vingança da deshonra que na batalha recebera, e estas treguas que tratou, e aquellas divisas que deu e perdões que fez a todos os do reino, salvo ao conde D. Afonso seu irmão, que preso tinha, todo era fundado em ajuda e favor d'estas cousas que dissemos.

E para proseguir esta intenção veio el-rei a cuidar uma cousa que foi estranho pensamento, a qual é esta:

Ante que as côrtes fossem começadas chamou alguns do conselho em grande segredo e disse-lhes que soubessem de certo que havia mais de quatro annos que elle acordara em sua vontade de deixar o reino que elle tinha, ao principe D. Henrique seu filho, em esta guisa: que elle que era rei tivesse em sua vida as cidades de Cordova e Sevilha e o bispado de Jaen com toda a fronteira, e o reino de Murcia e o senhorio de Biscaya, e mais as rendas que tinha do Papa das terças das egrejas, e que todo o al fosse do principe seu filho, com que se chamasse rei de Castella e de Leão, e que as razões que o moviam a fazer esto, eram estas:

Primeiramente que todos os de seus reinos sabiam

bem que os portuguezes sempre disseram que não embargando que elle casado fosse com a rainha D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando, que lhe não queriam obedecer nem receber por seu rei, porquanto se mesclava o reino de Portugal com o de Castella, e não ficava reino sobre si, como sempre fôra d'antigos tempos até agora, e que tomando elle as rendas e logares que dito havia, e leixando a seu filho o titulo de rei de Castella, e chamando-se rei de Portugal, com as armas direitas nas bandeiras e sêllos, sem mistura das de Castella, que os portuguezes quando esto vissem se chegariam a elle, e lhe obedeceriam como a seu rei e senhor, e que na parte do regimento do reino que a seu filho queria leixar, porquanto era de idade pequena, que não chegava ainda a onze annos, que houvesse de seu conselho certos prelados, e cavalleiros e homens bons de cidades que regessem e governassem o reino.

Ditas estas cousas, mandou-lhes que dissessem o que lhes parecesse, tomando-lhes juramento, que sem nenhuma affeição. nem louvaminha, nem outra tenção corrupta, lhe aconselhassem o que lhes melhor visto fosse; e elles disseram que lhe pediam por mercê que lhes desse espaço a cuidar sobre esto, ca não era tal pergunta pera supitamente responder.

El-rei outorgou que lhe prazia, e não se fallou mais entonce.

## CAPITULO CXLIV

*Como responderam a el-rei aquelles a que pediu conselho sobre o repartimento do reino.*

**C**UIDANDO n'esto os que el-rei perguntou como cousa bem pera cuidar, vendo que lhe não davam resposta tão cedo como elle quizerá, requereu que lh'a dessem, e elles todos de um accordo que imaginado tinham, responderam d'esta guisa por um a que deram carrego que o dissesse:

*Resposta que se deu em córtes a el-rei de Castella*

Senhor, nós havemos visto todo o que nos da vossa parte foi proposto em razão do renunciamento do reino que fazer quereis, e os logares que ao príncipe vosso filho haviam de ficar, e os que pera vós apartaveis, e que trazendo armas de Portugal, que são quinas, chamando-vos rei d'elle, que entendeis de o cobrar por parte da rainha vossa mulher, porque vos de direito pertence; e que esto vos demo-via a fazer estas cousas que dissestes.

Senhor, com reverencia de vossa real magestade, a nós parece qué tal feito não deveis fazer, nem cumpre a vosso serviço, por certas razões que diremos, das quaes a primeira é esta:

Vós, senhor, sabeis por livros e chronicas que ás vezes perante vós lêem, quanto mal e damno se seguiu das guerras que fo. am na Hespanha por azo das partições que os reis vossos antecessores entre

seus filhos fizeram, assim como fez el-rei D. Fernando, d'onde vós vindes, que partiu os reinos entre seus filhos, leixando o reino de Castella a D. Sancho, e o de Leão a D. Affonso, e o reino de Galliza com Portugal a D. Garcia, e a villa de Touro á infante D. Elvira, e a cidade de Çamora á infante D. Urraca; e por esta razão houve depois grande guerra entre os irmãos, ca pelejou el-rei D. Sancho com D. Garcia, rei de Portugal, e venceu e prendeu-o, e morreu em ferros; e assim fez com D. Affonso, rei de Leão, que lidou com elle, e o prendeu e metteu em S. Fagundo, de onde depois fugiu pera Toledo, que era de mouros; e cercou el-rei D. Sancho a infante D. Urraca em Çamora, onde o matou Vellido por traição; e todo esto aconteceu por a partição que el-rei D. Fernando fez.

E isso mesmo el-rei D. Affonso, que ganhou Toledo aos mouros quando casou sua filha bastarda, D. Tareja com o conde D. Henrique, deu-lhe Portugal com ella, fazendo-lhe d'elle condado, e nunca mais tornou ao senhorio de Castella, como d'antes era; e tambem el-rei D. Affonso, filho do conde D. Reymão, neto d'este rei D. Affonso, que ganhou Toledo, partiu os reinos de Castella a dois seus filhos, por cujo azo houve depois entre elles grandes guerras, de guisa que el-rei de Leão se ajuntava muitas vezes com os mouros por torvar a el-rei de Castella, até que prouve a Deus que el rei D. Fernando, que cobrou Sevilha, os ajuntou ambos em um, e assim que n'estas partidas e estremanças que se fizeram de Castella e de Leão, foi enagenada a corôa de vossos reinos do senhorio de Portugal, em tanto que o deserviço e perda que esta terra por tal azo sentiu não é fóra de memoria dos homens, mas mal pec-

cado bem tenro é fresco como hoje em dia parece, ca o vemos reino por si apartado d'estes reinos, se bem inimigo vosso e d'elles.

E mais ainda el-rei D. Affonso, filho d'este rei D. Fernando que ganhou Sevilha, que no casamento que fez de uma filha bastarda com um rei de Portugal, seu genro, deu-lhe certos castellos com ella, e quitou o feudo que Portugal dava a Castella, e por sempre se perdeu todo da corôa d'estes reinos.

A segunda razão, senhor, que nos parece sobre vossa emenda porque tal partição não deveis fazer, se pôde bem vêr por o que ora direi.

Vós, senhor, dizeis que porquanto os portuguezes outorgar não quizeram que o reino de Portugal se misclasse com o de Castella e fosse todo um, que por esta razão o perdestes, e que agora chamando-vos rei de Portugal sómente, e não de Castella, que o reino vos obedeceria e tomaria por senhor.

Senhor, esta razão que vós dizeis, é boa, com tanto que fôra no começo, quando novamente começastes demandar o reino de Portugal, e porventura que entre as cousas que vos muito torvaram tal feito, esta foi uma d'ellas, mas mal peccado depois se recreceram taes mortes e pelejas entre nós e elles por este azo, que já os portuguezes agora não teem tal maginação. ante chãmente vos dizem todos que por nenhuma guisa nunca vos hão de obedecer, que se ante não soubessem perder de todo, e se vós agora que sois mais poderoso, tendo o reino todo em vosso poder não os podeis subjugar, com quanto lhe promettestes governadores de sua nação, quaes elles escolher quizessem, muito mais pouco o podeis fazer des que tal poder não tiverdes; e se guerra, senhor, sobre tal cousa houvesseis de mo-

ver, a qual dizeis que vos ajudará o principe vosso filho, que já rei seria de Castella, em verdade, senhor, esto poemos em grande duvida, ca entre os principes e senhores a gran cobiça dos reinos e senhorios lhe faz olvidar os dividos que hão, como se poderia bem vêr pelos livros de historia de semelhantes cousas.

Outrosim duvidamos muito, ante cremos que farão o contrario, que Sevilha, nem Cordova, nem o bispado de Jaen e o reino de Murcia vos hajam de obedecer, fazendo-vos tal e taes partições como estas que tem, como é verdade que são proprias da corôa de Castella, e vendo que vos chamaes rei de Portugal e trazeis suas armas não vos quererão obedecer, nem nos parece que farão em ello sem razão.

I-so mesmo terra de Biscaya que posto que seja sobre si, sempre foi e é obediente ao reino de Castella, e de seu senhorio se nomeia, e sempre querem jurados e alcaides sobre si da guisa que vêdes agora, que não querem que alcaide vosso os julgue, nem ouça suas appellações, salvo que o hajam apartado na vossa côrte para ello, e vendo elles que vos chamáveis rei de Portugal, não tendo o senhorio de Castella, não vos haviam de obedecer, nem fazer vosso mandado, ca bem parece grave cousa poer o senhorio que agora tomar quereis em Sevilha e nos logares que dizeis, tal discordia que fique o reino de Castella em meio, e que os biscainhos e as outras gentes que de vós alguma cousa mister houvessem, vos hajam de ir buscar a Sevilha.

¶ As rendas que dizeis que vos dão das terças das egrejas, pareceria feia cousa de as terdes pacificamente sem fazendo com ellas guerra aos mouros, e defender vosso reino d'elles, pois pera isso foram

dadas, mórmente que são espalhadas por todo o reino; e sendo vós rei de Portugal, e andando os colhedores d'ellas apanhando-as pela terra, não podia ser sem grande arruido que os que as houvessem de dar, não vos seriam tão obedientes como agora são, e porventura é de presumir que alguns senhores e cavalleiros dos logares onde taes rendas são, se atreveriam de as tomar, de que lhe seguiria pouco proveito, com grande escandalo entre nós e elles.

Ao que, senhor, dizeis que poreis no conselho de vosso filho certos prelados e cavalleiros com homens bons d'algumas cidades, esto, senhor, nos parece mui forte e grave coisa de reger.

O primeiro, porque muitos homens em um regimento nunca se accordam como devem, por esto foi antigamente ordenado que um só regesse, e mais não; ca das abelhas naturalmente vemos que uma só é principal e regedor d'ellas; e quando a cousa ha muitos regedores, nunca vae como cumpre, e se algumas vezes nos reinos se põem regedores, esto é por ser o herdeiro pequeno, e qual não deve, mas onde se escusar pode, melhor é o regimento de um acompanhado de bons conselheiros, e vós, a Deus graças, sois abastante por sizo e por idade pera o bem reger, pois não cumpre ao reino outros regedores, e leixar-nos, nem vós contra consciencia farieis tal cousa, considerando quantos males e damnos se d'esto recrecer podiam.

Outra duvida grande nasce ainda de tal feito, e esto por vosso filho ser de tão pouca idade, que não ha ainda onze annos, e fica mui gran tempo pera quando poder reger seu reino, e quanto mais durasse ao longo o espaço dos que haviam de reger por elle, tanto era mór perigo do reino; e os senhores

e cavalleiros de Castella são de condição e uzança, que poendo-os vós em tal regimento, qual vós razoaes, sempre se teriam por mal contentes, mórmente da grande inveja que entre elles haveria quando vos vissem escolher certos pera reger, e outros não, e d'esto nasceriam muitas divisões com grande escandalo, a que depois seria bem grave de poer remedio; e ainda, senhor, podia acontecer em este feito outra cousa alguma, segundo já fallámos, que porquanto os reis não querem no poderio haver companheiro, que vosso filho dês que viesse a idade, e entendesse que não tinha inteiramecte os reinos de Castella como tiveram seus avós, que faria muito por vos tirar o que apartasseis pera vós, e não minguariam taes que o conselhassem que o pozesse em obra, de que nasceria guerra entre vós e elle; elle como mais poderoso que vós, e os moradores da terra que vós apartasseis, cubiçando ser tornados ao senhorio em que primeiro eram, fariam muito por vos lançar de si, torvando-vos onde vos haviam de ajudar, e vós ficarieis com grande perda, e bem envergonhado.

Outra razão ainda mais, senhor, ponhamos que as cousas viessem á vossa vontade, e todo se seguisse como vós desejaes, cobrando o reino de Portugal da guisa que dizeis, porventura quando tal cousa aviesse, vós leixarieis de mui mámente a parte d'estes reinos que vós extremaes, que seria mui gran mal e perda de se alhearem da corôa de Castella, a perder pera sempre, mórmente se houvesseis filho herdeiro da rainha vossa mulher, que desejaria possuir o que vós lograveis, dizendo que por vossa parte o devia de herdar, trabalhando-se muito de o defender.

E mais outra cousa que aquecer podia, que não cobrando vós Portugal, como dizeis, e vos os mouros fizessem guerra, que vós a não poderíeis sustentar, ca bem sabe vossa mercê quando a tal guerra aquece, e se galés hão de armar, que de Castella vêm os galeotes e os dinheiros pera a armação, e d'ahi se ajuntam os cavalleiros com os de Andaluza pera defender a terra, e d'esto se podia seguir grão perda na christandade quando os mouros houvessem tal vantagem de vós que os soffrer não podesseis; e se estas comarcas não ajudassem umas com as outras, como hão de costume.

E se dizeis que vos ajudaria vosso filho, já vos dissemos a duvida que em esto temos, por os senhores apartados não se ajudarem nunca assim como devem.

Ainda, senhor, esguardamos em outra cousa que todos os reis e príncipes que esto soubessem, o haveriam por estranho e mau conselho, partindo d'esta guisa os reinos, e vos apartardes assim, leixando tão grão senhorio.

Ainda se vosso filho fosse em tal idade e discrição que vós entendesseis que o regeria melhor que vós, teria tal feito algum color, mas leixando-o vós a um filho de tão pouca idade em fluza dos conselheiros que lhe haveis de dar, isso mesmo julgariam todos por mau recado e mingua de coração.

Outrosim, senhor, vêmos mais que hi sois vós, a Deus graças, de bom entendimento, e tendes conselheiros assaz discretos, que amam vosso serviço, e com tudo isto aquece muitas vezes que por alguma affeição apartada de parentes e amigos, temtaes opiniões no conselho, de que depois vêm alguns erros, pois que fariam, senhor, onde estivessem

taes conselheiros, sem haver maior sobre elles semelhante a vós de que temor e receio houvesse? Ca as communidades de Italia, assim como Genoa, Florencia e outras, por isto lhes prouve de terem duque, que quer dizer guiador, porque os guia e traz á concordia, vendo as opiniões d'elles e escolhendo a melhor, e esto fallece no principe vosso filho, por a pouca idade que ha, nem a pode haver d'aqui a grão tempo; por esto, senhor, os direitos que fizeram os imperadores e reis mandaram que até era de vinte e cinco annos o homem se julgue por menor, e possa pedir restituição, se fôr damnificado em alguma cousa, e isto não é salvo, porque até entonce não pode governar tambem seus feitos que não possa em elles ser achado erro, ca se elle governasse a administração d'outros bens, posto que erro algum fosse achado, não seria a perda tamanha, mas na governação dos reinos de Castella, onde ha taes e tantos senhores de linhagem de reis, e tantos e tão bons fidalgos, crêde, senhor, que se não teriam por contentes de serem regidos por prelados e cavalleiros, mas haveria entre elles muita inveja e malquerença que na boa governação não deve ser.

E se guerra viesse e os mandassem ir a ella, crêde, senhor, que o não fariam, e assim, senhor, concludindo vosso conselho, pedindo perdão a Vossa Real Alteza, nós não somos em accordo que renunciéis o reino a vosso filho, nem façaes tal apartamento, ante vos requeremos da parte de Deus, e aconselhamos que o sossegeis em vosso regimento, e não façaes nenhuma mudança.

## CAPITULO CXLV

*Como el-rei fallou a alguns sobre o thesouro que fazer queria pera a guerra.*

**E**L-REI havendo esto por bom conselho e segurando sua vontade de em ello jámais cuidar, veio a mover outra cousa, a qual propoz em segredo a alguns cavalleiros de que fiava, que tinham procuраções de certas cidades pera aquellas côrtes, e foi esta:

Disse que lhes rogava que quizessem fallar, e encaminhasssem com os outros procuradores, que alli eram por buscar alguma maneira como o servissem cada anno de certa contia de dinheiros pera poer em thesouro, ca todo o que lhe o reino dava, segundo bem vêr podiam por livros de seus contadores, era partido em vassallos, assim castellãos como ginetes, e tenças e soldos, e mantimento de fronteiros, quitações de officios e mercês voluntarias, a que nós chamamos não certas, e mais outras dadivas e despesas de embaixadas.

Outrosim a despesa de sua casa e de sua mulher, e da rainha de Navarra sua irmã, que entonce hi era, e da rainha D. Leonor, sua sogra; e isso mesmo de seus fillos e irmãos, e mais que dava aos infantes de Portugal e aos ricos homens e cavalleiror, e donas e outras pessoas d'aquelle reino, q ue pederam quanto aviam por seu serviço, e lhe mataram os fillos e irmãos, por guardarem lealdade a elle e a sua mulher, e que esta despeza tinha por

bem empregada, posto que fossem gran somma de dobras, e que depois que elles vissem como o que elle havia era dispendido, que bem podiam entender que lhe não ficava cousa de que fazer theouro.

E posto que elle fizesse tregua com Portugal por assignadas razões, que a principal d'ellas era que como fossem acabadas pera logo tornar á guerra, e dar outra vez batalha aos portuguezes, deixando-o em vontade e juizo de Deus e não passar por esquecimento tal feito com tamanha deshonra como Castella havia recebido; e pera entonce os filhos dos senhores e cavalleiros que se finaram na guerra, seriam de idade pera em seu serviço irem áquella batalha, e que todo esto fazer não podia sem tendo thesouro pera o cumprir, mórmente se alguns senhores e cavalleiros viessem de França pera o servir, que lhe seria gran mingua e vergonha não ter que dar, nem que partir com elles, nem poderia d'outra guisa cumprir as despesas da guerra; rogando-lhes que fallassem com os outros e os induzissem a fazer esto.

Aquelles com quem el-rei fallava, quando lhe esto ouviram dizer, responderam logo, e disseram:

— «Senhor, nós faremos quanto vós mandaes, e fallaremos com os procuradores das villas e das cidades, que aqui são vindos, na melhor maneira que podermos; mas pensamos que esto seja muito grave de cumprir, porque o primeiro dia que as côrtes começastes de fazer, tomaram todos gran ledice com as palavras que lhe entonce dissestes. fazendo-lhes saber que uma das principaes cousas porque vos demovieis a fazer a tregua com Portugal, assim era por alliviar o povo das peitas que davam; e agora, senhor, quando ouvirem dizer que lhe não tiraes

as peitas que até aqui deram, mas ainda dizeis que peitem outras pera poer em thes uro, em verdade crêmos que se haverão por mal contentes, e que se gerará por esto escandalo.»

El-rei disse que fallassem n'esto com as mais doces palavras que podessem, e de qualquer guisa que se ordenar podesse, lhe prazeria muito.

— «Senhor, disseram elles, nós somos aqui vindos como procuradores d'algumas cidades que nos cá enviaram, fazendo primeiro juramento de guardar vosso serviço e proveito do povo, e se nós esta razão fallassemos com os outros procuradores por simplesmente que fosse dita, logo diriam que mal esguardavamos o juramento que feito tinhamos, e fallando-vos verdade a nós fizeram já entender que alguns por vos comprazer, mais que por verem que a vosso serviço cumpria, vos fallaram que demo-vesseis esta cousa, e sobre esto houvemos todos conselho como vos responderiamos, e fizemos todos juramento de ter guardada a resposta que vos haviamos de dar, e portanto por nós não cahirmos em má fama, por se vêr melhor o que cumpre a vosso serviço, parece-nos que é bem que estes que vos este conselho deram o proponham de vossa parte aos procuradores do reino, e assim sabereis a vontade d'elles.»

El-rei houve esto por boa resposta, e disse que assim o faria.

## CAPITULO CXLVI

*Da resposta que deram aquelles a que o bispo e o cavalleiro fallaram.*

FALLOU el-rei com um bispo e com um cavalleiro que sabiam d'esto parte, que propozessem aquello apartadamente aos procuradores das cidades por vêr que resposta achariam n'elles ; e fallando com todos o melhor que poderam, amostrando a tenção d'el-rei como queria juntar aquelle dinheiro pera honra e proveito do reino, disseram que por não poerem em ello duvida, que a el-rei prazia que elles pozessem thesoureiro que recebesse todo aquelle dinheiro, e o dispendesse quando houvesse de fazer guerra passado o tempo da tregua, em gentes d'armas e ajuntamento de frota.

Os procuradores ouvindo as razões que lhe o bispo e cavalleiro diziam, disseram que haveriam seu conselho sobre ello e no seguinte dia foram todos juntos em um lugar, por fallarem sobre tal feito, e entre as razões que hi foram ditas, mostraram que o reino dava cada anno a el-rei uma alcavala dezena, que rendia dezoito cntos de boa moeda e mais seis moedas, que valiam dez contos, e sete contos dos direitos antigos, assim, que havia perto de trinta e cinco contos ; e que não sabendo elles como tão grão somma de dinheiros se dispendia, que era vergonha de prometter mais, e porém fosse sua mercê saber de que guisa se gastava tudo, e pizesse regra em ello, especialmente nas contias que

dava a homens d'armas e ginetes, ca pois por os grandes misteres da guerra, e por contentar os senhores e fidalgos elle tomava tantos por vassallos, poendo-lhe tenças que tivessem d'elle que passava do arrazoado, que agora pois tinha feito tregua com Portugal, que bem era de poer alguma temperança em esto, e assim nas outras mercês e despezas que fazia; e se d'ello sobejasse não lhe devia lançar mais peita, e quando achassem que não avondava, que prestes eram de fazer o que el-rei requeria.

D'esta resposta foram entonce aquelle bispo e cavalleiro contentes, e assim o disseram a el-rei, ao qual prouve do que haviam respondido, e pediu conselho a todos os prelados e fidalgos sobre aquella resposta dos concelhos, e foi-lhe respondido d'esta guisa:

— «Senhor, a nós parece sob emenda de vossa mercê que os procuradores disseram bem, ca em verdade, senhor, vossas despezas que dizeis, são em muitas cousas de ordenar. ca as gentes d'armas e ginetes são achados tão gran numero, que bem é pera emendar, ca muito do que com elles dispendeis se perde, e porém as deveis de poer em numero razoado, e esto posto em termos, fallaremos sobre as outras despezas.»

— «Verdade é, disse el-rei, esto que vós dizeis, e já o comecei por vezes d'ordenar, e cada um de vós me pede por mercê que fiquem os seus, de guisa que nunca ha fim: outros me dizem que tiro as tenças aos que merecem haver mais, e que as leixo a quem não é merecedor d'ellas, e d'este geito perco suas vontades. Mas pois assim é, a mim praz que os procuradores me requeiram esto em estas côrtes, e que vós e elles o ordeneis como virdes que

cumpre a meu serviço e proveito do reino, vendo os livros das despezas com meus contadores; e o que assim ordenardes, que seja feito com juramento de se cumprir por obra».

E elles lh'o tiverem em mercê .

Em outro dia, fallando nas côrtos, fizeram os procuradores aquelle requerimento, e el-rei respondeu que lhe prazia, e que vissem que numero de lanças devia de ter pera dar tença, e que contia houvesse cada uma, e elles disseram que quatro mil lanças de bons homens era assaz, cada um bem armado com um bom cavallo e mais uma mula, ou rocim ou faca, como melhor podesse; e tivesse cada um em tença por anno mil e quinhentos maravedis de moeda velha de seis coroados o maravedi, que eram até dezoito dobras. E, que na Andaluzia houvesse de ginetes mil e quinhentos, cada um com dois rocins e suas armas á gineta, e pois que havia de ter duas bestas, que houvesse outro tanto. E que houvesse hi mil bésteiros de cavallo que cada um tivesse duas bestas e que houvesse em tença seiscentos maravedis, que eram umas oito dobras.

E o al que hi ordenaram em feito d'estas lanças e cousas, que não servem a nosso proposito, não curamos d'escrever, e esto que dizemos não foi aqui posto, salvo por mostrar a tenção que el rei contra os portuguezes tinha se largamente vivera, e por approvarmos nosso arrazoadado onde fallamos nas lanças que em Castella havia no capitulo onde conta o alardo da Valariça.

## CAPITULO CXLVII

*Como morreu el-rei de Castella da queda de um cavallo.*

**E**m este anno que já é escripto, de quatrocentos e vinte e oito, estando el-rei no mez de outubro em um logar que chamam Alcalá de Henares, chegaram ali alguns cavalleiros christãos que havia mui longa sazão que viviam em Marrócos, bem dês o tempo d'el-rei D. Rodrigo, quando Hespanha foi conquistada em seus dias, e chamavam os mouros a estas gentes Farfanes, e enviara el-rei por elles, promettendo lhes de os herdar bem em suas terras, e de licença d'el-rei de Marrocos, a que por elles mandou rogar, partiram de seu reino, e vieram a Castella, trazendo filhos e mulheres consigo; e um domingo, que eram nove d'aquelle mez, ouvida missa, cavalgou el-rei em um cavallo ruão, e com elle o arcebispo de Toledo, e muitos cavalleiros e outra gente, por verem aquelles christãos que vinham de Marrocos, e sahindo da porta, que dizem de Burgos, viu um alqueve logo hi perto, e correndo por elle o cavallo em que ia, no meio da carreira entrepeçou, de guisa que cahiu com elle uma tal queda, que lhe quebrou todo o corpo, tanto que logo morreu; os que presentes eram, chegaram á pressa por lhe accorrer, e viram-no sem espirito, finado de todo, havendo trinta e dois annos pouco mais ou menos, de sua idade, e onze que reinava.

O arcebispo quando viu aquello, fez logo trazer ali uma tenda, e armal-a onde elle jazia, e mandou chamar fisicos, e deu fama que el-rei não era morto; mas que jazia sem falla como algumas vezes acontece, não leixando porém chegar nenhum a elle, enviando em tanto cartas pelo reino ás villas e cidades, e pessoas que cumpria, que guardassem lealdade ao principe seu filho primogenito no reino; des-ahi escreveu á rainha sua mulher, que estava em Madrid.

Mas esta encoberta durou muito pouco, que logo foi sabido claramente, e feze-o levar a uma capella dos paços do bispo, que são n'aquella villa; e em outro dia ficou a rainha com elle e o bispo de Segovia e outros, e o arcebispo se foi a Madrid, onde estava o principe e seu irmão o infante D. Fernando, e fizeram seu dó; des-ahi alegrias, como é costume, e depois o levaram a enterrar á cidade de Toledo, na capella de Santa Maria, que el-rei D. Henrique seu padre fizera; e assim foram acabados todos seus dias e todas suas cuidações.

## CAPITULO CXLVIII

*Dos filhos que el-rei D. João houve, e em que tempo nasceram.*

**T**ORNANDO a Portugal por fallar d'el-rei, que ficou em Lisboa, não temos cousa que dizer de presente por azo das treguas que os reis fizeram, que em seu logar já tendes ouvido; porém foi el-rei aconselhado como soube a morte de seu

adversario, que pois seu filho era tão moço, que não chegava a onze annos, como dissemos, que lhe entrasse pela terra emquanto o reino andava em desvairo, e que lhe tomaria gran parte d'ella, e elle disse que o não faria por muita que soubesse de ganhar, mas que a tregua que com seu padre tinha, essa entendia manter ao filho; e não se moveu a fazer o contrario; e pois emquanto a tregua dura e todos os feitos estão d'assocego, nós não temos cousa que de contar seja, fallaremos dos filhos que houve, assim em sendo elle mestre d'Aviz, como depois que reinou e foi casado; e posto que nados fossem por processo de tempo, e não está nomeado como, nós diremos aqui todos, por se melhor poderem entender e saber levando com elles o modo dos reis que no começo de seus reinados contamos as bondades que cada um uzou na vida, e d'estes infantes em breve diremos alguma cousa pouca das condições de que foram afermosentados; onde assim foi, que sendo elle Mestre, como dissemos, teve conhecimento de uma dona que chamavam D. Ignez, commendadeira que depois foi de Santos, mosteiro de donas acerca de Lisboa, da qual houve um filho e uma filha.

Ao filho chamavam D. Affonso, que foi conde de Barcellos, e depois foi duque de Bragança, segundo em seu logar diremos.

A filha houve nome D. Beatriz, que casou em Inglaterra, e foi condessa de Arundel, como ouvireis onde d'esto fallarmos.

Mas depois que elle foi casado com aquella nobre rainha que dissemos, gerou d'ella estes filhos, s.:

A infanta D. Branca, que nasceu em Lisboa, treze dias do mez de julho de quatrocentos e vinte e seis

annos, e viveu pouco mais de oito mezes, e jaz na Sé d'essa cidade, em um moimento de pedra, aos pés d'el-rei D. Affonso, seu bis-avó; e o infante D. Affonso, que nasceu em Santarem, uma noite de sabbado, trinta dias do mez de julho de quatrocentos e vinte e oito annos; em cujo baptismo el-rei ordenou umas justas reaes, em que elle justou e foram feitas outras alegrias, e viveu uns doze annos, e morreu e jaz em um moimento na Sé de Braga; e houve el-rei outro filho, que chamaram infante D. Duarte, que nasceu na cidade de Vizeu, postrimeiro dia de outubro de quatrocentos e vinte e nove annos, o qual reinou depois de seu padre, como adiante ouvireis.

Depois d'este nasceu o infante D. Pedro, na cidade de Lisboa, uma hora depois da meia noite, nove dias de dezembro de quatrocentos e trinta annos, que foi duque de Coimbra e senhor de Montemor-o-Velho.

Nasceu depois d'elle o infante D. Henrique na cidade do Porto, uma quarta feira de cinza, quatro dias do mez de março de quatrocentos e trinta e dois annos, o qual foi duque de Vizeu e senhor de Covilhã.

E depois d'estes nasceu uma filha, que chamaram D. Izabel, a qual infante nasceu em Evora, quarta feira, vinte e um dias do mez de fevereiro de quatrocentos e trinta e cinco annos, que depois foi duquesa de Borgonha.

E houve mais outro filho, por nome chamado D. João, que nasceu em Santarem, no mez de janeiro de quatrocentos e trinta e oito annos, que foi regedor e governador do mestrado de Santiago.

Houve outro infante, que disseram D. Fernando,

que nasceu em essa villa em dia de S. Miguel, vinte e nove dias de setembro de quatrocentos e quarenta annos, que foi regedor e governador do mestrado d'Aviz, e estes infantes que dissemos sahiram taes e tão bons, que de nenhum rei que da Hespanha, nem terra que mais alongada fosse, seria mais bemaventurado, nem se lê que semelhantes filhos houvesse, porque se as civeis e humanas leis, e tambem a escripta, como em nações de gentes, todos outhorgavam que os filhos, em qualquer estado e condição que sejam, obedeçam sempre a seus padres, louvando muito os que assim o fazem, havendo por má e excommungada qualquer desobediencia que o filho por palavra ou feito contra seu padre mostra, os filhos d'este nobre rei inteiramente teem tal louvor, ca todos lhe foram sempre tão obedientes, assim solteiros como casados, que nenhum estado nem crescimento de honra os poude mudar pouco nem muito do santo proposito da obediencia.

Bem lemos d'outros filhos obedientes a seus padres, assim como escrevia o papa Johanne ao infante D. Affonso, filho d'el-rei D. Diniz, quando andava em desvairo com seu padre, reprehendendo-o assaz do que fazia e louvando muito os filhos obedientes aos padres, dizendo do filho de Philippe, primeiro impera'or christão, que pero desse em sua vida o regimento do imperio a seu filho, e tivesse aquelle poder que o padre tinha, sempre dizia que não era, salvo seu procurador, gloriando-se de o ter vivo, e obedecer-lhe como cada um de seus cavalleiros.

Isso mesmo Decio, filho do imperador Decio que, pero o padre em sua vida o quiz coroar e dar o regimento, elle nunca quiz tomar a corôa, dizendo:

— «Receio de a tomar e esquecer-me cujo filho

sou; reja meu padre que é imperador, e o meu imperio seja em lhe obedecer, ca ante quero ser não imperador, e filho humildoso, que tomar tal regimento, e ser filho desobediente.»

Assim que então nomeou Hermes Anatocle, sendo filho de rei, de cuja administração o povo era mui contente, querendo-o alçar por seu senhor, estando o padre em ponto de morte, disse que tal cousa não consentiria emquanto seu padre podia viver.

Assim, que, posto que aquelles que o papa alli escreveu, e outros que se dizer podiam, fossem assaz de bons, porém filhos eram sós sem companhia d'outros irmãos, que é mais ligeira cousa d'achar, porque haver homem um filho bom por doutrina ou natureza, bem é de louvar; mas não tanto como os muitos e todos bons; ca pero Estevão de Colona, grande capitão nas hostes de Roma houvesse filhos louvados por assaz bons, segundo reza Francisco Petrarcha em uma epistola que lhe enviava, um d'elles porém lhe foi desobediente, revelando cousas contra a honra e velhice do padre, que lhe mais honesto fôra de calar; e assim d'outros que n'os mear podiamos, e ainda de um só filho achareis assaz de perversos.

Mas deixando a antiga lembrança, por não fazer prolixo sermão, vêde aquelle infante D. Affonso com el-rei D. Diniz seu padre, e o infante D. Pedro com seu padre el-rei D. Affonso, quão má e peçonhenta desobediencia contra os padres por vezes mostraram.

Assim que a humildade d'estes infantes, e grande amor acerca de seu padre nenhum louvor se pode emader que maior grau merecer possa.



E porque elles esplandeceram por formosura de obediência tanto por Deus encommendada, que podem ser ensino aos filhos dos reis que depois d'elles hão de vir, queremos aqui em breve dizer a pratica que tinham em n'a guardar.

## CAPITULO CXLIX

*Que maneira tinham em guardar a obediencia a seu padre estes infantes.*

MORTO D. Affonso, aquelle primogenito filho a que o reino havia de vir, ficou D. Duarte infante segundo em lugar d'elle por direita herança, e depois que elle e seus irmãos sahiram dos dias da mocidade, antes dos annos da perfeita mancebia, por graça do senhor Deus, de que todo o bem procede, houverem tal conhecimento de seus preceitos e mandados, que conformes a elles sem outra mudança, com grande amor e temor filial, nenhuma cousa vergonosa ou de reprender fizeram, porque el-rei seu padre sómente uma hora d'algun d'elles fosse anojado.

Ora leixando o louvor da virgindade dos que casados não foram, havendo assaz tempo pera ello, e a doce castidade dos que houveram mulheres, como a historia depois contará, este uzo de santa obediencia houveram elles de tal guisa, que se não podia dizer d'algun o que escrevia Pedro Blesense a um infante herdeiro de Inglaterra muito desobediente a seu padre, dizendo entre outras cousas em uma epistola que lhe enviava :

—«Sahe da geração, e não vem com verdade d'ella o filho que por seu grado desobedeceu a seu padre, porque tira o raio ao sol, e logo nem é sol nem luz, estrema o rio da fonte, e logo deixa de ser rio, talha o ramo da arvore e muito cedo se faz sêcco, aparta o filho da obediencia do padre, e logo não parece filho».

E estes eram muito por contrario, ca sempre foram clara luz de humildade, e apraziveis ramos com folhas, frutificando d'esta guisa; quando duvidavam d'alguna cousa se prazeria a seu padre, ou não, muito se guardavam de a commetter até que eram em conhecimento qual era sobr'ello sua vontade, avizandose no desviar de toda causa que a seu bom prazer tocasse, como se elle fosse um esquivo senhor, que os asperamente houvesse de punir; nas causas que com elle fallavam, ou tratar queriam, não levavam sua tenção adian e, nem por via de mistura, nem por outra qualquer guisa, mas contando lhe seu desejo, e que lhes parecia, offereciam-se sem empacho receber sua determinação, poendo por obra o que elle mais queria, posto que fosse contra seu prazer e vontade, sem mostrança d'arrufo ou de triste gesto, dizendo que pois era seu senhor e padre, que prestes eram de seguir todo seu mandado e seus bons serviços, e os que elle amava prezavam e faziam mercê; e ainda que em alguma parte por suas pessoas fossem fóra de seu prazer, e por honestas maneiras eram supportados, nas cousas de conta que fazer queriam, sempre havia grande reguardo a que parte as el-rei tomaria, alegrando-se muito se as por bem filhava, e do contrario havendo tristeza; segredo que lhes encomendasse, era perfeitamente guardado, e tambem no que

entendiam que se de guardar havia, posto que avizados não fossem, fallando-lhe sempre verdade em qualquer caso que avinha, guardando-se que não sentisse, que por força de contrariar, ou manha qual não deviam, quizessem endereçar com elle, se algum pouco de suas razões algum ora se aggravar queriam, com grande assoçego e humildade mostravam que sua tenção era fundada em serviço de Deus, e seu, como melhor entendiam, e não por proveito nem prazer d'elles, nem d'outra alguma pessoa.

Em monte e em caça, quando com seu padre eram das folganças acostumadas que em taes espaços sohiam d'haver, faziam muito pequena conta, por a d'el-rei ser accrescentada no que elle filhasse sabor, servindo-os com bestas e cães e aves, sendo mui lédos quando as filhar queria; des ahi ordenando-lhe jogos e festas por seu bom prazer em que ás vezes tomasse desenfadamento; se alguma notavel pessoa se querer d'elle aggravar, por suas discretas maneiras o tornavam á sua boa graça, sendo pera todos seus creados e servidores prestes de demandar mercês e accrescentamentos, como pera os seus mesmos; em jogos. porfias nem uniões se guardavam muito de ser contra a tenção de seu padre, mas trabalhavam d'acarretar tal fallamento a outros lédos rezoares em que taes partimentos fim fizessem, e em suas doenças, por longe que estivessem, logo á pressa vinham a elle, vizitando-o e servindo-o quanto o bem fazer podiam, mostrando-lhe em toda cousa, que o de sua falla e serviço eram bem contentes e não enfadados; quanto mais em grandes dias se accrescentava sua idade, tanto lhe mostravam mais reverencia e amor, servindo-o todos mui

sem empacho, com todas as ceremonias que sua honra podiam accrescentar, assim que por estas humildosas razões, pero poucas sejam, podeis entender e sentir como se haveriam nas particularidades que de cada uma nascer podessem, as quaes em guardando não sentiam pena, mas deleitação e grande folgança; e não sómente floresceu n'estes infantes a virtude de obediencia acerca de seu padre, segundo dissemos, mas ainda se pode dizer d'elles o que adur achareis d'outros filhos de reis, e é muito de notar que afóra o leal amor que sempre entre si houveram, guardavam reverencia uns aos outros por ordem de nascimento, que nunca d'elles com firme proposito foi apartada por nenhuma guisa, por a qual razão seu padre os amava muito, tendo a Deus em grande mercê de lhe dar tão bem-aventurados filhos; des-ahi com esto poz o Senhor Deus em elles especiaes dons de natureza, acompanhados de nobres joias de bons e honestos costumes, dos quaes infantes sem outra louvaminha se pode dizer que não vimos, nem lêmos nenhuns, que tão pouco servissem aos deleites, nem a quem tanto prouvessem os virtuosos costumes, e porém a futilidade de seu entendimento e alteza de compoer e ditar com avondança de falla commum, e outros taes bens, de que devia ser feita memoria, fique pera outro que os contar saiba, porque temos pressa de contar outras cousas.

## CAPITULO CL

*Como foram postas treguas entre Castella e Portugal.*

**S**AHINDO o tempo da tregua dos tres annos que entre Castella e Portugal havia, veio a era de quatrocentos e trinta e um em que el-rei de Castella ficou em guerra com D. Henrique, herdeiro do reino, segundo dissemos, e foram-lhe dados tutores e curadores por sua pouca idade, D. Pedro, arcebispo de Toledo, e D. João Garcia Manrique, arcebispo de Santiago, e D. Gonçalo Nuno de Gusmão. mestre da ordem de Calatrava, e João Furtado de Mendonça, seu mordomo-mór, e tendo elle já leixado o titulo e armas que seu padre de Portugal trazia, e sendo entonce na cidade de Çamora com esses tutores e regedores do reino, porquanto o Marquez de Vilhena e o conde de Niebla, que o principalmente eram, não estavam presentes, de consentimento e accordo dos sobreditos e d'outros senhores e fidalgos do reino e procuradores de quatro cidades, que em seu conselho andavam, vendo como era serviço de Deus e d'el-rei seu senhor, e prol da terra e seus sujeitos, não haver guerra nem outra discordia com Portugal, ordenaram de tratar com elle tregoa, e mandaram a el-rei por mensageiros D. João, bispo de Siguença, e Pero Lopes d'Ayala, alcaide-mór de Toledo, e um doutor chamado Antão Sanches, e chegaram a Lisboa, onde entonce el-rei estava, dizendo-lhe sobre que vinham e o poder que pera

ello traziam, e fallando sobre tal negocio ordenou el-rei por sua parte D. Alvaro Gonçalves, Priol do Esprital, e o doutor João das Regras, do seu conselho, que tratassem com elles o que por seu serviço e bem do reino sobre tal feito entendessem.

E havendo pouco mais de dois mezes que elles chegaram, aos quinze dias de maio, uma quinta feira, na festa da Ascensão, foi publicada uma escriptura em que o dito bispo e Pero Lopes, e aquelle doutor, outorgavam em nome d'el-rei seu senhor ao dito Priol e o doutor João das Regras, que as por el rei D. João recebiam boas, e leaes e firmes tregoa, geralmente por mar e por terra, duradouras entre os reis e seus successores d'aquelle dia até quinze annos, validos com certos capitulos e clausulas postos em ellas, dos quaes convem tocar certos em breve, por verdes se houve el-rei depois justa causa por tal azo, pera mandar tomar Bada-lhouce, e não furtivamente, como alguns disseram; e o primeiro era:

— Que de um reino ao outro se não fizesse guerra por mar nem por terra, nem se tomasse, nem roubasse villa nem cidade, castello, logar ou outra cousa alguma.

E o terceiro dizia:

— Que todos os prisioneiros de qualquer qualidade e condição que fossem, que estivessem por arrefens d'outros, ou por suas rendições de um reino em outro, fossem livremente soltos sem outra rendição, d'aquelle dia que esta tregoa foi firmada até seis mezes seguintes. E pera se esto melhor fazer, fossem escolheitos dezeseis frades da ordem de S. Domingos, oito castellãos e oito portuguezes, e que andassem por Castella buscando os

ditos prisioneiros pera os fazer soltar, e em Portugal oito de S. Francisco, quatro castellãos e quatro portuguezes, e sendo requeridos por elles os que os tivessem e os não quizessem soltar, que entonce os ditos frades requeressem ás justiças que lh'os fizessem entregar; e não o querendo fazer que fosse requerido cada um rei em seu reino por os ditos frades, ou por outros que pera ello houvessem poder que os fizesse soltar, ou fosse teúdo entregar a pessoa que tivesse o prisioneiro, pois que o dar não queria, e todo esto do dia da publicação da tregoa até seis mezes, aquelle que o assim não cumprisse que dêsse e pagasse por cada prisioneiro mil dobras cruzadas; e não as dando depois dos ditos seis mezes até dois mezes seguintes, que seu adversario por sua auctoridade pode-se penhorar e fazer penhora em tantos de seus bens e de seus sujeitos, que valesse a contia que montasse em toda a somma; e que por tal razão não se entendesse a tregoa ser quebrantada, e que os ditos frades fossem cridos sobre o achamento dos prisioneiros e requerimentos, e denegação de justiça por seus juramentos, ou escripturas assignadas por elles, e selladas por seus sêllos.

No undecimo capitulo era conteúdo:

«Que porquanto ante d'estas tregoa de quinze annos em uma particular soffrença de guerra que hi houve de certos mezes e dias se fizeram roubos e males pelos naturaes de um reino a outro, foi ordenado em estes trautos que sobre esto se puzessem certos juizes d'ambas as partes pera conhecerem de taes damnos, chamados aquelles a que foram feitos, e se livrassem por suas sentenças, e que aquellas que fossem dadas contra os naturaes de Castella, que seu rei, e o juiz dado por elle, as

désse a execução do dia que fossem dadas até os dois mezes, e por esta maneira o fizesse el-rei de Portugal, e não se fazendo tal execução ao dito tempo, que se podesse fazer tomada nos bens dos subditos da parte que fosse a elle negligente por a somma conteú-la em taes sentenças.

E leixadas as juras que os reis e pessoas, villas e cidades, haviam de fazer por guarda d'ellas, ordenaram por mór firmeza de poer arrefens de uma parte e da outra, e que os de Castella fossem a Portugal trazidos e postos em poder do Priol do Espital, D. Alvaro Gonçalves, e os de Portugal isso mesmo entregues a elle, e mudados de quatro em quatro annos, por não ser aspera cousa estarem uns sempre todos os quinze annos.

E se quizerdes ouvir quaes foram os de Castella e cujos filhos eram, podereis saber que foram estes: um filho bastardo do conde D. Affonso, outro filho bastardo do conde de Niebla, que chamavam Pero Nunes, Pero Tenorio, sobrinho do arcebispo de Toledo, João de Arelhano, sobrinho do arcebispo de Santiago, filho legitimo de sua irmã D. Tareja Soeiro; um sobrinho do mestre de Santiago, filho legitimo de seu irmão; um sobrinho do mestre de Calatrava; filho legitimo de seu irmão Alvaro Nunes de Gusmão; Inhigo de Mendonça, filho legitimo de João Furtado; um filho legitimo de Diogo Lopes Destunhega; um filho legitimo de Diogo Fernandes Marichal; outro filho legitimo de Sanches Fernandes de Tovar; um filho legitimo de João Gonçalves d'Avelhaneda; um filho legitimo de Martim Fernandes Portocarreiro, e d'estes doze fidalgos e outros filhos de cidadãos, que não curamos de nomear, foram dados da parte de Castella.

De Portugal isso mesmo foram postos: s. um filho do mestre d'Aviz; Luiz, filho legitimo de Martim Vasques da Cunha; Alvaro, filho legitimo de Gonçalo Vasques Coutinho; Rodrigo Affonso, filho legitimo de João Affonso Pimentel, e um filho legitimo de Gonçalo Vasques de Mello; um filho de Fernão d'Alvares d'Almeida, vedor da casa d'el-rei; estes seis fidalgos com outros filhos de cidadãos havia o Priol de ter em poder por guarda e firmeza das cousas nos trautos conteúdas, assim como os depois teve no castello de Santarem, de que era alcaide-mór.

## CAPITULO CLI

*Dos embaixadores que a el-rei de Castella vieram, e da resposta que levaram.*

**A**s treguas apregoadas nos senhorios ambos, juntaram-se os frades em Badalhouse, que era ordenado de irem a Castella, e na cidade da Guarda os que haviam de andar por Portugal, aquelles cincoenta dias depois da publicação das treguas, segundo nos trautos era concordado, e pero em Portugal foram logo soltos todos os prisioneiros que em elle havia, não o fizeram assim em Castella, ante andando os frades por ella buscando os taes prisioneiros, especialmente na Andaluzia, e em alguns logares os escondiam, que os não achassem, outros achavam e não os queriam soltar os que os tinham, nem lh'os faziam entregar as justiças, e o

peor de todo que d'elles eram já lançados em Aragão e em outras partes, e outros mortos e mal tratados, que se finaram com desamparo, além d'esto em alguns logares tratavam tão mal esses religiosos que tal cousa requeriam, que lhes foi forçado de o dizer a el-rei de Castella, que entonce estava em Leão, contando-lhe o pouco direito e grandes aggravos que sobre esto haviam recebido já.

El-rei respondeu como sobr'ello havia enviado seus recados que lh'os entregassem, e por mais avondamento deu-lhe outras cartas assaz de boas, segundo o negocio requeria, mas nem umas nem outras foram cumpridas, de guisa que se houveram de tornar, ficando em Castella mais de cem prisioneiros que não foram soltos, em mãos de ligeiras pessoas.

Isso mesmo Vasco Pires Docem, doutor em degredos e juiz por el-rei de Portugal, e Pero Martins, doutor em leis, por seu adversario de Castella, que estiveram na raia do estremo, entre Castel Rodrigo e São Felices, ouvindo as partes querelosas dos damnos que uns dos outros haviam recebidos n'aquella soffrença da guerra que dissemos, pero muitas sentenças dessem contra os naturaes de Castella, em que montou bem quarenta e oito mil dobras, passando muito tempo além do termo que se houveram de pagar, nunca el-rei curou de os mandar poer em execução, pero assaz sobre ello fosse requerido; e vendo el-rei D. João como seu adversario era negligente em mandar fazer aquello que teudo era, segundo fórma dos trautos, tambem em razão dos prisioneiros, como das sentenças dadas contra seus naturaes, mórmente sendo senhor de tal estado, que a outrem não conhecia superioridade, bem viu e en-

tendeu tambem por virtude dos trautos como disposição de commum direito, que bem podia fazer penhora em seus bens e de seus subditos, pero querendo mostrar que seu talento não era fazer alguma cousa que fosse azo de se entre elles levantar discordia em durando tregoa, e por dar logar ao bem, fez-lhe fazer seus requerimentos por João de Alpoem, lettrado de seu reino, que mandasse executar aquellas sentenças e soltar os prisioneiros, segundò jurado e promettido tinha, e não incorresse nas penas nos trautos conteudas, não se poz nenhuma cousa em obra, e passando-se assim estas cousas, havendo já cerca de uns tres annos que as tregoas foram firmadas.

E vendo el-rei de Castella as cousas como se passaram, e os requerimentos que lhe foram feitos, e o que sobre ello com direito el-rei de Portugal podia fazer, por escusa e avondança de prolongar estes negocios, mandou a el-rei, mais que por vontade de satisfazer, dois doutores, Antão Sanches e Pero Martins, os quaes chegaram a uma villa, que chamam a Torre de Moncorvo, onde el-rei entonce estava, e propozeram ante elle as condições dos trautos, especialmente aquellas que faziam menção dos prisioneiros e sentenças, e o requerimento que João de Alpoem fizera a seu senhor el-rei, ao qual elle respondera que prestes estava pera mandar executar quanto teudo era por virtude dos trautos, mas que depois fôra informado que não era tanto como lhe João de Alpoem dissera, e porquanto lhe novamente era notificado que elle queria fazer prenda nos reinos de Castella por azo d'aquellas sentenças, que a elles parecia que o não devia fazer, por algumas razões que logo assignaram, especialmente trez.

A primeira, por razão das tregoa e bom assocego que a Deus prouvera de poer entre elles, não ser quebrantada por seu azo.

A segunda, que seu senhor não era teudo a pagar, nem executar taes sentenças, mas o juiz seu que as dera, mórmente que elle, que presente estava, não mandara pagar aos castellãos as sentenças que por sua parte foram dadas, e depois que sobre esto largamente houveram fallado, disseram por mór avondamento que seu senhor prestes era de mandar executar aquellas sentenças nos bens dos condemnados e fazer soltar os portuguezes, se ainda alguns em Castella por maneira de prisioneiros eram deteudos, e cumprir todas as outras cousas que obrigado era segundo os traustos, e que porém lhe requeria da parte d'el-rei seu senhor que não fizesse nem mandasse fazer prenda, nem outra tomada em terras nem bens seus, nem de seus subditos, fazendo muitas protestaões sobre esto, e que Deus e o mundo visse que o todo o mal e damno que se d'esto recrescesse, que a elle fosse posta a culpa.

Aos quaes foi respondido que por bem e azo de se guardar a tregoa, que era cousa que el-rei desejava, não pozera mão em fazer cousa alguma, posto que o fazer podesse, não sendo a tregoa porém quebrantada segundo os traustos lhe davam lugar, e que se elle tal tenção não houvera, que não mandara aquelle João de Alpoem como elles diziam, ao qual pero seu senhor disse que lhe prazia de todo cumprir, que não curara de o dar á execução, ante se mostrara a elle mui negligente, e que de todo ponto não havia vontade, tomando-lhe o traslado das sentenças que levava, e nunca lh'as quizera mandar

dar nem o traslado d'ellas, de guisa que passara tanto tempo, além do que devera ser, que elle havia cahido nas penas postas nos trautos.

E ao que diziam que elle não mandara executar as que foram dadas contra os portuguezes, respondeu el-rei que por esto não era escusado seu senhor do que teudo era, ca elle sempre fôra prestes de as dar á execução, tanto que elle desse as suas, assim como primeiro soltara todos os prisioneiros, que elle, o que se porventura se não fizera, não foram reteudos os portuguezes em seu reino, como ainda eram, e que os entonce mandasse soltar, que já não era escusado, porém depois que o direito mandava que se algum era obrigado fazer alguma cousa a certo tempo sob certa pena, e não o fazendo, passado aquelle tempo cahia na pena a que se obrigara, e posto que o depois fizesse que não se escusava de pagar a pena; e que portanto elle podia fazer prenda nos reinos de Castella e nos bens dos moradores d'elles; e que todo o mal e damno e mortes, destruição, que se d'esto por qualquer guisa seguisse, que seu adversario fosse teudo a Deus e ao mundo por ello.

E sobre esto foram grandes debates de razões, tomando estromentos de uma parte e de outra; e foram-se os doutores pera Castella, ficando el-rei com desejo e vontade de fazer por esto penhora, quando lhe á mão bem podesse vir.

Onde sabeí que em este tempo a egreja cathedral de Lisboa foi de novo mudada em arcebispado por Bonifacio, Papa nono, sendo D. João Escudeiro então bispo, e subjugaram a elle os bispados de Evora e de Silves e de Badalhouce.

## CAPITULO CLII

*Como o Condestabre deu parte de suas terras aos  
que com elle serviram na guerra.*

**A**SSIM foi que Nuno Alvares Pereira, Condestabre de Portugal, que era, como dissemos, segundo braço da defensão do reino, quando viu estas treguas que vistes firmadas, com capitulos mui fortes, e por tantos annos, e postos por segurança filhos de taes homens, quaes de Castella foram enviados por arrefens, não lhe pareceu isto tregoa, que é uma segurança dada ás pessoas não sendo qualquer discordia finda, mas gracioso começo de paz, pera depois d'ella vir outra mais firme; e não sómente elle, mas qualquer sizudo esta tenção firmemente tinha.

E tendo o Conde tal imaginação, tanto que apregoadas foram, ordenou de galardoar alguns que continuadamente em sua companhia, por serviço de el-rei e seu, nas guerras passadas andaram, das terras e rendas de que lhe el-rei tinha feita mercê, e deu, entre Tejo e Odiana, a Gonçalo Annes d'Abreu, Alter do Chão com seu castello e rendas; e Evora Monte com o que rendia a Martim Gonçalves Carvalho, seu tio; e as rendas da Alcaidaria de Extremoz, porque o castello não era seu, com outras rendas do lugar, a Lopo Gonçalves; e o que rendia Borba a João Gonçalves da Ramada, e Monsaraz a Rodrigo Alvares Pimentel; e parte das rendas da Vidigueira a um bom escudeiro, que chamavam

Affonso Estevens Perdigão; e parte das rendas de Portel, com as da Villa de Frades, a Fernão Domingos, seu thesoureiro; e Villa Alva e Villa Ruiva, a Rodrigo Affonso de Coimbra; e as rendas de Montemor-o-Novo a um escudeiro morador d'ahi, que chamavam Lourenço Annes Azeiteiro; e as rendas de Almeida a Pedro Eannes Lobato; e o barco de Sacavem a João Affonso seu contador, que depois foi vedor da fazenda d'el-rei; e o Reguengo de Alviela a Esteveannes Berboreta, que depois foi contador em Lisboa; e as rendas de Porto de Moz e de Rio Maior a Pero Affonso do Casal; e Alvaizere a Alvaro Pereira, e o Rabaçal a Mem Rodrigues, e a terra de Baltar, entre Douro e Minho, a Martim Gonçalves Alcaforado, e o Arco de Baulhe, com certas quintas a João Gonçalves, seu meirinho-mór, e certas rendas em terra de Basto e de Pena, a Alvaro Pires, que foi seu vedor, e certas rendas de Barcellos a um bom escudeiro, que chamavam Gil Vasques Faião, e Montalegre com terra de Barroso, a Diogo Gil d'Airão seu alferes, e Chaves com todas suas rendas a Vasco Machado, que fôra seu pagem; e estas terras e renda dera o Conde em prestimo a estas vinte pessoas, e cada um por ellas havia de ter certos escudeiros pera serviço d'el-rei e seu, quando cumprisse, como seus vassallos que eram, e pero lhe taes rendas fizessem minguia pera supportamento de sua honra, porém em si sempre era ledo, vendo-se descarregado d'estes que o bem tinham servido.

## CAPITULO CLIII

*Como el-rei ordenou de comprar as terras aos fidalgos, e foram chamados pera ello.*

**F**ERRO tal repartimento pelo Condestabre, quantos ouviram esto que fizera, lhe davam louvor por ello, havendo-o por homem de gran discripção e notavel conhecimento.

Outros com inveja e encoberto odio diziam que bem podia aquello fazer, e muito mais se quizesse, pois tinha a metade do reino em terras e rendas, e outras dadivas que d'el-rei havia recebidas, que se elle mostrava que era sem cobiça nos vencimentos que dos castellãos havia, sendo sua final intenção de buscar honrosa victoria, e não ganho, que bem se entregava depois nos bens e terras do reino que pedir sabia, a que el-rei não punha contradição alguma, e fallando em esto diziam que el-rei sendo Mestre, fallando em Lisboa com elle, aguardando os castellãos pera ser cercado, quando o mandara á Alemtejo por fronteiro mór, que lhe disse entonce e encommendou que trabalhasse a todo seu poder de lhe ajudar a defender o reino, e que lhe promettia, se Deus encaminhasse de o elle haver, que elle o partiria com elle, como elle bem podia vêr; e pero esto não é muito certo, e seja opinião a que não demos fé, com isto está que bem podia ser, ca ligeiro cousa é prometter homem da honra que deseja cobrar com aquelle que lhe em tal feito pode ser boa ajuda.

Ora, como quer que fosse, elle houve em Portugal tres condados, s. o d'Ourem, e o de Barcellos e o de Arroyolos, e teve a seu mandar dezoito logares do reino, assim como Braga, Guimarães, Chaves, Montalegre, Porto de Moz, Ourem, Almada, Montemor-o-Novo, Arroyolos, Evora Monte, Extremoz, Borba, Villa Viçosa, Souzel, Alter do Chão, Monsaraz e Portel, e no Algarve, Loulé, e com isto muitos Reguengos e outras rendas de logares chãos que sobejo seria nomear.

Pero com toda esta honra e accrescentamento não lêmos que em suas cartas se chamasse dom, posto que lh'o el-rei e muitos chamassem, como era aguisado, mas seu ditado era este:

—«Eu Nuno Alvares Pereira, Conde de Barcellos e Conde d'Ourem, Condestabré por meu senhor el-rei nos reinos de Portugal e do Algarve».

E mais não, e quando escrevia a el-rei sem poendo — Senhor — em cima, dizia a carta d'esta guisa:

—«Senhor, vosso Condestabre e servidor envio beijar vossas mãos e encommendar em vossa mercê. Senhor, sabej.

Ora sem mais fallar d'esto, tornando a nosso proposito, não mingou quem a el-rei dissesse, especialmente o Priol, e o doutor João das Regras e outros, que ao Conde com inveja não tinham sã vontade, mostrando que amavam mais seu serviço, que faria bem pedir ao Conde de suas terras, que eram muitas, pois tinha tres filhos, e a rainha prenhe, e em tal idade pera mais haver, que lhe aprouvesse d'algumas pera elles, e el-rei disse que já em esto cuidara vendo os filhos que lhe nasciam, e outros que podia haver, e lhe parecia que não tinha que partir com elles segundo a sua honra pertencia, e que elle ao Conde não

pediria nenhuma cousa de quanto lhe dado havia, mas que tinha talante de comprar as terras aos fidalgos, e quando se fallasse pera o fazer que entonce veria sua vontade, e dos outros quejando era acerca d'esto, e fallando com esses que eram presentes, converteu muitos ao seu desejo.

Entonce fez um geral chamamento a que vieram muitos fidalgos, e o Condestabre com elles, que era o principal por que se esto fazia, e proposta tal cousa da parte d'el-rei nos paços da Serra, onde entonce pousava, o Conde teve d'ello gran sentido, e disse a el-rei se sua mercê fosse, que tal cousa não devia de fazer, porque aquelles que d'elle terras tinham, bem lh'as haviam servido e esperavam de servir quando a sua mercê fosse cumpridouro, e não era bom galardão havel-as de tirar nem comprar a nenhum contra sua vontade.

El-rei respondeu a aquello dando razões porque o fazia, em que o Conde nunca cahiu, tornando-lhe a dizer que elle pelas terras que d'elle tinha não se podia bem manter com sua honra, demais pelas que dera, como elle bem sabia, e que muito peor se manteria, se lhe tirassem das que lhe ficaram.

Em esto tinha el-rei por ajudadores quantos ao Conde não tinham bom desejo, e outros por lhe comprar, de guisa que razão que dissesse em contrario, nenhuma cousa podia aproveitar, e vendo que seu razoar todavia era em vão, partiu-se uma tarde pera Atouguia, onde pousava, e outro dia foi a Porto de Moz, e d'ahi a Extremoz, onde assoce-gou: e el-rei levou seu feito adiante por compra que fez aos fidalgos e outras pessoas, assim como Martin Vasques da Cunha, a que deu por terra do Sul e Gufar, e outras que d'elle tinha, trezentas e trinta

mil libras da moeda de dez soldos, que entonce corriam, que eram umas sete mil dobras, valendo a dobra quarenta e oito libras; e a João Fernandes Pacheco contia de umas oito mil por compra de Penella e do Reguengo de Campores, e a Lobo Fernandes seu irmão mil e quinhentas por a villa de Monsão, e assim a Egas Coelho e a João Gomes da Silva e a outros que não faz mingua de nomear.

#### CAPITULO CLIV

*Como se o Conde quizeria partir do reino, e por que razão foi embargado de o não fazer.*

COMO o Conde foi em Extremoz, mandou chamar algumas gentes, assim aquelles que o na guerra serviam, como d'outros creados e amigos, e foram hi juntos somma d'elles, com os quaes o Conde fallou, dizendo como el-rei havia por seu serviço de lhe tirar parte das terras que lhe dado tinha, por a qual razão se elle não podia suppor, como a sua honra pertencia, com as que lhe de ficar houvessem, e que porém se queria ir fóra do reino a buscar sua vida, guardando sempre o serviço d'el-rei seu senhor, e que lhes rogava que fossem em esto seus companheiros, e que se alguns d'elles tivessem duvida de o não poderem fazer, que assim o dissessem logo.

E elles que já suspeitavam a tenção do Conde porque os chamar mandara, assim cavalleiros como escudeiros, como todos os outros que hi estavam,

responderam e disseram, que elles não haviam sobre ello nenhuma duvida, mas que iriam de boas vontades morrer e viver onde quer que elle fosse, affirmando todos por juramento, salvo um, Antão Martins, mercador de Lisboa, dizendo que trazia entre mãos muitas cousas d'outras pessoas em que lhe cumprla primeiro poer recado, e portanto não promettia nenhuma cousa, mas pediu espaço pera responder.

Aqui partiu o Conde grossamente assim dinheiros, como pão, com aquelles que pera esto mandou chamar.

Entonce partiram todos pera suas casas, por concertar sua ida, e o Conde pera Portel por encaminhar como partisse; e estando n'aquelle lugar, sabendo el-rei parte como se partir queria do reino, não teve menos sentido que o Conde quando foi chamado por lhe tirarem as terras, e mandou a elle Ruy Lourenço, deão de Coimbra, pelo torvar de sua ida; e ditas por elle, como lettrado que era, todas as razões boas, assim que lhe el-rei disse, como as que elle soube dizer, nenhuma cousa o mudar poude do proposito que começado tinha, e com tal recado se tornou.

El-rei vendo esto, mandou a elle D. Fernão Rodrigues, mestre d'Aviz, e pero fosse notavel pessoa e avondoso de muita razão, o Conde sempre respondeu com grande humildade que sua partida não podia escusar; de que a el-rei seu senhor não devia desprazer, mórmente pois por longo tempo era já d'accordo com seus inimigos, e com esta resposta se despediu sem mais arrecadar com elle.

Entonce mandou el-rei D. João bispo de Evora, um prelado de boa auctoridade, que fosse a elle, e

em fim de todas suas razões, sentindo o Conde o desejo d'el-rei, disse ao bispo que elle lhe mandaria notificar sua vontade, e partido d'elle enviou a el-rei Martim Gonçalves seu tio, e Lopo Gonçalves de Extremoz, por fallarem com elle largamente o que d'esto sentia, prazendo a el-rei do que lhe o Conde mandou dizer, e foi sua ida torvada de todo, e partiu-se pera o Porto, onde el-rei já estava de assocego, e alli foi ordenado que el-rei tomasse pera si todos os vassallos que o Conde e outros fidalgos tinham, e que outro não tivesse vassallos senão elle; e que o Conde tomasse pera si as terras que já dissemos que déra, que elle fez contra sua vontade, mas não podia hi al fazer; e como as terras foram tiradas, el-rei poz a todos suas contias, e assim ficou o Condestabre assocegado n'aquellas que tinha de juro e de herdade, mas as que eram de prestimo lhe foi forçado leixar.

## CAPITULO CLV

*Como Martim Affonso de Mello fallou com Gonçalo Annes sobre a tomada de Badalhouce.*

**T**ENDO el-rei de Portugal sentido da não boa maneira que os castellãos começavam de ter na guarda do trauto das treguas, que dissemos, tambem no soltar dos prisioneiros, como na execução das sentenças, que em obra poer não queriam, pero seu adversario requerido fosse pelos frades e outros que a elle foram enviados, bem viu

el-rei e os do seu conselho que elle havia cahido por todo em pena de dozentas e cincoenta mil dobras, e porque do feito nasce o direito e a somma era tão grande que não podia haver d'ello entrega por tomada de bens moveis, conveiu a el-rei fazer penhora em cidade ou villa, ou logar cercado; entonce fallou com Martim Affonso de Mello, seu guarda-mór, e do seu conselho, como se poderia haver cada um de taes logares por penhora; e elle respondeu se sua mercê fosse, que elle trabalharia de lhe dar Badalhuze e Albuquerque, ou cada um d'elles, porque poderia haver entrega do que lhe dar não queriam.

El-rei lh'o agradeceu muito e teve em serviço, dizendo que se trabalhasse de o poer em obra.

Martim Affonso partiu logo de Vizeu, onde esta coisa foi fallada, e veiu-se a Campo Maior, e d'alli ia muitas vezes de noite a Albuquerque vêr como se velava e roldava, que era d'alli quatro leguas, e vistas as taes roldas que geito tinham em sua guarda tornava-se ante manhã d'onde partira, de guisa que não era achado menos.

Este modo teve em ir a Badalhouce, que era tres leguas de Campo Maior.

Ora assim aconteceu que n'esta cidade estava um escudeiro portuguez com sua mulher e filhos, que se viera de Elvas por um homizio que lhe acontecera, e estava ali já dias havia. D'este escudeiro chamado Gonçalo Annes Cão, havia bom conhecimento Martim Affonso, e cuidando fallar este segredo com elle, mandou-o chamar, que lhe rogava que chegasse a elle, porque lhe cumpria muito.

Gonçalo Annes respondeu que pois era homiziado, não ousaria ir a elle até que o segurar mandasse por

um seu alvará, o qual em outro dia foi logo enviado, e posto que parte não soubesse do que Martim Affonso queria dizer, fallou primeiro a Affonso Sanches, que era o maior do logar, por segurança do que se podia seguir, como Martim Affonso o mandava chamar, e que se lhe desse licença que iria lá, e d'outra guisa não, e elle lh'a outorgou; entonce lhe pediu Gonçalo Annes por ir mais descansadamente que desse licença a um seu escudeiro que fosse com elle; e outorgado, partiram ambos, e chegaram a Campo Maior, onde de Martim Affonso receberam bom gasalhado e honra, e em especial acintemente o escudeiro castellão comendo com elle á mesa, e Gonçalo Annes não; e depois que comeram, levou um escudeiro aquelle castellão pera sua pousada, e Martim Affonso e Gonçalo Annes pera a torre da menagem, e depois que ali foram, fallou Martim Affonso, e disse:

— «Gonçalo Annes, eu quero fallar comvosco uma cousa que é grande segredo e puridade, e é de mui gran perigo, a qual el-rei meu senhor me disse que não fallasse com outrem senão comvosco, dizendo que vos conhecia bem, porquanto elle tem uma sentença contra el-rei de Castella dada por doutores castellãos, em que elle é obrigado em muitas mil dobras, e não lh'as dando até tempo certo, que elle lhe possa fazer penhora em pedra e cal, e campos e bens moveis, assim d'el-rei como de seus naturaes; e porque o tempo é já passado, el-rei meu senhor queria, se podesse ser, haver Badalhouce e Albuquerque, ambos em uma noite, e portanto vos fiz chamar por fallar comvosco se poderíamos eu, e vós, encaminhar como se isto poeria em obra, em que vós fareis a el-rei extre-

mado serviço, e cousa porque vós haverieis boa alviçara.»

Gonçalo Annes disse que de Albuquerque não sabia nada, nem o segurava, mas se me vós derdes, disse elle, cincoenta homens d'armas, e outros tantos de pé e uma escala, qual pera esto cumpre, eu vos mettereí dentro em Badalhouce ante de oito dias, não embargando que se elles velam, mas a vela é sobre as portas, e de uma a outra ha mui grande espaço.

Martim Affonso disse que lhe mandasse a medida do muro pera mandar concertar as escalas.

Em esto fallando desceram-se da torre, e Martim Affonso, por descahimento, disse ao escudeiro castellão com gesto como queixoso :

—«Affonso Gonçaves, faço-vos queixume de Gonçalo Annes, que aqui está, que nunca o tanto pude rogar que me comprasse em Castella dois bons cavallos, ou sequer um, que me d'esto quizesse tomar cargo.»—

Respondeu o castellão, dizendo :

—«Senhor Martim Affonso, não lhe ponhaes culpa, ca se tal cousa fizesse, e lh'o soubessem, enforcá-lo-hiam por ello.»—

Entonce se espediram vindo fallando n'esta historia, e assim o contaram a Affonso Sanches, e no seguinte dia lhe mandou a medida por um seu moço, mas não aproveitou nada, porque Martim Affonso cuidou outra coisa; e passados quatro dias, mandou-o chamar, e Gonçalo Annes foi a lá mui encobertamente, e disse-lhe se se poderia haver a porta, porque o escalar era duvidosa cousa, e elle disse que não, porque o porteiro dormia entre as portas, e a vela estava sobre a torre que se assenhoreava d'ellas. Disse entonce Martim Affonso que pois o por-

teiro era seu amigo, que visse se se poderia haver as fôrmas das chaves em cera por se fazerem outras por ellas, respondeu Gonçalo Annes que não.

—«Ora vos hi, Gonçalo Annes, disse Martim Affonso, e cuidae como todavia possamos haver a porta.»—

## CAPITULO CLVI

*Como os de Badalhouce tomaram suspeita de Gonçalo Annes, e das razões que lhe disseram.*

**P**ARTIU Gonçalo Annes cuidando muito n'esto, e disse uma tal mentira em segredo ao porteiro, que era muito pobre e minguido:

—«Eu sei onde está uma cova de trigo em termo de Elvas, e é monte despobrado, onde não mora ninguém; eu irei lá e furtal-o-hei, e tral-o-hei pera vós e pera mim, e vós abri-me a porta ás horas que vos eu disser, por não ser sabido que eu o fiz.»

O porteiro disse que lhe prazia e que iria de boa mente com elle, e que sua mulher lhe teria a porta aberta, e Gonçalo Annes disse que não queria outra companhia comsigo, mas porquanto elle levava cada noite as chaves a Affonso Sanches, que quando lhe elle dissesse que queria ir fóra, que abrisse os cadeados, e depois que tornasse dentro, que entonce as podia fechar.

Ambos n'esto concordados, Martim Affonso, que d'ello parte soube, lhe mandou dar trigo em Elvas, e ás vezes o trazia a horas da vela da madorra, e

outra vez á vela da manhã, e outra á vela primeira, e assim lhe mudava as horas; por mór segurança e desavisamento outras horas dizia que por não ser descoberto que trazia as bestas até á cerca velha, e que d'alli as levasse elle; e assim se fazia, entendendo o porteiro que lhe deparara Deus n'elle o Padre São Gião, e uzando d'aquella guisa, e a porta segura por esta maneira, foi-se Gonçalo Annes a Evora, onde Martim Affonso estava, e contou-lhe como tinha a porta prestes, e que se guizasse pera ir.

Martim Affonso disse que assim o faria, e Gonçalo Annes se tornou logo, e vendo que lhe não mandava recado, tornou outra vez a Evora, dizendo porque punha esto em trespasso?

Elle respondeu que não poderia ser entonce, porquanto estava de caminho pera ir tomar sua casa, segundo lhe el-rei escrevera que se fosse logo a Bragança, ca elle era esposado com uma filha de João Affonso Pimentel, que chamavam D. Beatriz. Escreveu entonce Gonçalo Annes uma carta e el-rei, em que lhe fez saber como todo tinha concertado, e que mandasse a maneira que sobre ello tivesse, e que fosse sua mercê de lhe dar os bens de Affonso Sanches, e outras cousas que lhe enviou pedir, sendo a cousa posta em bom fim; e Martim Affonso partiu pera Bragança e Gonçalo Annes pera Badalhouce; e andando um dia pela praça, e os moradores do lugar em conselho, logo hi a cerca foi chamado Gonçalo Annes, e ditas estas palavras:

—«Gonçalo Annes, accordado é por estes senhores e cavalleiros que vos vades muito embora fóra d'esta cidade, porquanto temos de vós suspeita que a podeis dar a el-rei de Portugal.»

Gonçalo Annes disse que esto era falso testemu-

nho que lhe assacavam, porque queriam mal aos portuguezes, e que pois ahi havia assaz de fidalgos e bons escudeiros, que lhe certificasse um que tal cousa era verdade, e elle se mataria com elle, quer a pé, quer a cavallo, logo ante que comesse nem bebesse; e foi-lhe respondido que não havia hi nenhum que se puzesse em tal aventura.

—«Ora, disse elle, pois não quereis feito d'armas, ponham dois esteios n'aquella praça, e atem a mim a um, e aquelle que tal cousa e feito affirma, a outro, e ponham-nos o fogo, e mostre Deus o seu milagre.»

Disseram que fazer esto não convinha a nenhum, porém a suspeita não se tolhia por tal razoado.

—«Santa Maria val, disse elle, se ora algum de vós estivesse em Olivença ou em Elvas, não tendo hi mais parentes dos que eu aqui tenho, e vós não velasseis, nem roldassem, nem tivesseis chave da porta, podieis vós dar cada um logar d'estes a el-rei, posto que vol-o escrevesse?»

E todos disseram que não.

—«Pois tão pouco, disse elle, podia eu dar Badalhouce a el-rei de Portugal com esta assacadilha que me vós dizeis. Mórmente que elle está em tregoa e amizade com el-rei de Castella, e tal cousa não mandaria commetter a nenhum, mas vós porque quereis mal aos portuguezes pozestes sobre mim esta fama.»

Estas razões todas não prestaram nada, e mandaram que se fosse fóra da cidade, e elle pedindo que o leixassem viver no arrabalde, disseram que peor lhe seria de fóra que de dentro: entonce mandou a mulher e filhos pera Elvas, e elle, por desfeita, foi-se pera Sevilha pera Pero Rodrigues de Affonseca.

## CAPITULO CLVII

*Como Gonçalo Annes fallou com Martim Affonso, e das razões que lhe os de Badalhouce disseram outra vez.*

**A**NDOU Martim Affonso em casa d'el-rei por bom espaço, e como Gonçalo Annes soube que era em Evora, partiu de Sevilha e foi-o vêr, indo sempre desviado do caminho por onde entendia ser conhecido, e chegou acinte de noite, e fallou-lhe não sendo ninguem com elle, salvo Rodrigo Affonso de Brito seu tio; e Martim Affonso como o viu, de braçou-ô, e disse :

—«Gonçalo Annes, já esta cousa não podeis fazer, pois vos lançaram fóra da cidade.»—

—«Não desesperéis, disse Gonçalo Annes, mas dizei-me se trazeis recado d'el-rei pera poerdes esto em obra?»—

Elle respondeu que sim.

—«Pois, disse Gonçalo Annes, não embargando que me elles defendessem que não fosse lá, senão que me poeriam em uma ameia, ou mandariam bem preso a el-rei de Castella, eu todavia quero lá ir.»—

—«Não vades, disse Martim Affonso, que vos podem prender ou fazer outro mal, de guisa que por força de tormento podeis confessar esto, o que mui pouco cumpre a vós, nem a serviço d'el-rei meu senhor.»—

—«Seguro-vos eu, disse Gonçalo Annes, de confessar ainda que me matem a poder de tormentos, que lhe eu descubra nenhuma cousa.»—

—«Leixae-o ir, disse Rodrigo Affonso, pois elle quer morrer má morte, lá se avenha.»—

—«Da minha não cureis vós, disse elle, que eu entendo levar esto adiante, e vós fazei-vos prestes e pois quereis ir a Campo Maior levar vossa mulher, hi simplesmente sem companhia d'outros, salvo os vossos, e d'estes os mais poucos, e eu ir-me-hei logo a Badalhouce; e se me leixarem hi estar um dia ou dois, eu me contentarei com o porteiro, e vós como souberdes que eu lá sou, parti-vos logo pera Campo Maior, como dizeis.»—

Entonce se foi pera Badalhouce Gonçalo Annes sem lhe dizendo alguem cousa alguma, salvo fallar e de partir com todos como da primeira havia em costume, e a cabo de dias ajuntou-se Affonso Sanches e esses cavalleiros do logar em casa de um escudeiro chamado Gonçalo Sanches de Guntres, e fizeram chamar Gonçalo Annes, e como veio, fallou um cavalleiro, dizendo:

—«Gonçalo Annes, bem sabeis como foi accordado por estes senhores e cavalleiros que aqui estão, que vos fosseis em boa hora fóra d'esta cidade, por quanto nos temiamos de a dardes a el-rei de Portugal, e se aqui viesseis que vos poeriamos em uma ameia, ou vos mandariamos preso a el-rei nosso senhor; e vós fostes e andastes d'aqui fóra ha já dias, e ora queremos saber que razão é a porque viestes ou que vos trouxe aqui contra nossa defeza?»

—«Tendes mais que dizer? disse Gonçalo Annes.»

E elles disseram que não.

Entonce respondeu elle, e disse:

—«Ao que me dizeis que daria esta cidade a el-

rei de Portugal, esto digo que é falso testemunho que me assacaram, e não ha tal que o certifique que não me mate com elle, quer a pé, quer a cavallo, como vos já outra vez disse; no que me dizeis que me enviastes d'aqui fóra, e se mais viesse que me enforcarieis, ou mandarieis preso a el-rei de Castella, digo que é gran verdade, mas eu vendi um pouco de pão a este meu hospede que aqui está, quando me lançastes fóra, crendo que me desse logo os dinheiros, e elle m'os não deu até ora, pero lh'os muitas vezes mandasse pedir, e por lh'o requerer vim aqui, e não por isso que vós dizeis. Mas posto que eu sem culpa seja vós me podeis degolar e matar, e fazer em mim quantas justizas quizerdes.»—

Estonce lhe disseram que se fosse embora, e não tornasse hi mais.

E elle se partiu sem tardar hi dia, porém muito amigo e concordado com o porteiro, fazendo-lhe queixume da má suspeita que d'elle tomaram; mas por isso que elle trazieria as bestas de noite com o trigo quando podesse, e que tomasse elle o que lhe cumprisse, e do outro lhe fizesse dinheiro, ca não ousava de o vender, por não ser sabido d'on-de o trazia.

## CAPITULO CLVIII

*Como foi tomado Badalhouse.*

**F**ICANDO este feito assim concertado, foi Gonçalo Annes fallar a Martim Affonso, dizendo-lhe que prestes tinha a porta, e que fosse prestes quando quizesse, e vendo passados tantos perigos, e que Martim Affonso o punha em vagar, escreveu a el-rei uma carta, que já viera de Bragança e estava em Santarem, como tinha tudo prestes segundo lhe escrevera, e que pois Martim Affonso a ello tardava, que lhe não pozesse culpa se se o logar perdesse e o não cobrasse.

El-rei escreveu logo ao Condestabre, que estava em Arroyolos, e elle mandou chamar Martim Affonso, que fosse a elle de noite encobertamente, e fallando sobre esto, perguntaram a Gonçalo Annes onde se ajuntaria a gente pera fazer esta obra, e elle disse que na lentisca do Azinhal de Arronches, e que levariam a ribeira a fundo, e ir-se-iam ao váo do Mouro, e d'alli iriam a pé até ao logar; e esto concordado partiu Martim Affonso pera Campo Maior, e levou uma noite comsigo Rodrigo Affonso seu tio, e foi-lhe mostrar por onde havia de escalar o castello d'Albuquerque e Albaçar, e como tornaram fez em Campo Maior armar as escadas presente elle, avizando-o da guisa que as havia de poer, ordenando-lhe logo quaes haviam de ir primeiros, e os segundos e terceiros, uns que tomassem as vigias, e outros que fossem á porta do castello que estava

aberta, e pozessem senhos cantos ás portas, que se não cerrassem; outros que se fossem á porta d'Albaçar, que ia pera a villa; e dada esta ensinança, foi fallar a Vasco Lourenço Marinho, a Odiana, dizendo como tinha ordenado de tomar Badalhouce e Albuquerque, ambos juntamente; e que lhe rogava por serviço d'el-rei e boa amizade que fosse em ello seu companheiro, e que a noite que se houvesse de poer em obra, que elle lh'o faria saber, e que não levasse comsigo outros, salvo seus creados de que muito fiasse, assignando-lhe o logar onde descavalgasse, quando visse seu recado.

Entonce tornou Martim Affonso, e avizou os que comsigo entendeu de levar, que fossem prestes.

Gonçalo Annes, que não sonhava em outro feito, aos onze dias do mez de maio, uma quarta-feira, vespera da Assenção, foi fallar ao porteiro dizendo que em outro dia de madrugada tivesse a porta aberta, e fosse pôr as cargas de trigo, onde lh'as elle sohia de trazer.

E cedo na vela da manhã foi Gonçalo Annes de pé á porta, e achou-a aberta, e o porteiro levantado, e disse-lhe: — «Andae por aqui, e trazei as bestas com o pão.»

E como foram ambos na cerca velha onde sohia ir pelo trigo, entonce disse Gonçalo Annes:

— «Aguardae aqui e não vos partaes por nenhuma guisa e irei ás bestas, onde ficou o meu creado com as cargas».

Entonce foi ao vão do Mouro, onde leixara Martim Affonso, que já tinha mandado Rodrigo Affonso de Brito a Albuquerque com trinta homens d'armas e besteiros, e homens de pé, e certos escudeiros aos caminhos, que todos os que achassem ir ou vir pera

estes logares, que os detivessem, por não irem dar novas, e tambem recado a alguns seus em Elvas que como tangessem ás matinas fizessem repicar rijamente, bradando que Badalhouce era entrado, que fossem todos á pressa lá, e esto fazia por duas razões, a uma se filhassem o logar, que o ajudassem por a pouca gente que levava; a outra, se o não filhassem e viessem a elle os castellãos, que o achassem acompanhado, e disse mui ledo:

—«Aberta temos a porta, e o porteiro fóra onde sohia de dar o pão, dae-me á pressa dez homens d'armas que vão commigo, e tomarei a porta em quanto vós fordes, ca se formos todos juntos, poder-nos-hão sentir, e seremos descobertos.»

Entonce foi diante com aquelles dez e entrou pela porta do Rio da cerca velha, e leixou-os ao pé da torre de fóra, e foi á porta, e achou uma sobre a outra, e poz-lhe os hombros e abriu uma d'ellas, e a mulher do porteiro estava detraz em pé, e quando o viu, fallou primeiro e disse:

—«Gonçalo Annes, mi senhor, nora boena vengaes, ques de mi marido?»—

—«Lá vem, disse elle, com as bestas carregadas.»—

E em dizendo esto abriu a outra porta, e ella disse que não abrisse mais, e elle respondeu que as bestas eram muitas, e não caberiam por uma; entonce consentiu ella no que elle fazia, e elle tomou quatro cantos e encostou dois a cada uma porta, e poz-se sobre o rebate em pé, e a castellão junto com elle. Em esto descobriu-se detraz da torre Affonso Fernandes Rebejo, escudeiro d'Affonso Peres, o Negro, que ia por capitão d'estes dez, e um

homem de pé de Gonçalo Annes; e ella quando os viu apertou as mãos, e disse:

—«Jesus, que nora mala es esto, Gonçalo Annes?»

Entonce lhe lançou elle a mão na garganta, rijo, de guisa que a fez pousar ante si, e disse logo ao seu homem:

—«Trazes tu punhal ou adaga?»

—«Sim, trago, disse elle.»

—«Pois degola esta puta, não brade.»

—«Senhor Gonçalo Annes no me mateis, disse ella, e no me mateis, que yo me calare.»

E elle houve d'ella dó, e metteu-a na casa, e apagou a candeia, e deu-a em guarda ao seu homem.

Alli vieram todos dez, e pozeram-se entre as portas, aos quaes elle disse que o não desamparassem por cousa que avir podesse.

E elle se foi rijo chamar Martim Affonso que andasse tostemente, e achou-o que entrava já pela porta do Rio da cerca velha, e trigando-os que se não detivessem, nenhum lhe fallava com a pressa que levava, e elle tomou um que conhecia por trombetea, e foram-se ambos diante sós, e elles que iam diante juntos com a porta, começaram de cima dizer: — Armas, Armas, Castilla, Castilla.

E a este appellidar acudiam alguns á porta, e o trombetea começou de tanger, emburilhando-se já uns com outros, de guisa que ficou a porta só, e os dez foram acima do muro.

Em esto chegou Martim Affonso com os que levava, sem achar empacho, e entrando rijo com suas gentes, fazendo cada um o que lhes mandaram, assim no subir do muro e guarda da porta, como na prisão dos melhores.

O *São Jorge São Jorge* era tanto com *Portugal Portugal* de mistura que dava temor grande nos que os ouviam, e esforço muito aos que cobravam a cidade.

E logo chegou Alvaro Coitado com o concelho d'Elvas, assim de pé como de cavallo, e gente de Olivença e Campo Maior, e todos se apoderaram do lugar sem mais peleja que hi houvesse, salvo duas torres que se queriam defender, mas não prestou nada; e foi esto em dia d'Ascensão de quatrocentos e trinta e quatro annos, havendo nove mezes que este segredo andava guardado, e prenderam hi Garcia Gonçalves de Grijalva, marechal de Castella, e Affonso Sanches, e o bispo d'essa cidade, e aos outros não faziam nenhum nojo, nem lhe tomavam cousa de seu, e se o algum tomar queria, logo lh'o faziam entregar, segundo a encomenda d'el-rei que mandara que se fizesse o mais sem damno que podesse ser, e o Conde como soube que Badalhouce era tomado, foi-se logo a Elvas e mandou chamar Martim Affonso, e fallou com elle a maneira da guarda da cidade, e deu-lhe as gentes que de presente cumpriam.

Rodrigo Affonso escalou Albuquerque e entrou no castello, e não foi avizado de ir pela escada acima a tomar as torres, e por um brado que deu um velho que jazia no caracol quando o sentiu, fugiram dezeseis que já eram em cima, e foram-se á porta da traição e quebraram os fechos, e sahiram fóra, salvo trez que foram tomados e deitados do castello a fundo, e filharam-lhe as escadas, e béstas e armas que levavam, e assim se perdeu por mau regimento e mingua de ardilesa, que muito convem em semelhantes feitos.

## CAPITULO CLIX

*Como el-rei mandou recado a Castella sobre a tomada de Badalhouce, e do que sobre ello se fallou.*

**B**ADALHOUCHE cobrado por esta maneira, mandou logo el-rei a Cordova, onde seu adversario estava, Affonso Vasques, commendador de Horta Lagôa, fazendo-lhe saber por elle como tomára aquella cidade, não com intenção de britar as tregoaas, mas em penhor das cousas que dissemos, e não por outra guisa, na qual posto que presos fossem Affonso Sanches, e outras grandes e ricas pessoas, que elle bem podera reter se quizera, pero porque sua tenção não fôra, salvo serem seus naturaes satisfeitos dos damnos que recebidos haviam, e os prisioneiros soltos, que o não fizera, mas os mandara logo soltar, e que prestes tinha sua cidade, satisfazendo-lhe do que teudo era e obrigado, o qual respondeu, sem mais de suas razões fazer processo, que a sua cidade lhe fôra tomada como não devia, e Albuquerque escalado, sendo d'elle seguro, sem nenhum receio por razão dos trautos e juras feitas sobre elles, e que lhe requeria lh'a entregasse : e sobre esto mandou por mensageiros a el-rei de Portugal o dito Garcia Gonçalves e os doutores Pedro Sanches e Antão Sanches cuja conclusão da embaixada que disseram, foi esto mesmo.

Aos quaes el-rei respondeu que elle tomara bem aquella cidade por penhora das ditas dividas, e que sendo elle satisfeito do que devia ser, que prestes era

de lh'a entregar, e se seu adversario dizia que elle lhe tomava aquella cidade não devidamente, que elle queria estar sobr'ello a juizo d'aquelles que segundo a forma dos trautos em tal caso por ambas as partes nomeadas deviam ser, e juntos na raia entre Elvas e Badalhouce, e cumprir qualquer sentença que sobre esto dessem, e com esta resposta se foram, e posto que el-rei mandasse seu juiz á raia, não mandou el-rei a Castella hi o seu, mas mandou outra vez aquelle Garcia Gonçalves e o doutor Antão Sanches, pelos quaes lhe enviou dizer que lhe prazia de satisfazer ao que devia, e mandar soltar os prisioneiros, que lhe entregasse sua cidade ; e el-rei disse que era contente, e tratando com elles as maneiras que se houvesse de ter do soltar dos prisioneiros, e paga da contia que havia de dar pelas dividas, e ser entregue de sua cidade, soube o Conde como el-rei de Castella de tal tomada tinha gran sentimento, e fazia seus percebimentos de guerra, e dizia a el-rei que se avizasse, e elle respondia que não curasse de tal cousa, que elle queria aguardar a primeira pancada, a qual foi que el-rei de Castella mandou armar caladamente certos navios em Biscaya, que tomaram ao cabo de São Vicente duas grandes naus que el-rei de Portugal mandara a Genoa carregar de trigo, a requerimento do commum d'aquella terra, que lhe mandaram pedir que lhe enviasse ; e trazendo o preço todo empregado em armas e cousas que lhe eram cumpridoras, foram tomados pelos castellãos d'aquella guisa, britando a tregoa á vista de todos.

E d'esta vinda que os ditos embaixadores vieram fallar a el-rei sobre esto que dizemos, andando na côrte, moveram Martim Vasques da Cunha e Lopo

Vasques seu irmão com grandes promettimentos e accrescentamento de honra que se fossem pera Castella, e elles fizeram-n'o assim sem sabendo el-rei d'isso parte ; mas outros affirmam que Martim Vasques lhe cometteu sua ida, de que elles foram assaz de bem ledos ; e el-rei de Castella muito mais, quando o soube, e esta opinião parece mais razoada.

## CAPITULO CLXI

*Das gentes que entraram pela Beira e por riba de Odiana, e da maneira que el-rei sobre ello teve.*

Como Martim Vasques foi em Castella, sendo já a tregoa d'esta guisa quebrada, juntaram-se alguns fi lalgos com alguma somma de gente, cuja capitania trazia Rodrigo de Avalos, condestabre de Castella, e vinha em sua companhia com outros Martim Vasques da Cunha e seus irmãos, e chegaram a Vizeu, e foi toda a cidade queimada, e feito muito mal n'aquella comarca.

El-rei que d'esto soube parte em Santarem, onde entonces estava, houve d'ello gran nojo e sentimento, e mandou chamar suas gentes pera ir a elles, entre os quaes mandou chamar o Condestabre, e nenhum d'aquelles a que el-rei escreveu se vinham pera elle, posto que muitos recados lhe mandasse; o Conde acinamente, como alguns escrevem, respondeu a quem lhe levou tal recado que el-rei não se devia tanto d'anojar da entrada d'aquellas companhias, pois em

sua terra havia senhores e fidalgos a que encomendar podia que fossem a ellas, posto que elle a lá não fosse, e outras taes razões d'escusa, de que a el-rei muito desprouve quando as ouviu.

Porém o Conde não cessava juntar suas gentes, e mandou el-rei outra vez a elle, contando-lhe o mensageiro o nojo que tomava, especialmente por as gentes que lhe não vinham; e o Conde respondeu outra resposta semelhante da primeira; com tal se espediu d'elle, e estando el-rei com este nojo, e tendo já o Conde juntos mil e dozentas lanças, encaminhou por ir vêr el-rei, não levando consigo mais de vinte de mulas, ficando todos os outros em Evora; e quando chegou 'a Santarem, porque vinha de suspeita, soube-o el-rei tarde, a que muito prouve de sua vinda; e sahindo-o a receber á pressa, achou-o entre Santa Maria de Palhaes e Santa Iria; e quando o el-rei abraçou, porque o achou armado de cota e braçaes, disse alto em sabor, que ouviram muitos:

—•Quanto agora posso eu dizer que este é o primeiro homem d'armas, que eu em esta terra vi.»—

E entonce se foram ambos pera o paço, e fallando n'aquella entrada d'aquellas gentes, que n'aquella comarca da Beira andavam, o Conde respondeu a ello não tendo tal feito em grande conta, e disse que portanto vinha assim aforrado por lhe pedir licença pera ir a elles.

E estando em este cuidado chegaram-lhe novas que eram já partidas; entonce accordou el-rei d'entrar por Castella, e partiu pera Coimbra, e mandou ao Conde que tornasse a Evora por suas gentes e se tornasse pera elle, e o conde feze-o assim; e ambos

estando n'aquella cidade concertando sua partida, souberam de certo que o mestre de Santiago de Castella D. Lourenço Soares de Figueroa e o mestre de Calatrava, e o de Alcantara com muitas gentes de Andaluzia e das fronteiras eram entrados entre o Tejo e Odiana, e que roubavam, e captivavam, e matavam, e faziam quanto mal podiam por termo de Beja, Moura, Serpa, e pelo Campo de Ourique até Alcacer; e logo el-rei houve seu conselho de leixar a ida de Castella pera que estava aviado, e ir áquellas gentes que disseram, e partiu de Coimbra e o Conde com elle; e forrando-se de sobeja carriagem e azemulas, salvo das bestas necessarias, andando tão rijo e tamanhas jornadas, que se perdiam muitas d'ellas, passaram o Tejo, a fundo de Punhete, por uma ponte de barcas que el-rei mandara fazer n'aquella passagem.

O Conde foi assaz fadigado fazendo passar essa carriagem, posto que pouca fosse.

E como el-rei passou ante que chegasse a Montragil, soube certas novas que o dia d'antes pela manhã passaram os castellãos Odiana pelo porto de Serpa, onde ia a ribeira tão cheia, que lhe ficara gran parte da cavalgada que não podera passar, e que se um pouco mais tardaram, que não houveram váo, por a muita agua que no rio crescera; e el-rei os achara dentro em seu reino, segundo o andar que levara; mas que entendia que por inculcas souberam de sua ida, e porém se foram assim trigosos, e d'esto foi el-rei e o Conde anojados, e todos os da hoste que com elles eram.

E em outro dia chegou a Arrayolos e com elle o Conde, e alli dormiram, e em essa noite sendo já mui alto serão, mandou el-rei chamar o Conde que

jazia dormindo em sua tenda, e elle se alevantou e foi logo lá, pero fosse mui grande espaço, e el-rei lhe disse e mostrou alguns recados que houvera das más maneiras que o Priol D. Alvaro Gonçalves Camello, marechal da sua hoste, tinha contra seu serviço, e que o queria mandar prender, como de feito logo fôra preso, e o Conde o desviou entonce d'ello.

Em outro dia se foi el-rei a Evora, e vistas as cartas que foram tomadas, que el-rei de Castella mandava ao Priol em resposta d'outras que lhe enviara como queria ser seu, e se ir pera elle, el-rei o mandou logo prender, e entregou-o a Martim Affonso de Mello, que era alcaide mór da cidade.

E el-rei estando em Evora fez alardo, e achou quatro mil lanças bem corregidas, e quizera entrar por Castella, e aconselharam-lhe que o não fizesse porque era tempo de inverno.

E el-rei se partiu e foi pera Coimbra, e mandou lá levar o Priol, e entregou-o a Lopo Vasques, alcaide do castello, que o por tempo teve preso até que por arte lhe fugiu, que não curamos d'escrever; e sendo no reino mandou pedir a el rei por mercê que lhe perdoasse, e lhe entregasse o seu; e el-rei feze-o assim, salvo os castellos, que estavam já da sua mão dados a outras pessoas. (\*)

(\*) Na edição de Antonio Alvares este capitulo é o 161, no texto, parecendo pois faltar o 160. É porém simples lapsó corrigido no index que dá a este capitulo os n.ºs 160 e 161.

## CAPITULO CLXII

*Como o Conde ordenou d'entrar em Castella, e da maneira que teve em ello.*

**P**ARTIU el-rei pera Coimbra, e ficou o Conde em Evora, como dissemos, com grande despeito e sentido d'esta entrada que o mestre fizera d'aquella maneira, e a razão porque era esta :

O mestre de Santiago de Castella era o mór senhor e fronteiro que o Conde tinha acerca de sua comarca, e ante que partisse pera Coimbra quando o el-rei mandou lá ir, por leixar em seguro as gentes entre Tejo e Odiana, escreveu ao mestre rogando-lhe em suas cartas que se houvesse d'entrar n'este reino que lh'o fizesse primeiro saber alguns dias, e isso mesmo lhe faria elle, se d'entrar houvesse, de guisa que cada um se podesse aperceber pera tal obra, e o mestre lhe prometeu que assim o faria, e com tal segurança se foi o Condestabre a Coimbra, ca posto que Martim Affonso de Mello ficasse por fronteiro n'aquella comarca, e fosse assaz de bom cavalleiro, e pera muito, não era pera resistir ao poderio de tantas gentes com dozentos e cincoenta lanças que tinha, assim que o mestre não fazendo o que promettera, logo como soube que o Conde era partido, fez aquelle ajuntamento que ouviste, e correu a terra levando assaz de gado, e prisioneiros.

O Conde como viu el-rei alongado de si, mandou chamar todos os cavalleiros e escudeiros da co-

marca que se viessem pera elle com suas gentes o mais encobertamente que podessem, e enviou rogar ao mestre de Aviz que lhe prouvesse de vir com suas gentes, por serem ambos companheiros na obra, que por serviço d'el rei seu senhor queria fazer.

O Mestre respondeu que lhe prazia e que se faria prestes, porém soube o Conde de certo que dizia elle depois: — Pouco perde o Conde n'isto; levamos nós o afan e trabalho e elle toda a honra e fama.—

E quando o mestre chegou a Villa Viçosa, onde o Conde entonce estava, sem dizendo nada d'esto, lhe fallou assim, e disse:

—«Mestre, senhor e amigo, eu vos enviei rogar que fosseis meu companheiro em esta obra, que por serviço d'el-rei meu senhor entendo fazer, e toda honra e fama d'ella quero que seja vossa, e a mim sómente fique nome que fui em vossa companhia.» —

O Mestre respondeu a esto mas que fosse sua como sempre fôra, e outras mesuradas razões, com que ficaram bem accordados.

Entonce mandou o Conde dar ás trombetas, e foyse a um rocio a par do arrabalde, contra o Alandroal, e todas suas gentes armadas a cavallo com bacinets nas cabeças, e lanças compridas nas mãos, assim armados a cavallo os andou regendo, pera cada um saber o que havia de fazer quando tal cousa aviesse; porque já tempos havia que não foram em nenhuma obra.

O ajuntamento feito, o Conde e o mestre com todos os outros partiram de Villa Viçosa um dia á tarde, depois de vespera, foram dormir a um matto,

que é áquem do campo de Elvas, a par de uma torre, e hi fez o Condestabre alardo, e achou setecentas lanças, e tão poucos homens de pé que ficou muito maravilhado, e o alardo feito, concertou as gentes como haviam de ser, s.:

Elle na vanguarda, e o mestre na reguarda, e mandou certos de cavallo em duas partes que fossem diante correr terra de Caceres, e alem do logar empreassem gados e gentes quanto mais podessem, os quaes logo d'ahi partiram fazer sua obra.

E em outro dia partiu o Conde muito cedo e passou acerca de Ouguella, e foi dormir perto de um logar que chamam Albuquerque, em uma ribeira mui fria, porque era mez de Dezembro, onde levaram aspera noite; no dia seguinte foi comer uma legua e meia áquem de Caceres, que eram doze leguas do Estremo; e andando já os corredores preando-lhe pelo campo, torvando-lhe uma feira que n'aquelle dia haviam de fazer, onde foram presos e roubados alguns, e outros mortos, e fugidos quanto mais podiam.

E como comeu, se foi a Caceres, e poz-se em rosto da villa, e por um caminho que vinha de um logar chão sem cerca, que chamam Arroyo del Puerco, vinham todos os homens e mulheres que em elle moravam, com seus filhos e algo, pera se acolherem a Caceres, e o Conde mandou a elles e foram tomados todos, que poucos d'elles escaparam; e chegando-se o Conde mais acerca da villa, sahiram fóra uns trinta de cavallo, e o Conde mandou a elles outros tantos; em esto recresceram muitos do logar, de guisa que queriam chegar á carriagem que ia por cerca d'elle, e alli se fez uma esca-

ramuça em que foram feridos de uma parte e da outra ; porém foi forçado aos castellãos de se lançarem no arrabalde que era fortemente apalancado, bradando de dentro muitos contra o Conde :

— «Não vos valeu nada vosso madrugar, Nuno madrugaa.»

E fazendo-se noite, assentou o Conde seu arraial junto com a villa; de noite vieram parte dos que eram idos a correr e trouxeram muitos prisioneiros, e gados e bestas, e no seguinte dia foi o arrabalde entrado por força, e roubado e queimado, e vieram os outros corredores que ainda não chegaram, e trouxeram muitos mais gados, e bestas e prisioneiros.

### CAPITULO CLXIII

*Como o Conde partiu de Caceres e se veiu a Portugal.*

**P**ARTIU o Conde, depois que comeu, d'aquella villa, e foi essa noite dormir em um soveral que é entre Caceres e Arroyo del Puerco, e sendo já serão, entre Lobo e Cão, chegaram dez escudeiros castellãos que pareciam homens de bem, sem nenhum seguro que ante pedissem, e apresentados ante elle fallaram ao Conde fazendo suas medidas, e elle os recebeu bem, mostrando de si bom semblante e palavras.

Entonces lhes perguntou que homens eram, e

elles responderam que eram d'aquelle reino de Castella.

— «Pois como fostes ousados, disse o Conde, virdes assim sem haverdes primeiro seguro?»

— «Senhor, disseram elles, em atrevimento de vossa grande bondade e muitas virtudes que Deus em vós poz, fomos ousados de vir ante vós.»

E razoando sobre esto fez pergunta o Conde que era o que lhes aprazia.

E elles disseram que não outra cousa senão sómente vê-lo, como q já tinham visto, e o Conde lhes mandou dar de cear, e elles não quizeram comer e foram-se. E d'este logar aquella noite mandou o Conde certas gentes a Garrovilhas e á barca de Alconeta, e toda aquella comarca, quatro e cinco leguas de redor, de guisa que entraram a dezesete leguas por Castella, d'onde trouveram muitos prisioneiros e gados, e não se contentando d'esto roubaram uma egreja, que pelo Conde era muito defeso, entre as cousas que d'ella tomaram foi uma caldeira da confraria d'aquelle logar, que foi azo que por assim prazer a Deus de logo haverem sua emenda do mal que na egreja fizeram, porque jazendo com seu roubo que pera o arraial traziam, a noite que se seguiu atou um d'elles ao arco da caldeira a besta em que vinha, e ella de noite bolindo comsigo espantou-se d'ella, e começou de fugir e fez tal arruido levando-a apoz si, que se espantaram as outras bestas, de guisa que lhe fugiram muitos cavallos que nunca foram mais achados.

Em outro dia chegou o Conde com sua hoste a Arroyo del Puerco, d'onde todos acharam assaz de mantimentos, e alli chegaram todos os que foram correr a villa de Garrovilhas com seu roubo

de muitos prisioneiros e gados, e o Conde mandou soltar todas as mulheres que no arraial eram presas e quantas estes corredores trouveram, que não ficou nenhuma, e mandou-as poer em salvo.

D'alli partiu pera Portugal e veiu por Valença de Alcantara sem achar nenhum que lhe fizesse embargo, vindo muito de seu vagar, aguardando se viria alguém a elle pera lhe dar batalha, ca muitas vezes dizia o Conde de praça que uma das cousas que muito desejava, assim era que el-rei de Castella, ou algum de seu linhagem, viesse a elle pera lhe poer o campo.

E vindo o Condestabre d'esta guisa, havendo já oito dias que andava por Castella, chegou-lhe uma carta do mestre de Santiago, cujas razões eram estas:

Que pera nobre senhor e honrado, como elle era, não cumpria assim encobertamente entrar a terra de seu senhor el-rei de Castella, e sua, sem o primeiro perceber.

E o Conde lhe escreveu que peor fizera elle tendo-lhe promettido que ante que entrasse em Portugal que lh'o faria a saber, e que fizera entrada em terra de sua frontaria, não guardando o que lhe promettera porque sabia que não estavam hi gentes que lh'a defendessem, e que assim ia uma por outra; e que pois já esto assim estava, que elle o mandaria depois perceber e iria vêr a sua terra.

Esta falla, dizem, que era entre elles secretamente, e assim é de cuidar.

Des-ahi chegou o Conde a Aramenha, a par de Marvão, que é em Portugal, e alli mandou repartir toda a cavalgada de gados, e bestas e prisioneiros sem tomando pera si nenhuma cousa, como havia

de costume, e d'ahi se foi pera Portalegre e o mestre d'Aviz pera sua terra, e cada um dos outros pera seus logares.

## CAPITULO CLXIV

*Como o Conde ordenou outra vez de entrar por Castella, e chegou a Villalva.*

**D**EPOIS d'esto veiu-se o Condestabre a Evora, e aprouve a Deus de adoecer de uma dôr que lhe durou bem trez mezes, tendo já postas suas fronteiras por onde cumpria, e por conselho dos fisicos se foi a Lisboa, e estando hi por espaço de dias não melhorando nenhuma cousa, disseram que se tornasse a Evora, e chegou até Palmella em andas, e alli começou de se sentir melhor, e foi-se a Setubal, e des-ahi a Alcacer, e d'ahi partiu pera Evora; e como foi n'aquella cidade, ordenou d'entrar por Castella mais poderosamente que da outra vez, e escreveu ao mestre de Santiago, D. Mem Rodrigo de Vasconcellos, e a D. Lourenço Estevens de Goes, Tente da Ordem do Esprital, que depois foi Priol, e isso mesmo ao almirante e a todos os capitães d'entre Tejo e Odiana e do reino do Algarve, e outros da Extremadura, como por serviço d'el-rei seu senhor entendia d'entrar em Castella, não dizendo porém onde nem contra qual parte, e que lhe rogava que se viessem pera elle com suas gentes pera serem seus companheiros na obra que ordenada tinha de fazer.



E tendo sobre esto mandado seus recados, como dissemos, chegaram novas certas que o mestre de Santiago de Castella tinha junto duas mil lanças e oitocentos ginetes, e muitos bésteiros e peões, e que queria entrar por entre Tejo e Odiana, e fazer todo o damno que podesse.

O Conde como taes novas ouviu, e foi certo que era verdade, escreveu logo uma carta ao mestre, d'esta guisa que se segue:

—«Senhor amigo: Nuno Alvares Pereira, Conde de Barcellos e de Ourem, e de Arrayolos, e Condestabre por el-rei, meu senhor, rei de Portugal, e seu mordomo-mór, me envio encommendar em vossa graça. Faço-vos a saber que a mim foi dito que vós tendes feito ajuntamento de vossas gentes pera me vir buscar, e fazer mal e damno em esta terra de meu senhor el-rei, de cuja guarda eu tenho carregado, e sabe Deus que me prouve e praz serdes assim prestes, como dizem que sois, porque dias ha que esta mesma vontade tinha eu de vos ir buscar onde quer que fosseis, e fui torvado por ser doente algum tempo; e porque, a Deus graças, eu sou já em bom ponto de minha saude, e muito prestes pera ir assim da vontade, como das gentes que já commigo são juntas. E porque outro sim esta terra é ora muito quente, e por vos escusar de trabalho, vos rogo que vos soffraes e não cureis de vir trabalhar, porque a Deus prazendo, eu entendo de ser onde vós fordes tão toste e mais cedo do que vós podeis vir; e por vos em tanto avisardes d'algumas cousas, se vos pera esto mais cumprirem, vol-o faço saber. Escripto em Evora, dezesete dias do mez de junho de mil e quatrocentos e tantos annos.»

Esta carta enviou o Condestabre ao mestre por

um seu moço da estribeira, a que pouco prouve com ella; e o mestre não respondeu a ella por carta, mas mostrando por palavra o contrario do que na vontade tinha, disse ao moço que dissesse ao Conde que fosse quando quizesse, sem outras mais razões; e logo escreveu a toda Andaluzia, e ajuntou muitas mais gentes além das que tinha, sendo com elle o mestre de Alcantara, e D. Pedro Ponce de Leão, e D. Alvaro Peres de Gusmão, e Martim Fernandes Portocarrero e outros, que não faz mingua nomear, poz guarda nos castellos e fez afastar os gados do Estremo.

As gentes que o Conde mandou chamar, foram juntas todas com elle na villa de Extremoz, e d'alli partiu pera Castella, e o primeiro dia foi alojar-se com sua hoste a Odiana, acerca de Badalhouce; e em outro dia fez alarde das gentes que levava, e achou por todos mil e oitocentas lanças e dozentos ginetes, e trezentos bésteiros de cavallo, e cinco mil homens de pé d'outros, entre bésteiros e peões, e n'aquelle logar repartiu suas batalhas como haviam de ir, s.:

Elle na vanguarda e D. Lourenço Estevens com elle, e o mestre de Santiago e o Almirante na re-guarda, e em uma das alas Martim Affonso de Mello, e na outra Gonçalo Annes de Abreu, com certas gentes em cada um logar.

Com esta ordenança levou seu caminho pera Vilalva e Cafra, pera aquella comarca onde o mestre estava, e não podiam haver agua que lhes avondasse, por o tempo ser muito secco; e porque as gentes dos castellãos eram muitas, estendiam-se pela terra a mirar a hoste e punham fogos aos mantimentos, por se não prestarem d'elles.

O Conde mandou deante correr, e disse:

— «Ivos, havei vista e lingua da terra, e trazei alguns bois e vaccas, se os poderdes trazer e haver pera mantimento d'estas gentes; mas de prisioneiros, nem outro gado meudo, não vos empacheis, ca eu não vim aqui senão por este homem só.

E elles foram até um castello que dizem Villalva, onde o mestre de Santiago dormira aquella noite com todas suas gentes, e não houveram d'elle vista nem lingua, e chegaram até Fonte do Mestre, porque se levantara elle d'alli com todo seu arraial, e fôra-se aposentar junto com o castello da Feira, em uma alta serra; e sendo sabbado, vespera da Trindade, por uma grande destemperada calma, indo assim o Conde seu caminho, Martim Affonso de Mello, que levava a ala direita, ia ao longo da hoste, quando os viu, metteu-se com elles até os encerrar onde o mestre estava olhando-a de longe, e tornou-se pera sua ala.

Este dia, que era sabbado, chegou o Conde a comer com sua hoste a aquelle logar de Villalva, que era de Gomes Soares, filho do mestre de Santiago, onde estavam assaz de gentes, e como o Condestabre chegou a seu arraial, começou de assentar as gentes da hoste e começou de segar muitos pães qué hi havia, e foi hi feita grande escaramuça por azo d'aquelle, em que houve mortos e feridos d'uma parte e da outra.

Em esto, os corredores que detraz ficaram, trouxeram muitos prisioneiros e gados da Fonte do Mestre, e chegaram áquelle hora; e querendo armar a tenda do Conde, parou elle mentes contra o castello da Feira, e viu branquear as tendas dos castellãos, e chamou alguns dos seus e disse:

—«Que vos similham aquellas cousas brancas que parecem n'aquella serra?»

—«Senhor, diziam alguns, tendas são».

Outros razoavam que eram pedras, e elle affirmava todavia que eram tendas, pero que era espaço de uma grande legua e mais.

Entonce fez chamar perante si as guias pera lhe dizerem se era assim como elle dizia, e elles affirmaram que tendas eram em toda guisa, e elle queixou-se muito contra elles, dizendo:

—«Maravilho-me de mim como vos não mando a todos cortar as cabeças: serem meus inimigos tão perto de mim e não o saberdes vós pera m'o dizerdes; percebei-vos que vos não aconteça outra tal.

Entonce se assentou sobre seu almofreixe razoando sobre ello.

## CAPITULO CLXV

*Do recado que o mestre mandou ao Conde desafiando-o pera pelear, e da resposta que a ello deu.*

**S**ENDO o Conde assim assentado, como vinha de caminho, emquanto lhe faziam de comer e armaram a tenda, não sendo ainda meio dia, chegou um trombeta da parte dos castellãos, e perguntou qual era o Conde, e mostraram-lh'o, e elle chegou-se a elle, e disse:

—«Senhor Condestabre, o mestre de Santiago, meu senhor, e o mestre de Alcantara, e os senhores que com elle são, vos mandam dizer que elles es-

tão alli na Feira, que é d'aqui uma legua e meia, pera vos poer batalha, e que se vos quizerdes ir com vossas gentes e não fazer mais damno, nem nojo em esta terra, que lhe prazera d'ello, d'outra guisa não querendo, que vos apercebaes pera ella, ca elles prestes são.

O Conde respondeu ledamente a esto, e disse:

— «Amigo, vós sejaes mui bem vindo com taes novas como essas, com que eu sou mui ledo, e vos ide um pouco folgar por esse arraial, e haverei meu conselho sobre ello, e logo vos desembargarei.

Entonce fez chamar seus trombetas e encomendou-lh'o, e mandou-lhe dar secretamente em abastança quanto mister houvesse; e em quanto o trombeta foi comer, falou o Conde com o mestre e com esses senhores e capitães o recado que lhe dos castellãos viera, e todos foram d'ello mui ledos, e accordou o Conde com elles, que pois o seguinte dia era domingo, des-ahi festa principal do anno que era dia da Trindade, que não curassem de pelejar, mas que á segunda-feira partissem pera a batalha.

Entonce mandou o Conde dar de vestir ao trombeta e dinheiros, e isso mesmo fizeram alguns dos capitães, que lhe deram roupas e joias bem ledamente, e disse o Conde a um bom escudeiro chamado João Esteves Correia:

— «Ivos com este trombeta do mestre, e encomendae-me muito a elle e ao mestre de Alcantara, e aos outros me saudae cada um por pessoa; e dizei que lhes agradeço muito o recado que me por elle enviaram, e por não serem alli deteúdos, que a prazera de Deus eu serei com elles segunda feira pera receber a batalha que me poer querem, ca por isso sou aqui vindo; e porque entre mim e

elles está este bom valle que chamam da Almeda, que é bem azado pera poer campo, que alli se venham segunda feira pela manhã, e hi me acharão prèstes.

Entonce o chamou a de parte, e disse :

— « Levae este escripto, o qual elle fizera e assignara por sua mão, e dae-o ao mestre depois que lhe disserdes o que vos mando; e sede avisado que não bebaes nenhuma cousa, posto que vos convidem, ca poderá ser que vos acontecerá por ello algum cajom; e em esperando nós que torneis com recado, virão elles em tanto de suspeita sobre nós, e receberiamos damno d'elles, mas parae mentes por toda sua maneira e que gentes são, e como adereçados, e tornaes-vos logo.

Entonce partiu o escudeiro de cavallo com cota e braçaes, e espada na cinta, e o trombetea com elle; e quando chegaram ao arraial dos castellãos, o mestre andava de cavallo fallando com nove capitães dos seus, e como foram acerca, disse João Esteves ao trombetea que fosse dizer ao mestre o que o Conde lhe respondera, e o trombetea chegou a elles, ficando o escudeiro arredado um pouco, e o mestre perguntou:

— « E pois que novas nos trazeis? »

E elle lhe contou quanto lhe o Conde dissera, e como entendia nos portuguezes que tarde lhe parecia o dia que se haviam d'ajuntar.

— « E como sabes tu isso, disseram elles. »

— « Sei-o, disse elle, porque m'o disse o Conde e outros muitos do seu arraial, e digo-vos que eu andei por elle, e passarão de mil e quinhentos tendilhões a meu esmar, e não ha tendilhão a que não estem cinco, seis lanças d'armas acostadas, em que

parece que é somma de gente. Mas aquelle escudeiro que o Conde envia a vós sobre esto, vos pôde dizer o mais certo, chamae-o e vêde o que quer, e assim podeis fazer o que vossa mercê fôr.

## CAPITULO CLXVI

*Como fallou o escudeiro do Conde com o mestre, e das razões que ambos houveram.*

Foi chamado o escudeiro e chegou-se a elles fazendo sua mesura de cima do cavallo, perguntou qual era o mestre de Santiago, ca elle o não conhecia, e disseram-lh'o; entonce disse suas encommendações a todos como lhe fôra encomendado, e quando contou a resposta do Conde dizendo como a segunda feira, Deus prazendo, elle seria com todas suas gentes a lhe poer a praça, emadeu mais palavras de seu, e disse assim:

— « Esto senhor vos certifico eu que tal é o desejo de todos, porque fizeste tanto damno e mal na frontaria, que o Conde meu senhor ha em sua guarda, que não seria comprado por gran preço, ca não deixastes cousa alguma aos moradores d'ella, que todo não fosse roubado, salvo as lanças e os punhaes com as pontas agudas com que vos todos vem buscar, pera haver d'ello emenda.

— « O demo lhe agradeça a elles essa cousa, disse o mestre. »

— « Pois senhor, disse o escudeiro, sede certo que se elles souberam que vós aqui estaveis, primeiro

foram elles aqui que vós lá mandareis, ca elles não vieram que por levar bois, nem vacas nem outros prisioneiros d'esta terra, senão por se enborilharem comvosco, e se a desafição de todos alguma coisa pode valer, todos me diziam que vos desafiassse, e se por grado das gentes fôra, logo de manhã aqui foram prestes. Mas porque o Conde meu senhor não tem em costumê andar caminho ao domingo, e muito menos pelejar, portanto se espaçou este desejo pera segunda feira, segundo vereis por este escripto que trago.

Entonce disse o mestre de Santiago, ao de Alcantara e aos outros que eram presentes :

—«Senhores, dae-me licença um pouco, e fallarei com este escudeiro e verei que escripto é este.»

Entonce se apartou com elle, e depois que o leu, disse :

—«Escudeiro, segundo vós dizeis, e por este escripto parece, o Conde ha grande queixume de mim por a entrada que eu fiz em Portugal ; mas em verdade, se elle soubesae como esta cousa foi feita, e quanto contra minha vontade, elle me não culparia tanto, nem os senhores que com elle são.»

—«Quanto vós sois de culpar ou não, disse o escudeiro, vós o sabeis, mas eu digo-vos o que me mandaram, e a cousa toda como está, e não vejo maneira como vos desculpar possaes.»

—«Mas mui bem, disse o mestre, e é d'aquesta guisa : parece como quer que foi, que el-rei meu senhor soube parte do que entre mim e o Conde havia sobre effeito das entradas, e mandou aqui o mestre de Alcantara a me dizer que entrassemos. Como soube que o Conde era partido, e porque lhe eu disse minhas razões d'escusa ao não fazer,

eu recebi taes palavras que vergonha haveria de as contar, e tanto me escusei d'ello, até que me disse que se o fazer não quizesse, que me privaria do mestrado e de toda minha honra, e por esto me foi forçado de o fazer.»

E em dizendo esto chorava.

Respondeu o escudeiro e disse :

—«Que assim seja como vós dizeis, senhor, não sois vós porém escusado de culpa, ca bem podereis vós mandar vosso recado escusamente, que nunca ninguem o soubera, a aquelles que teem carregos dos castellos, que percebessem a terra e se avisassem, e vós fizereis a vontade a estes e não anojariéis o Conde meu senhor, que assim ama e tanto bem diz de vós; e que vos não fizera semelhante nojo por cousa que avir podesse, porém não vejo razão que boa seja com que vos escusar possaes.»

—«Santa Maria val, disse o Mestre, não poderia ser por alguma guisa d'enviarmos dizer ao Conde alguma cousa com que não viessemos a batalha?»

—«Não sei cousa, disse o escudeiro, com que o d'esto desviar podesseis, salvo frontardes-lhe com paz por sempre entre Portugal e Castella, se poder tendes de o fazer.»

—«Por sempre, disse o mestre, é mui gran cousa, não se podia fazer tão azinha, mas por certos mezes bem lhe poderia dar tregoa, e em tanto trataríamos paz, mas como será esto, se vós dizeis que elle logo será aqui segunda-feira ?

Sede certo, senhor, como vos disse, que se de manhã não fôra domingo, e des-ahi tal festa como é, que a batalha logo fôra prestes, mas segunda-feira pela manhã elle será aqui sem outra duvida, mas não em-

bargando esto, fallae vós com esses senhores e vejam o que trago escripto, e havei vosso conselho, e assim lhe podereis responder.»

—«Parece-me razoado, disse o mestre, e dizeis bem.»

Entonce se tornaram ambos pera os outros, e disse o mestre a elles:

—«Senhores, parece-me que é bem que o escripto que este escudeiro traz do Conde, o vamos vêr.

Entonce descavalgaram, e apartaram-se logo hi acerca a haver seu conselho, e disse o mestre a Fernão Dias de Mendonça:

—«Tomae este escudeiro, e tende-o em vossa guarda, e fazei-lhe trazer vinho e fructa.

E foi-lhe trazido, e comeu da fructa, e fingiu que bebia do vinho, e não gostou nada por o que o Conde lhe dissêra, e esteve aguardando por espaço de meia hora, perguntando-lhe em tanto Fernão Dias por todas as cousas do arraial.

Em esto chegou-se o mestre e os outros, e começaram de perguntar, dizendo:—«Escudeiro, vós que homem sois?

—«Sou vassallo d'el-rei de Portugal, disse elle, e creado do Condestabre.

—«Sois casado ou solteiro?

—«Casado, disse elle.

—«Onde moraes?

Disse elle:

—«Em Lisboa.

—«Que gentes vem no arraial do Conde?

—«Serão, disse elle, até setecentos bacinetes, e quatro mil homens de pé e alguns bésteiros.

—«Como pôde ser isso, disseram elles, ca o nos so trombeteiros disse o contrario?

E o escudeiro com desejo de esperarem a batalha, respondeu dizendo :

—«Assim me parece a mim, mas póde ser que serão mais ou não tantas, pero que bem ouvira o que lhe o trombeta disse. Ora senhores, disse elle, pera que são estas perguntas em que me detendes sem me dar outra resposta? Eu não sei de vosso conselho, nem d'aquelle que haveis accordado, mas eu vos desafio da parte de meu senhor o Conde que segunda-feira pela manhã desçaes d'este monte em que tendes vosso arraial, a aquelle valle a que chamaes da Almeda, e vos faço preito e menagem que elle seja alli convosco entonce com toda sua gente a vos poer batalha, tirando algum caso tão forçoso que lh'o não leixe fazer.

Respondeu o mestre, e disse :

—«Escudeiro, aqui n'esta carta vae a resposta do escripto que trouvestes ; levae-a ao Conde, ca em ella lhe faço menção da tregoa e paz que andamos fallando, e se em ella quizer cahir envie-nos recado, senão nós o esperaremos aqui de boamente, e alli acabaram de fallar sobre esto.

Entonce chegou logo hi um camareiro do mestre, e disse :

—«Escudeiro, o mestre de Santiago meu senhor partiu da Fonte do Mestre em armas com estas gentes, e não traz aqui joias senão as que pertencem a seu corpo em feito d'armas, e este vestido que lança sobre si quando as desveste, elle vos roga que o vistaes e vos honreis d'elle, e d'esta espada e sombreiro, por as boas novas que lhe trazeis da batalha que tem prestes.

Respondeu elle e disse :

—«Dizei ao mestre que o mantenha Deus, que

suas roupas não me fazem mingua, mas porque elle promette que decenda d'este monte a poer batalha ao Conde meu senhor, que porém me praz de tomar esto que me manda, com tanto que praza ao Conde de o eu trazer.

E o mestre se chegou alli, e disse que com aquella condição o tomasse.

Entonce o mandou poer em salvo a seis escudeiros, de guisa que não recebesse damno dos do arraial, e assim se partiu.

## CAPITULO CLXVII

*Do recado que o escudeiro trouxe, e o acordo que o Conde houve sobr'ello.*

**T**ORNOU João Estevens mui ledo com a opa vestida que o mestre dera, forrada de penagrins com uma vieira no peito dourada, e chegou de noite ao serão, a horas que o Conde rezava, e disse-lhe que o mestre mostrara que folgava muito com seu recado, dizendo que elles prestes eram, e todas as outras cousas que lhe com elle avieram.

O Conde ouviu todo, e visto o escripto que trazia, chamou a seu conselho esses que tinha em costume, e esguardando bem o que o mestre escrevera, e fallou com o escudeiro, acharam que todo era arte castellã, e que o mestre não fazia aquello, salvo por se o Conde ir fóra de sua terra, e dizerem depois que o fizera com medo e covardice, e como fosse em Portugal que não faria d'aquelle conta, e

elle ficaria com honra e escusado de poer batalha; ca se lhe promettia de dar logo tregua e tinha poder de o fazer, e d'isto havia vontade, que não havia porque o poer mais em tardança, ca não podia elle melhor tempo ter pera fallar nas duvidas que sobre taes cousas recrecer podiam, que estando ambos acerca, mas que isto eram palavras que nunca haviam de vir a effeito, de que não era de curar, mas todavia poer-lhe a praça, pois tanto mostravam que d'ello lhe prazia.

Esto determinado, folgou o Conde aquelle dia da Trindade, e á segunda-feira bem cedo, ante manhã, ouvidas missas, deram ás trombetas, e foram-se ao valle da Almeda, que era entre elle e os inimigos, e não acharam ninguem, onde o Conde poz sua batalha pé terra, aguardando-os alli todo o dia que viessem a ella, e não o quizeram fazer; e dormiu o Conde alli aquella noite.

Em outro dia moveu a hoste pera acerca do castello da Feira, que era d'alli uma legua, onde o mestre estava pera lhe poer batalha em outro lugar, e em esse dia foram feitas boas escaramuçadas entre os da hoste e os castellãos que desciam a fundo da alteza onde estavam, nas quaes Martim Affonso de Mello andou mui bom cavalleiro, e tão sentido dos castellãos que o não ousavam d'attender, e fugiam-lhe de boa mente, e em esto se expendeu aquelle dia.

A' quarta-feira mui cedo, ouvidas missas, concertou o Conde suas batalhas como tinha ordenado que houvessem d'ir, a um campo assaz razoado pera pelejarem, rosto d'onde o mestre e outros senhores estavam n'aquelle alto cabeça da serra, tendo o Conde que descessem a elle, como de suas gentes houvesse vista e elles o não quizeram assim fazer,

ante se acostavam mais acima junto com o castello da Feira.

Vendo o Conde como receavam a batalha, e não queriam vir a ella, não embargando que estavam n'aquella altura, encaminhou a elles pé terra como estavam ordenados até chegar ao pé do monte, e alli lhe mandou dizer o Conde que lhes rogava que viessem tomar a batalha, pois elle alli estava prestes, porque a primeira se mostravam pera ello muito aguçosos, e que entonces parecia que o punham em grande vagar, e que elles foram a elles muito de grado, mas que se pozeram em tão grão altura que não era lugar onde pelejar podessem, e o mestre lhe mandou dizer que elles fariam como mais sua prol entendessem, e que lhe rogava e pedia que os não quizessem avergonhar em os ter assim encurralados, e que se tornasse pera sua terra com tão grande honra como tinha, e que enviasse a elle um escudeiro de que se fiasse pera fallar com elle algumas cousas que eram serviço de Deus e de a que elle prazeria; e o Conde enviou a lá um seu criado, que chamavam Fernão Domingues, e mandou-lhe dizer que fallasse com elle o que por bem tivesse, e o mestre fallou com elle que dissesse ao Conde secretamente que lhe rogava que se tornasse pera sua terra, e que elle lhe promettia dar tregua por gran tempo, e mais traatar entre os reis ambos paz com muita sua honra e serviço de Deus, affirmado-o assim com juramento.

O Conde houve todo esto por razões, dizendo que não tornaria atraz, mas iria por diante por tomar entrega do nojo que d'elle havia recebido, e perguntou a Fernão Domingues se havia aquelle lugar tal entrada por que podesse chegar a elles.

E os que o viram disseram que ainda que fossem a pé e desarmados não poderiam lá ir, salvo com grande trabalho, e mais que elles estavam apalancados nos logares mais chãos, e muita gente d'armas e béstaria que lhe pareciam mais gentes que elles.

O Conde disse que por o mais, nem por o menos não fazia conta, ca todo era em poder de Deus, mas pois o logar não era convinavel, que não cumpriria mais trabalhar sobre esto, mas leixarem-os estar, e entrar pela terra dentro adiante a despeito e vista d'elles.

### CAPITULO CLXVIII

*Como o Conde partiu de Castella e se veiu a Portugal.*

VENDO o Conde como o mestre, e os que com elle estavam, que por nenhuma guisa queriam vir a elle, e receavam a batalha, moveu com sua hoste por diante leixando os castellãos atraz, entendendo que tão grande honra lhe era correr a terra á vista d'elles e não lhe ousarem poer batalha, como de lh'a poer e os vencer.

Partiu logo pera Çafra, que era espaço de duas leguas, e ali se aposentou aquelle dia, onde acharam assaz mantimentos, e muitos e bons vinhos, e porque esta villa era do mestre, começaram as gentes talhar as arvores e poer fogo de redor, porém que ao Conde não prazia d'esto, porém elles faziam-

n'o acinte por o mestre vêr a seus olhos queimar sua terra, e não ousar de lhe vir accorrer.

E vindo o Conde pera aquelle logar, Gonçalo Annes de Abreu que uma das alas levava com outros capitães, correu apoz dozentas lanças de castellãos que vinham mirar a hoste uma grande legua, que não ousaram d'attender, pero levasse bem pouca gente.

Aquelle dia, sendo já o Conde aposentado se recresceu no arraial grande arruido, na qual foi assaz de volta e juntos muitos homens, em tanto que o Conde sahiu da tenda com um mantão coberto sem outra cousa, por vêr que era aquello, e quando chegou onde a volta era, ia já bem acompanhado, e os que eram afóra do arruido que o assim viram andar, cuidando que era contra elle, lançavam as espadas fóra trazendo-as levantadas sobre elle pelo guardar, e assim o trouveram entre si apertado, de guisa que o Conde perdeu o mantão e ficou em gibão, e assim andou um espaço até que as gentes souberam o que era, e cessou a volta, e tirada inquirição por mandado do Conde, achou que um escudeiro que chamavam Affonso Peres Sarracinho fôra levantador do arruido; outros diziam que por azo de bom vinho, e logo quizera proceder contra elle muito asperamente por tal cajom que se de tal podia recrecer, e a rogo de muitos que por elle rogaram cessou d'ello, porém degradou-o da hoste.

D'este logar de Çafra, como hi chegou, mandou o Conde certas gentes a correr, e elle partiu-se outro dia pera Burguilhos, que eram d'alli trez leguas, e chegou hi uma quarta-feira, vespera do Corpo de Deus.

Este logar é cercado, de quatrocentos visinhos,



com um castello em elle, e o Mestre mandara já hi suas gentes, e aos outros logares por onde entendeu que o Conde andaria, assim que estavam bem em elle setecentas lanças de bons cavalleiros e escudeiros, e de peões bésteiros assaz, e cercaram o arrabalde de pedra sêcca nas entradas das ruas, e bésteiros e gentes d'armas em guarda das barreiras, temendo que o Conde os combatesse, pois que pozera o arraial sobre elles, e o Conde porque tinha já assaz de honra e entrega do que lhe o mestre fizera, des-ahi por o muito mal que os pobres lavradores passavam, que não haviam culpa, não entendia mais damno fazer.

Ao dia seguinte do Corpo de Deus teve o Conde hi sua festa, andando todos armados em procissão pelo arraial em bom assocego e ordenado regimento, como se fossem em uma cidade em que se ordenadamente e honrada podesse fazer.

D'esto eram mui anojados os castellãos que os viam, dizendo que o Conde mais fazia aquello por sua deshonra e menos preço, que por honrar a festa da guisa que o fazia, e depois que o Corpo de Deus andou em procissão pelo arraial, Martim Affonso de Mello, que era um d'aquelles que o dia d'antes fôra com seiscentas lanças do Conde e suas á forragem, deu em amanhecendo no arrabalde de Salvaterra, pensando que achasse alguns do mestre, e não achou senão os moradores do logar, de que roubou e prendeu gran parte; e em se tornando encontrou com somma de ginetes que vieram de Sevilha por mandado do mestre e tornavam-se pera suas casas, e Martim Affonso deu em elles, e não o quizeram esperar, e foram d'elles presos e mortos, assim na topada como no encalço; e quando

chegou com sua cavalgada de gados, e bestas e muitos prisioneiros, sahiram os de Burguilhos a elle, e o Conde do arraial por lhe occorrer, e ácerca do arrabalde foi feita uma grande escaramuça, em que houve feridos de uma parte e outra, entre os quaes foi Gonçalo Annes de Abreu e Gomes Garcia de Foios.

Em outro dia partiu o Conde de Burguilhos, e foi pera ácerca de Xerez, que eram d'alli quatro leguas, estando já hi o mestre de Santiago que se viera da Feira, d'onde não quiz poer batalha, e não sahiu nenhum a elle.

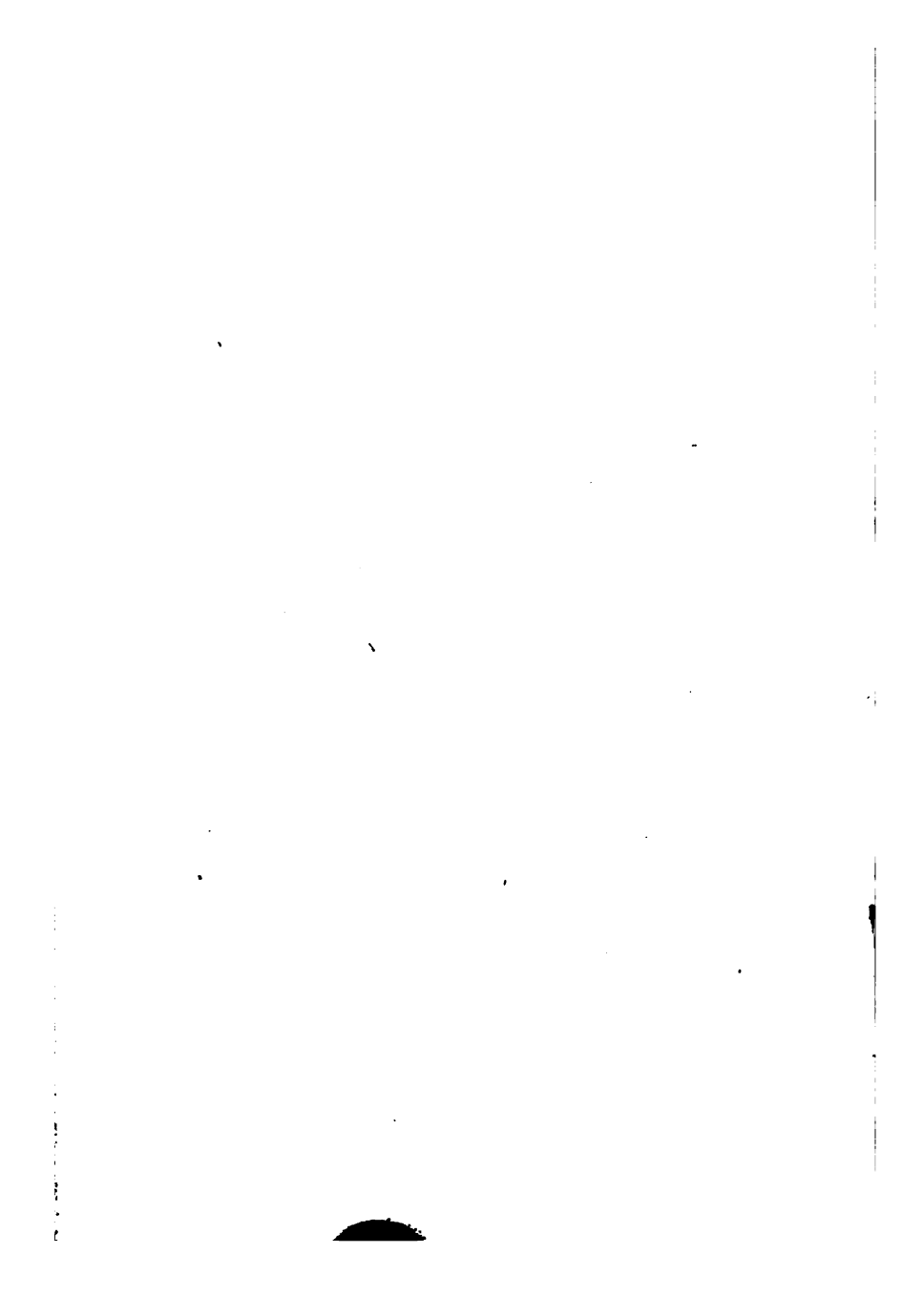
O Conde quando esto viu, foi-se seu caminho alorjar perto de Villa Nova de Barcarrota.

E em outro dia foi dormir ácerca do extremo, entre Villa Nova e Olivença, e alli lhe veiu recado que o mestre queria vir a elle, por a qual razão o aguardou alli trez dias, e ainda aguardara mais, mas trouxeram-lhe novas que o mestre não queria vir, e que derramara já suas gentes; entonce se veiu a Olivença com grande roubo de gado e bestas e prisioneiros, como aquelle que andara quinze dias por Castella, e foram corredoras bem vinte leguas dentro por o reino, e chegou o Conde a Villa Viçosa, onde sua madre e sua filha estavam, e d'ahi partiu pera Evora e poz suas frontarias, e foi-se a Montemór por repousar de seus trabalhos, onde fique folgando uns poucos de dias, e vamos em tanto vêr o que fez el-rei depois que se partiu d'elle.



# INDEX





# INDEX

|                                                                                                                                             | PAG. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| CAPITULO CXXI. — Como el-rei de Castella se mandou escusar ao duque que não podia vêr por sua doença                                        | 5    |
| CAPITULO CXXII. — Como el-rei juntou aquelle ouro que devia de pagar ao duque .....                                                         | 8    |
| CAPITULO CXXIII. — Começo de resposta á dispensação, que dissemos que aquelle historiador fallara .....                                     | 9    |
| CAPITULO CXXIV. — Como morreu o Papa Urbano e el-rei mandou seus embaixadores a Bonifacio .....                                             | 13   |
| CAPITULO CXXV. — Do theor da primeira lettra que na Sé foi publicada .....                                                                  | 17   |
| CAPITULO CXXVI. — Da publicação da segunda lettra que os mensageiros trouxeram da Côrte .....                                               | 21   |
| CAPITULO CXXVII. — Como el-rei mandou que se partissem as cousas que a sua frota tomasse .....                                              | 28   |
| CAPITULO CXXVIII. — Que maneira el-rei mandou que se tivesse nos feitos que foram trautados perante os officiaes d'el-rei de Castella ..... | 30   |
| CAPITULO CXXIX. — Como el-rei poz contia aos fidalgos, e d'outras cousas que ordenou .....                                                  | 32   |
| CAPITULO CXXX. — Como se veiu pera el-rei D. Pedro de Castro, e D. Pedro da Guerra e o infante D. Diniz, que andavam em Castella .....      | 35   |
| CAPITULO CXXXI. — Como el-rei mandou pagar o que fôra tomado nas naus de Genoa, e se foi a Braga fazer côrtes .....                         | 36   |
| CAPITULO CXXXII. — De uma entrada que os inimigos fizeram em Portugal e do roubo que levaram d'elle                                         | 38   |
| CAPITULO CXXXIII. — Como o Conde transnoutou sobre os gascões, e os desbaratou e lhes tomou o roubo .....                                   | 40   |
| CAPITULO CXXXIV. — Como el-rei foi cercar Melgaço ..                                                                                        | 44   |

|                                                                                                                                              | PAG. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| CAPITULO CXXXV. — Da bastida e escalas que el-rei mandou fazer . . . . .                                                                     | 45   |
| CAPITULO CXXXVI. — Como el-rei cobrou a villa por preitezia . . . . .                                                                        | 47   |
| CAPITULO CXXXVII. — Como el-rei foi cercar Campo Maior . . . . .                                                                             | 51   |
| CAPITULO CXXXVIII. — Como el-rei cobrou o logar por preitezia . . . . .                                                                      | 53   |
| CAPITULO CXXXIX. — Como el-rei casou algumas donzellas, e mandou queimar um seu camareiro . . . . .                                          | 55   |
| CAPITULO CXL. — Como el-rei cercou Tuy e o tomou por preitezia . . . . .                                                                     | 60   |
| CAPITULO CXLI. — Como foram feitas treguas entre Portugal e Castella . . . . .                                                               | 63   |
| CAPITULO CXLII. — De algumas razões que el-rei disse em razão das côrtes que fizera . . . . .                                                | 65   |
| CAPITULO CXLIII. — Como el-rei de Castella descobriu aos do conselho que queria fazer do reino, por lhe dizerem o que lhes parecia . . . . . | 67   |
| CAPITULO CXLIV. — Como responderam a el-rei aquelles a que pediu conselho sobre o repartimento do reino . . . . .                            | 69   |
| CAPITULO CXLV. — Como el-rei fallou a alguns sobre o thesouro que fazer queria pera a guerra . . . . .                                       | 77   |
| CAPITULO CXLVI. — Da resposta que deram aquelles a quem o bispo e o cavalleiro fallaram . . . . .                                            | 80   |
| CAPITULO CXLVII. — Como morreu el-rei de Castella da queda de um cavallo . . . . .                                                           | 83   |
| CAPITULO CXLVIII. — Dos filhos que el-rei D. João houve, e em que tempo nasceram . . . . .                                                   | 84   |
| CAPITULO CXLIX. — Que maneira tinham em guardar a obediencia a seu padre estes infantes . . . . .                                            | 89   |
| CAPITULO CL. — Como foram postas treguas entre Castella e Portugal . . . . .                                                                 | 93   |
| CAPITULO CLI. — Dos embaixadores que a el-rei de Castella vieram, e da resposta que levaram . . . . .                                        | 97   |
| CAPITULO CLII. — Como o Condestabre deu parte das suas terras aos que com elle serviram na guerra . . . . .                                  | 102  |
| CAPITULO CLIII. — Como el-rei ordenou de comprar as terras aos fidalgos, e foram chamados pera ello. . . . .                                 | 104  |

|                                                                                                                            | PAG. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| CAPITULO CLIV. — Como se o Conde quizeria partir do reino, e por que razão foi embargado de o não fazer.....               | 107  |
| CAPITULO CLV. — Como Martim Affonso de Mello fallou com Gonçalo Annes sobre a tomada de Badalhouce .....                   | 109  |
| CAPITULO CLVI. — Como os de Badalhouce tomaram suspeita de Gonçalo Annes, e das razões que lhe disseram.....               | 113  |
| CAPITULO CLVII. — Como Gonçalo Annes fallou com Martim Affonso, e das razões que os de Badalhouce disseram outra vez ..... | 116  |
| CAPITULO CLVIII. — Como foi tomado Badalhouce....                                                                          | 119  |
| CAPITULO CLIX. — Como el-rei mandou recado a Castella sobre a tomada de Badalhouce, e do que sobre ello se fallou.....     | 124  |
| CAPITULO CLXI. — Das gentes que entraram pela Beira e por riba de Odiana, e da maneira que el-rei sobre ello teve.....     | 126  |
| CAPITULO CLXII. — Como o Conde ordenou de entrar em Castella, e da maneira que teve em ello .....                          | 130  |
| CAPITULO CLXIII. — Como o Conde partiu de Caceres e se veiu a Portugal .....                                               | 133  |
| CAPITULO CLIV. — Como o Conde ordenou outra vez de entrar por Castella, e chegou a Villalva.....                           | 136  |
| CAPITULO CLXV. — Do recado que o Mestre mandou ao Conde desafiando-o pera pelejar, e da resposta que a ello deu. ....      | 140  |
| CAPITULO CLXVI. — Como fallou o escudeiro do Conde com o mestre, e das razões que ambos houveram.....                      | 143  |
| CAPITULO CLXVII. — Do recado que o escudeiro trouxe, e o acordo que o Conde houve sobr'ello.....                           | 148  |
| CAPITULO CLXVIII. — Como o Conde partiu de Castella e se veiu a Portugal .....                                             | 151  |